

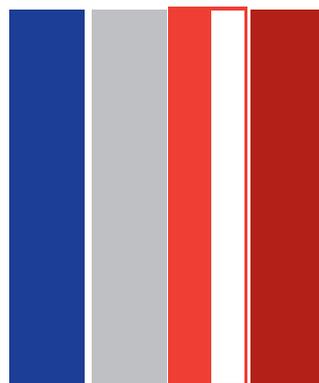
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
VARIANTE ESTUDOS DE MÉDIA E JORNALISMO

Para a História do Jornalismo Desportivo Radiofónico em Portugal: O Contributo da 'Bola Branca'

Luís Miguel Nogueira

M

2016



Luís Miguel Nogueira

**Para a História do Jornalismo Desportivo Radiofónico em
Portugal: *O Contributo da ‘Bola Branca’***

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, Variante de Estudos de Média e Jornalismo, orientada pelo(a) Professor(a) Doutor(a) Ana Isabel Reis

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2016

Para A História do Jornalismo Desportivo Radiofónico em Portugal: O Contributo da ‘Bola Branca’

Luís Miguel Nogueira

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientada pelo(a)
Professor(a) Doutor(a) Ana Isabel Reis

Membros do Júri

Professor Doutor Paulo Frias da Costa
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professor Doutor Luís António Santos
Instituto de Ciências – Universidade do Minho

Professora Doutora Ana Isabel Crispim Mendes Reis
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Classificação obtida: 19 valores

*Para a Ana e para a Isabelinha, pelo amor incondicional,
apesar das falhas e das ausências*

Agradecimentos

À Professora Ana Isabel Reis pelo incansável apoio e pela disponibilidade demonstrada ao longo de todo este percurso. Obrigado por partilhar tanto do seu conhecimento sobre a paixão que temos em comum: a rádio. Uma dívida que nunca conseguirei saldar.

Ao Ribeiro Cristóvão, mestre do jornalismo desportivo radiofónico português, pelos “segredos” que desvendou para esta investigação.

Ao Pedro Azevedo, editor de desporto da Rádio Renascença, pelo valioso e fundamental contributo. Ao Nelson Ribeiro pelas explicações.

Aos meus pais, pelos sacrifícios.

Resumo

‘Bola Branca’ é o mais antigo programa desportivo da rádio portuguesa à hora certa. Criado em 1980 por Ribeiro Cristóvão, Artur Agostinho e Alves dos Santos desde cedo se assumiu como um espaço que privilegiaria a divulgação de notícias relacionadas com o futebol, aquele que é considerado o desporto-rei em Portugal.

Dar muitas notícias em pouco tempo, com credibilidade, rigor e isenção, foram apenas alguns dos motivos que contribuíram para que tivesse conquistado rapidamente ouvintes fiéis e se tenha tornado numa das imagens de marca da Rádio Renascença.

‘Bola Branca’ está intrinsecamente ligada à história do jornalismo desportivo radiofónico no nosso país. No entanto, é escassa, para não dizer inexistente, a informação disponível sobre um programa que já está “no ar” há mais de 35 anos.

Com este estudo pretende-se reconstituir a história da ‘Bola Branca’ ouvindo os seus protagonistas e caracterizar, com um estudo de caso, um programa que marca o panorama radiofónico português.

Assim, dentro do possível, este trabalho procura preencher parte desse vazio e, ao mesmo tempo, ser uma humilde contribuição para a história da rádio em Portugal.

Palavras-chave: Rádio, Jornalismo, Desporto, Renascença

Abstract

‘Bola Branca’ is the oldest regular sports programme on Portuguese radio. Created in 1980 by Ribeiro Cristovão, Artur Agostinho and Alves dos Santos, from the beginning it became the programme that promoted news related to football, which is considered to be the king of sports in Portugal.

To give a lot of news in a short time, with credibility, accuracy and liberty, were only some of the motives which contributed to the fact that it rapidly won faithful listeners and has become one of the hallmarks of Rádio Renascença.

‘Bola Branca’ is intrinsically linked to the history of radio sports journalism in our country. However, there is a scarcity, not to say inexistence, of information available about a programme which has been ‘on air’ for more than 35 years.

With this study we intend to reconstitute the history of ‘Bola Branca’ hearing their protagonists and characterize, with a case study, a program that marks the Portuguese radio panorama.

Therefore, within the limits of possibility, this paper attempts to fill in part of this void and at the same time to be a humble contribution to the history of radio in Portugal.

Keywords: Radio, Journalism, Sports, Renascença

Sumário

Agradecimentos	vi
Resumo	vii
Abstract	viii
Introdução	3
Capítulo 1. – Breve História da Rádio	6
Capítulo 2. – A História da Rádio Renascença	10
Capítulo 3. – Breve História do Jornalismo Desportivo	14
Capítulo 4. – A História do Jornalismo Desportivo Radiofónico	17
Capítulo 5. – As Fontes de Informação no Jornalismo Desportivo	32
Capítulo 6. – A História da ‘Bola Branca’	36
6.1. Como Tudo Começou	36
6.2. O Acesso à Informação	45
6.3. Os Meios Técnicos	49
6.4. ‘Bola Branca’ na Atualidade	52
Capítulo 7. – Metodologia da Investigação	61
7.1. Objetivos e Hipóteses de Investigação	61
7.2. Análise do <i>Corpus</i> da Investigação	61
Capítulo 8. – Investigação	65
8.1. Tipo de Notícias	65
8.2. Temas das Notícias	75
8.3. Relevância da Notícia Segundo Tipo e Tema	81
8.4. Notícias de Abertura	84
8.5. Fontes de Informação	91
8.6. O Som e as Vozes das Notícias	99
8.7. Futebol vs Modalidades	103
8.8. O Domínios dos “3 Grandes”	111
Conclusão	114
Referências bibliográficas	120
Anexos	126

Quadro 1. – Grelha Análise Diária dos Noticiários da ‘Bola Branca’	128
Quadro 2. – Grelha Análise Mensal dos Noticiários da ‘Bola Branca’	132
Quadro 3. – Grelha Análise Diária Tipo de Notícias Identificadas	132
Quadro 4. – Grelha Análise Mensal Temas das Noticias	135
Quadro 5. – Grelha Análise Mensal de “Acertos” em “Transferências/Mercado”	136
Quadro 6. – Grelha Análise Diária de Notícias Abertura (Tema, Tipo e Modalidade)	136
Quadro 7. – Grelha Análise Mensal de Noticias Abertura (Tema da Notícia).....	139
Quadro 8. – Grelha Análise Mensal de Noticias Abertura (Tipo de Notícia)	140
Quadro 9. – Grelha Cruzamento Variáveis Tema e Tipo de Noticias (Unidades)	140
Quadro 10. – Grelha Análise Mensal Comparativa Futebol vs Modalidades (Noticias e RM’s) ..	140
Quadro 11 – Grelha Análise Tipo de Noticias das Modalidades	141
Quadro 12. – Grelha Análise Mensal Vozes das Noticias	141
Quadro 13 – Grelha Análise Mensal Vozes das Noticias/Protagonistas (Futebol e Modalidades)	142
Quadro 14. – Grelha Análise Mensal de declarações obtidas em ocs	142
Quadro 15. – Grelha Análise Mensal Duração RM’s.....	142
Quadro 16 – Grelha Análise Mensal Tipo Fontes de Informação	143
Quadro 17. – Grelha Análise Mensal Fontes de Informação	143

Introdução

Em 1980 a Rádio Renascença (RR) já se tinha tornado na estação de maior audiência em Portugal. Decide, por isso, acabar com algumas produções independentes, que até ali asseguravam a programação da estação, e criar espaços próprios. Foi o caso do desporto. Ribeiro Cristóvão é chamado para chefiar a secção desportiva e convida para integrar a equipa dois nomes fortes e respeitados do jornalismo desportivo da altura: Artur Agostinho e Alves dos Santos. Assim nasce ‘Bola Branca’, um título que Ribeiro Cristóvão trouxe dos tempos em que fazia rádio em Angola.

‘Bola Branca’ adotou uma fórmula que rapidamente conquistou ouvintes fiéis: dar muitas notícias em pouco tempo e assumidamente sobre futebol, a modalidade que em Portugal tem a capacidade de gerar maior audiência.

O espaço da RR já está em antena há 36 anos. Curiosamente, é quase inexistente a literatura sobre aquele que é considerado o mais antigo programa desportivo da rádio portuguesa. Este foi o ponto de partida para a elaboração desta dissertação. Entendeu-se que seria interessante e pertinente aprofundar a história da ‘Bola Branca’.

A intenção deste trabalho é, sobretudo, dar a conhecer um pouco da evolução do espaço desportivo da emissora católica, desde a sua génese até aos dias de hoje. Pretende ser também um contributo, ainda que simples, para a história do jornalismo desportivo radiofónico em Portugal e, conseqüentemente, para a história do meio hertziano nosso país. Contudo, sublinhe-se, muitos dados ficaram ainda por explorar e outros podem e merecem ser aprofundados.

Desde o início ficou claro que seria necessário recorrer a fontes orais para obter informações valiosas sobre o programa, já que, como foi anteriormente referido, é escassa a informação sobre a ‘Bola Branca’. Desse modo, foram realizadas entrevistas pessoais a Ribeiro Cristóvão, o fundador daquele espaço desportivo, e a Pedro Azevedo, atual editor de desporto da Rádio Renascença. A primeira foi realizada em Lisboa, a 30 de abril de 2014, e a segunda, no Porto, uma semana depois, a 7 de maio de 2014.

Recorreu-se à técnica da entrevista presencial pois esta permite fazer perguntas que inicialmente não estavam previstas “mas que surgem pelas respostas dos entrevistados e que, por essa razão, podem introduzir aspetos importantes que, inicialmente, não estavam contemplados” (Alves, 2012:149).

As referidas entrevistas foram preparadas atempadamente e elaborado um guião com tópicos que foram consideradas pertinentes, de forma a alcançar os objectivos propostos. Esse mesmo guião serviu de orientação e de ajuda para que não fossem esquecidos os temas que pretendiam ser abordados com os entrevistados.

Utilizou-se o tipo de entrevista não-estruturada (aberta), já que, “para além de ser possível alterar a ordem dos tópicos que constituem o guião de entrevista, também é possível introduzir outros tópicos (não previstos inicialmente) ou suprimir alguns tópicos previstos, se o entrevistador durante a entrevista considerar que não é necessário introduzi-los” (Alves, 2012:150). Este tipo de entrevistas é o aconselhado “quando o objectivo é reunir informação com um elevado grau de profundidade” (Alves, 2012:150), como era o caso. Além disso, obtém-se material empírico em grande quantidade e uma enorme riqueza de dados.

Este método, contudo, “representa um investimento de tempo considerável na sua realização” (Alves, 2012:150), sem esquecer o tempo que é necessário despendido na transcrição de dados.

Depois da realização das duas entrevistas referidas e com os dados disponíveis achou-se conveniente realizar uma curta entrevista com o ex-diretor de programas da Rádio Renascença, Nélson Ribeiro. Durante o período em que este foi responsável pela emissora católica, ‘Bola Branca’ sofreu algumas alterações no seu formato e, portanto, era essencial entender as razões para tal decisão. O questionário foi enviado por e-mail e respondido por escrito.

Entretanto, por telefone, a 20 de Setembro de 2016, foi efetuada uma segunda entrevista ao editor de desporto da RR, Pedro Azevedo, solicitando esclarecimentos sobre algumas alterações introduzidas recentemente no programa.

Para a elaboração deste trabalho entendeu-se ainda, para melhor contextualizar a história de ‘Bola Branca’, que seria fundamental realizar uma pesquisa sobre a história

do jornalismo desportivo, a história do jornalismo desportivo radiofónico, a história da rádio e a história da Rádio Renascença. Para tal, procedeu-se a uma apurada busca de literatura sobre os temas em questão e ao cruzamento dos dados recolhidos em obras de vários autores.

Finalmente, realizamos uma investigação com o intuito de compreender a forma como ‘Bola Branca’ reproduz a realidade do fenómeno desportivo em Portugal. Para atingir o objetivo proposto gravamos todas as edições de ‘Bola Branca’ ao longo do ano de 2015, tendo sido posteriormente retirada e analisada uma amostra estratificada de 128 programas.

Capítulo 1. – Breve História da Rádio

Desde a primeira transmissão radiofónica até hoje a rádio esteve sempre em constante evolução. Várias conquistas técnicas e tecnológicas permitiram o aparecimento deste meio cuja morte muitos pressagiaram, mas que desempenhou um papel importante em grandes conflitos mundiais e sobreviveu às ameaças da televisão e da internet. A tudo se soube adaptar.

A história da rádio começa bem antes de sua invenção propriamente dita. É em invenções como o telégrafo e o telefone que este meio de comunicação vai buscar a sua origem, sendo “fruto do esforço e das contribuições de pessoas que trabalhavam em diversos lugares” (Santos Díez, 2003:27).

Nos primeiros tempos, a rádio era utilizada, essencialmente, para o envio de telegramas, para comunicações militares, para comunicações com navios em alto mar e para outras aplicações civis. “As marinhas de guerra foram os primeiros a utilizá-la para romper o isolamento dos navios e para coordenar os movimentos das esquadras” (Albert & Tudesq, 1981:10).

Durante a 1ª guerra mundial, houve um certo abrandamento na difusão da tecnologia de rádio. Nos estados Unidos, todas as patentes foram confiscadas. Os governantes compreenderam que a rádio era essencial em termos de segurança e, por isso, o uso para fins exclusivamente civis foi proibido. Porém, pela positiva, o conflito foi importante para o desenvolvimento da rádio do prisma técnico e a escuta cresceu.

Nos anos vinte “aparecem as primeiras emissoras com carácter regular. Rádios que emitiam ao serão, diretamente da casa dos seus ‘programadores’ regressados de mais um dia de trabalho e que faziam da rádio o seu hobby” (Reis, 2009:9). Nos Estados Unidos, já acontecia inclusivamente a transmissão “de música nos jardins públicos, criando assim uma nova forma de entretenimento” (Ribeiro, 2010:116).

A primeira rádio a transmitir regularmente foi a KDKA, “a 2 de novembro de 1920, em Pittsburg (EE.UU.)” (Santos Díez, 2003:40). É considerada “a primeira emissora do mundo de carácter informativo ao transmitir uma reportagem sobre as americanas eleições presidenciais e a dar a conhecer antes dos periódicos o nome do candidato vitorioso, Waren G. Hardin” (Santos Díez, 2003:40).

A rádio tornou-se rapidamente num verdadeiro negócio, quer através da venda de milhares de recetores, quer através de investidores que aproveitavam para promover os seus produtos e que pagavam pela publicidade. Em território norte-americano, ainda durante a segunda década do séc. XX, “a actividade radiofónica movimentava cerca de 60 milhões de dólares anuais” (Ribeiro, 2010:117). Tal situação originou que fossem criadas dezenas de estações de rádio e com isso o meio sofreu algumas transformações.

Na Europa o progresso foi mais lento. Ainda assim, em 1925 já existiam estações “em 19 países diferentes” (Albert & Tudesq, 1981:15). Na Inglaterra, três anos antes, foi fundada a BBC, “um serviço público beneficiando dum monopólio sem ser um organismo estatal” (Albert & Tudesq, 1981:16), diferente do modelo norte-americano que assentava em investimento privado. Em França, as primeiras transmissões começaram em 1921 “utilizando como antena a Torre Eiffel” (Santos Díez, 2003:40). Dois anos depois, na Alemanha, “a estação Vox Hause era uma realidade” (Santos Díez, 2003:41). No final dos anos vinte, no continente europeu, já existiam 3 milhões de aparelhos de rádio.

Portugal também foi atingido pela “febre” da rádio. “Pode dizer-se que os primeiros balbúcius da rádio no nosso país se deram por volta de 1902” (Maia, 2009:51). Mais tarde, em 1914, ocorre a primeira experiência radiofónica – Rádio Hertz. Diferentes pessoas desejavam construir as suas próprias emissoras de rádio. Era um período de grande entusiasmo pela radiodifusão e, muitas vezes, “mais importante que os conteúdos que se transmitiam, o importante era conseguir chegar longe com o sinal transmitido” (Ribeiro, 2005:97). Porém, foi só em 1925, com a denominada CT1 AA, que surgiu a primeira estação com emissões regulares, por intermédio de Abílio Nunes dos Santos, considerado “o pai da radiodifusão em Portugal” (Maia, 2009:85). Seguiram-se outras emissoras em Lisboa e no Porto. Nessa época, a programação era constituída apenas por peças tocadas ao vivo, dentro de um repertório de música clássica, pois a gravação de discos dava os primeiros passos” (Santos, 2005b:138).

As décadas de 30 e 40 foram os anos de ouro da rádio. “A TSF sai do amadorismo e começa a profissionalizar-se” (Albert & Tudesq, 1981:23). Foram criados mais programas, sobretudo de entretenimento, como comédias e radionovelas, apostou-se em

música mais popular, os horários de emissão foram alargados e começaram a aparecer os primeiros jornais noticiosos. Nos anos trinta “já 40% das famílias nos EUA tinham um aparelho em casa” (Rados, 2008:56) e com o passar dos anos acabou mesmo por se tornar num equipamento doméstico habitual, resultado do fabrico em série e da redução do preço de custo dos recetores. Com maior número de pessoas à escuta foi com naturalidade que se deu a “entrada da publicidade e a consequente visão da rádio como um produto inserido num mercado” (Reis, 2009:10). Igualmente se começou a legislar sobre o assunto.

Em Portugal, surgiram três grandes emissoras: o Rádio Clube Português (RCP), a Emissora Nacional (EN), e a Rádio Renascença (RR). A primeira a nascer foi o RCP, em 1931, cujo proprietário era Jorge Botelho Moniz, e com “uma programação menos inclinada para a transmissão de música clássica e mais voltada para outros tipos de música, como a popular (espanhola, americana e portuguesa), numa altura em que o mercado fonográfico disponibilizava mais discos” (Santos, 2005b:138).

Quatro anos depois foi a vez da Emissora Nacional começar a transmitir. “Com outra estrutura, de farto orçamento, advinda do facto de pertencer ao Estado, e numa altura de afirmação de Salazar, a Emissora Nacional forjou um tipo de programação que se manteria muito igual ao longo de décadas. A estação tornou-se um dos pilares da propaganda do regime” (Santos, 2005b:138). A última grande estação a surgir no espectro radiofónico português foi a Rádio Renascença, a partir de 1937, e ligada à Igreja Católica. “No final da década, estava formado o panorama da rádio em Portugal, que perduraria até ao golpe militar de 1974 (Santos, 2005b:138).

Em meados do séc. XX a rádio é confrontada com a primeira ameaça: a televisão. “Com a emergência da televisão, a rádio começou a perder algum protagonismo, mas o domínio do meio perdurou em vários países até mais tarde: em Portugal, por exemplo, “a televisão apenas foi introduzida em 1956 (emissões experimentais na Feira Popular de Lisboa)” (Sousa, 2006:198).

O aparecimento da televisão provocou o fascínio junto do público, mas a rádio soube adaptar-se, os progressos técnicos continuaram, a qualidade das emissões foi melhorada, os recetores tornaram-se mais leves e baratos, o que permitiu que grande

parte da população já tivesse acesso à rádio. Os transístores tiveram um grande impacto no consumo de rádio. A sua portabilidade originou a escuta individual, em contraponto com a audição coletiva, que se fazia até então.

Os programas também sofreram transformações. Com os novos equipamentos e o telefone, a rádio saiu à rua, misturou-se com a audiência e colocou-a no ar” (Reis, 2009:12). A qualidade das emissões é melhorada e “o Rádio Clube Português inicia, em Portugal, as transmissões por FM” (Maia, 2009:182). Pode afirmar-se que se assistiu a uma nova fase da rádio portuguesa, mais moderna na qual “desenvolveram-se novas ideias especialmente no campo da música e da ficção (Cordeiro, 2004:3). Contudo, foi ainda nos anos 50, concretamente em 1959, que o RCP inovou na forma como apresentava os seus noticiários. O jornalista Luís Filipe Costa foi convidado pelo proprietário do RCP, João Botelho Moniz, “a criar um serviço de noticiários apelativos que agradasse aos ouvintes” (Cristo, 1999:31). Juntamente com um grupo de jornalistas implementa uma nova linguagem radiofónica e concebe noticiários curtos, concisos, criando um estilo que rompia, à época, com o que se fazia na rádio em Portugal. “Os noticiários tinham pequenas histórias encadeadas, em estilo telegráfico, criando uma narrativa como se fossem anúncios publicitários ou cinema documental” (Santos, 2013b:10). Um modelo que permaneceu até aos dias de hoje.

Nos anos 60, assistiu-se a uma nova reformulação da rádio que “começou lentamente a assumir um papel de divulgação da cultura” (Cordeiro, 2004:3). Os programas são alargados às madrugadas. O direto começou a ser bastante utilizado como forma de “escapar às malhas da censura prévia” (Cordeiro, 2004:3).

Em finais dos anos 70 “o setor da rádio em Portugal conhece uma agitação nunca antes vista com a proliferação por todo o país de centenas de pequenas emissoras locais” (Bonixe, 2012a:314). Em 1988, o governo, na tentativa de travar a expansão destas rádios, obriga-as a fechar. Com o intuito de legalizar algumas “rádios pirata” surge no início de 1989 a nova lei da rádio, que permitiu a aquelas com melhores condições e equipamentos continuar as suas emissões normais. A partir desta altura, muitas localidades passaram a dispor da sua rádio, cujo objetivo era informar sobre os assuntos

relacionados com a população. A rádio voltou dessa forma “a ocupar um papel principal nos lares portugueses ao dar voz ao ‘país real’” (Reis, 2009:16).

É mais ou menos por esta altura que nasceu a TSF, uma estação que viria a revolucionar a forma de fazer rádio em Portugal. A primeira emissão a sério, mas ainda como rádio pirata, sucedeu em Fevereiro de 1988. “A primeira notícia do primeiro noticiário, às 7 da manhã, foi lida por Francisco Sena Santos” (Meneses, 2003:22).

Atualmente, em Portugal, a Rádio Comercial é líder de audiências, lugar conquistado a partir de Julho de 2012, seguido pela RFM e a Rádio Renascença. As principais estações emissoras estão integradas em vários grupos de media. RR, RFM, Rádio Sim e Mega Hits (Grupo R/Com); Antena 1, Antena 2 e Antena 3 (RTP); Rádio Comercial, M80, Cidade Fm e Smooth Fm (Media Capital) e TSF (Controlinveste).

Pelo país estão ainda espalhadas centenas de rádios locais, embora estejam a desaparecer a um ritmo alucinante ou trabalhar em condições muito débeis, em virtude dos problemas económicos que as têm afectado.

Capítulo 2. – A História da Rádio Renascença

A intenção de criar uma emissora católica em Portugal começa a germinar ainda durante a segunda década do séc. XX, na mesma altura em que se assistiu ao advento da radiodifusão no nosso país. Atentos ao fenómeno que estava a surgir, os padres Magalhães Costa e Domingos Bastos viram na rádio uma nova forma de evangelização.

No início da década seguinte, em 1931 e 1932 publicaram “alguns artigos no Diário do Minho, onde tentaram demonstrar a importância da Igreja Católica “possuir um veículo capaz de levar a sua voz a milhares de portugueses em simultâneo” (Ribeiro, 2002:19). “A reação foi, praticamente, nula e àqueles artigos não houve qualquer resposta” (Maia, 2009:139). No entanto, no ano seguinte, Monsenhor Lopes da Cruz começa a publicar uma série de textos na revista Renascença - Ilustração Católica, pedindo donativos aos católicos e a ideia começa a tomar forma. “De norte a sul do país, os prelados e sacerdotes começaram a propagar, por entre fiéis, a necessidade da ajuda económica de cada um para a construção do emissor” (Maia, 2009:140). É também

lançada a ideia de criar uma sociedade a que deviam “pertencer todos os católicos de boa vontade, de modo a ser possível sustentar o posto emissor” (Maia, 2009:140). O objetivo era que esses mesmos católicos contribuíssem com “uma quota mensal de 2\$50” (Ribeiro, 2002:21). Esta sociedade acabou por se transformar na Liga de Amigos da Rádio Renascença, “uma liga semelhante às outras emissoras, mas com potencial mais elevado dado o âmbito religioso da estação (Santos, 2005a:194). Ao mesmo tempo, por todo o país “centenas de voluntários, jovens e senhoras” (Maia, 2009:141) levam a cabo diversos peditórios para tornar possível a criação de uma rádio da igreja. “Em dois anos recolhem cerca de setenta mil escudos” (Maia, 2009:141).

Em 1935 foi adquirido o primeiro emissor comprado “na melhor casa da especialidade dos Estados Unidos” (Maia, 2009:141) e com uma “potência suficiente para se ouvir em ondas médias em todo o país” (Maia, 2009:141).

Após anos de angariação de fundos e de diversos apelos, para “a oferta de discos de gramofone, de um bom piano de concerto, de um harmónio” (Maia, 2009:141), a Rádio Renascença começa a emitir a título experimental nos primeiros meses de 1936. Em Janeiro de 1937, a RR iniciou as emissões experimentais diárias “e em modo contínuo desde Agosto desse ano” (Santos, 2005a:188), “em ondas médias para a região de Lisboa, e em curtas para parte dos continentes europeu e africano” (Ribeiro, 2002:22). 1938 será um ano com significado especial para a emissora, pois é oficializada como uma instituição eclesiástica. É também o ano em que são inaugurados os novos estúdios na Rua Capelo, em Lisboa.

Durante o período referente à 2ª Guerra Mundial, apesar das grandes dificuldades financeiras, a Renascença conseguiu sobreviver às adversidades que emergiram com o conflito recorrendo a “novos peditórios e campanhas que tiveram uma larga adesão” (Ribeiro, 2002:24) e, inclusivamente, foi capaz de colocar em funcionamento “o emissor da onda média do Porto, que começou a emitir a 23 de Julho de 1940” (Ribeiro, 2002:24). Mais uma vez, e com a ajuda e boa vontade dos católicos portugueses, em Maio de 1941, é criada a RR-Porto, que passou a emitir “algumas horas de programação autónoma” (Ribeiro, 2002:24).

O alargamento do espaço de emissão foi sendo feito gradualmente durante os primeiros anos da década de 50, embora a programação fosse dedicada, essencialmente “a música de orquestra, palestras e música ligeira portuguesa” (Ribeiro, 2002:27), para além, claro, dos espaços religiosos.

A Renascença, no início dos anos 60, apresentou ainda alguns programas inovadores e que obtiveram grande êxito; em 1970 passa a emitir 24 horas por dia, tendo sido, contudo, “a última das três grandes estações de radiodifusão a lançar a sua programação ininterrupta, tendo o RCP sido pioneiro nesta matéria (Ribeiro, 2001:104). A nível musical eram passados todos os últimos êxitos e todas as correntes da nova música portuguesa” (Maia, 2009:334). As canções de intervenção de Sérgio Godinho, José Mário Branco, Fausto, Manuel Freire, Adriano Correia de Oliveira ou José Afonso não agradavam ao regime vigente

Foi em 72 que nasceu o serviço de notícias da Rádio Renascença, “composto por nove profissionais, chefiados por Carlos Cruz” (Ribeiro, 2001:104). Até aqui a RR apresentava uma informação pobre quando comparado com o que era feito na Emissora Nacional e, principalmente, no RCP. Até esta altura, os blocos informativos da Renascença resumiam-se à leitura das notícias que eram difundidas na imprensa escrita.

Curiosamente, foi num dos programas da RR mais vigiados pelos censores que foi transmitida a senha que desencadeou a revolução do 25 de Abril de 1974. Foi no programa ‘Limite’ e o alinhamento para emissão “incluía a leitura da primeira quadra de «Grândola Vila Morena», a transmissão da canção na íntegra, novamente a leitura da primeira quadra, poema «Geografia», poema «Revolução Solar» e a canção «Coro da Primavera»” (Ribeiro, 2002:39). Este bloco foi escutado em todos os quartéis do país, por volta da 00h20. Estava dado o sinal de partida para um dos momentos mais marcantes da história portuguesa e que viria provocar profundas alterações na rádio do país e da própria emissora católica.

Poucos dias depois a tranquilidade que se vivia na RR é quebrada com a primeira greve de funcionários da estação, tornando-se no primeiro órgão de comunicação social a paralisar após a revolução. “Na base da greve estava uma profunda divergência de critérios entre os noticiaristas e o Conselho de Gerência, a propósito da cobertura das

chegadas a Lisboa de Mário Soares e Álvaro Cunhal” (Ribeiro, 2000:271), após vários anos no exílio. Os gerentes da estação consideravam que o acontecimento deveria ser apenas noticiado, ao contrário dos jornalistas que entendiam que o assunto deveria ser alvo de reportagem. Este conflito agudizou-se ao longo de vários meses e a emissora católica foi centro de um conturbado processo.

Só a 1 de Janeiro de 1976 a RR recomeçou as suas emissões dentro da normalidade, embora em horários reduzidos e com blocos informativos “essencialmente com notícias recortadas da imprensa, na medida em que demorou alguns meses até os serviços de informação voltarem ao seu funcionamento normal” (Ribeiro, 2001:108).

Ao nível de programação, nesse mesmo ano foi criado o programa ‘Despertar’ “que se veio a transformar no programa mais ouvido em Portugal durante mais de duas décadas” (Ribeiro, 2001:108). Nesta altura, grande parte dos espaços de emissão foi assegurada por produtoras independentes.

Nos finais da década de 70, começo de 80, a RR decidiu avançar para uma fase de expansão dos seus emissores. Para tal, voltou a recorrer á ajuda dos milhares de católicos portugueses, através da ‘Campanha dos Novos Emissores’ e “os primeiros frutos tornaram-se visíveis com a inauguração das emissões em onda curta para o Brasil” (Ribeiro, 2001:110). Pouco tempo depois era também inaugurado o emissor de Onda Média de Muge.

Por esta altura a Rádio Renascença já se tinha tornado na estação mais ouvida em Portugal, mas também começava a sentir uma forte concorrência por parte da Rádio Comercial que “atraía os ouvintes mais jovens graças à sua programação de FM essencialmente musical” (Ribeiro, 2001:110). Para combater a ameaça da RC, a Emissora Católica passa, no final de 1981, a fazer o “desdobramento regular, mas parcial, das suas emissões em dois canais (Maia, 2009:149). Ou seja, em OM apostava numa programação com mais palavra e, em FM, com mais música.

A partir de 1985, a RR é contemplada com uma nova rede de FM, contudo, o documento governamental que conferia à emissora católica o aumento do espectro radiofónico foi alvo de forte oposição por parte de alguns partidos políticos e motivo de acesas discussões no parlamento. Por isso, só em Janeiro de 1987 foi possível à RR

lançar o seu “segundo canal – RFM – destinado a um público jovem e essencialmente urbano (Ribeiro, 2001:111).

Nos anos noventa mantém-se a tendência de crescimento que passou por uma consolidação do grupo. A 7 de Setembro de 1998 surgiu a Mega FM (hoje denominada Mega Hits) para um target jovem e, dez anos mais tarde, é a vez de ser lançada a Rádio SIM, para um público sénior.

Durante vários anos a Rádio Renascença foi líder de audiências em Portugal, estatuto perdido apenas no início do novo século quando cedeu “o primeiro lugar a outra rádio do grupo, a RFM” (Lima & Reis, 2011:1202). A própria RFM viria a perder a liderança em Julho de 2012, ultrapassada pelo Rádio Comercial.

Capítulo 3. – Breve História do Jornalismo Desportivo

O jornalismo desportivo, tal como o conhecemos hoje, começou a despertar ainda durante o séc. XIX. A imprensa escrita foi a primeira a fazer circular informação sobre o desporto e, curiosamente, dedicada a modalidades que, nos tempos que correm, são alvo de uma cobertura pouco mediática.

A primeira imprensa desportiva nasceu em Inglaterra e rapidamente alastrou ao resto da Europa, contribuindo para promover determinadas modalidades e para o desenvolvimento de diversas competições.

Nos finais do século XIX e princípios do século XX já era a própria imprensa quem criava e patrocinava grandes eventos. “O Le Veló organizou em 1898 e 1899 grandes competições de natação no Sena e em Joinville Le Pont” (Andújar, 2013:9). Sensivelmente na mesma altura, o dono do New York Herald, Gordon Bennett, começou a promover uma série de provas batizadas com o seu nome, desde corridas de automóveis, de veleiros, de balões e até corridas aéreas. Em 1901, o Le Matin criou o rali Paris-Pequim; em 1903, o L’Auto, que mais tarde passou a chamar-se L’Equipe, é quem organiza a primeira Volta a França em bicicleta. É também o L’Equipe quem está na origem do campeonato da Europa de futebol.

Contudo, são os Jogos Olímpico de Londres, em 1908, “com transmissões para todo o mundo por meio do telégrafo, e os de Estocolmo 1912, com os primeiros envios fotográficos” (Alcoba *apud* Andújar: 1993:64) que facilitam “a consolidação dos primeiros diários desportivos e a criação de outros novos” (Andújar, 2013:9).

A partir daqui, com um público cada vez mais interessado pelo desporto, e através da divulgação de resultados “os meios de comunicação ganharam notoriedade social e, a partir daí, cresceram empresarialmente” (Torrijos, 2012a:2).

Em Portugal, o aparecimento da imprensa desportiva foi tardia. Só em 1893 surgiu “o primeiro jornal desportivo português - O Velocipedista -, dedicado ao ciclismo, uma modalidade muito em voga na altura” (Coelho & Pinheiro, 2002:47). Esta publicação nasceu no Porto, “apresentando-se como revista quinzenal de oito páginas” (Coelho & Pinheiro, 2002:47). Seguiu a mesma linha de algumas publicações que tinham aparecido na Europa, também dedicadas à modalidade.

Por esta altura, também o generalista Diário Ilustrado passa a publicar artigos sobre futebol, escritos pela ‘pena’ de António Bandeira, considerado o primeiro jornalista desportivo do nosso país, “antigo jogador de futebol, que se tornou jornalista em consequência de um acidente de viação, no qual perdeu uma perna” (Coelho & Pinheiro, 2002:47). Carlos Calixto, jornalista, deputado, dirigente desportivo de relevo, também se começou a destacar pelas suas crónicas desportivas “publicadas inicialmente nas páginas de O Século” (Pinheiro, 2006:28).

A profissão só começa a consolidar-se a partir dos anos 20, período em que foram lançadas várias publicações “dando finalmente uma dimensão nacional e popular ao fenómeno do desporto” (Pinheiro, 2009:220). Este quadro de euforia deveu-se, sobretudo, ao apogeu do futebol e à crescente popularidade de modalidades como o boxe e do ciclismo.

A proliferação de publicações desportivas por todo o território nacional proporcionou também o aparecimento de novos valores do jornalismo. A revista Football, “uma das primeiras a assumir o nome da modalidade” (Coelho & Pinheiro, 2002:138), era formada pelos jovens Cândido de Oliveira e Ricardo Ornelas, “que se

tornariam numa referência do jornalismo desportivo português nas décadas seguintes” (Pinheiro, 2009:176).

No entanto, “os primeiros jornalistas desportivos foram rotulados como jornalistas de segunda, já que a área de que tratavam estava ao alcance de qualquer um e todos podiam divulgar tais informações” (Alcoba, 2011:65). Por exemplo, em Portugal, só em Janeiro de 1975 os profissionais da informação desportiva foram equiparados “aos restantes colegas da imprensa diária, reconhecendo-lhes o direito a uma carteira profissional e ao estatuto de jornalistas” (Pinheiro, 2009:466).

Foi apenas na década de 50 que surgiu a profissionalização do jornalista desportivo. Para tal, muito contribuiu o ‘nascimento’ dos jornais “A Bola (1945), Mundo Desportivo (1945) e Record (1949), a que se juntava no Porto O Norte Desportivo (1934)” (Pinheiro, 2009:384).

O aparecimento destas publicações provocou “um ambiente quezilento” (Pinheiro, 2009:388) na imprensa generalista desportiva e a necessidade de publicar mais do que uma vez por semana. Um panorama que conduziu ao crescimento das redações e à contratação de novos profissionais a tempo inteiro. Assim, “o total amadorismo (entendido como actividade não remunerada) do jornalismo desportivo, característico nas décadas anteriores, cedeu definitivamente o lugar a um gradual profissionalismo (remunerado) dos jornalistas desportivos” (Pinheiro, 2009:388). Atualmente, “é no desporto que há mais concorrência jornalística em Portugal” (Menenes, 2003:216).

Foi num período importante da imprensa escrita desportiva que surgiu a televisão. O estado português criou a Rádio Televisão Portuguesa (RTP) e “na sua primeira emissão experimental, em 4 de Setembro de 1956, a RTP apostou desde logo no desporto, inserindo a rubrica Revista Desportiva no programa inaugural, transmitido às 21h30” (Pinheiro, 2009:416). Este programa foi apresentado por Domingos Lança Moreira “que entrevistou o ciclista Alves Barbosa, vencedor da Volta a Portugal em Bicicleta, tendo também promovido uma demonstração de ténis de mesa, no estúdio, pela equipa do SL Benfica” (Pinheiro, 2009:416).

Obviamente que esta emissão televisiva, novidade na altura, repercutiu-se em toda a imprensa desportiva. Os jornais, receando a concorrência, abordaram o assunto de

forma negativa. Ao mesmo tempo provocou muita inquietação no meio desportivo, com receio de que o pequeno ecrã pudesse debilitar e retirar público aos espetáculos. Por esta altura, já a rádio se tinha tornado num importante veículo de informação desportiva.

Capítulo 4. – A História do Jornalismo Desportivo Radiofónico

A 14 de Setembro de 1923, o argentino Luis Ángel Firpo e o norteamericano Jack Dempsey enfrentaram-se num combate de boxe. Em causa estava o título mundial da modalidade e o confronto estava a gerar enorme expectativa, sobretudo, na Argentina. Dessa forma, “em Buenos Aires, o diário La Nación usou uma estratégia, que seria histórica, para que o que se passava no El Ground’s Stadium chegasse aos ouvidos dos locais” (Grandi, 2011). Foi a primeira vez que um evento desportivo foi alvo de uma transmissão radiofónica.

A narração do combate desde o ringue novaiorquino foi emitida para a Transradio Internacional, em Villa Elisa, La Plata, daí para a recém-inaugurada Radio Sud América e, finalmente, para a Radio Cultura, a responsável por difundir o relato. Este acontecimento provocou um elevado entusiasmo em Buenos Aires e milhares pessoas aglomeraram-se às portas das redacções de jornais “para seguir as notícias e escutar por alta voz a transmissão” (Grandi, 2011). A rádio tinha poucos anos de existência e os aparelhos de escuta ainda não estavam acessíveis para todas as pessoas.

O argentino Firpo perdeu o combate. “A notícia provocou uma profunda decepção nos adeptos, mas faz disparar a venda de aparelhos de rádio devido ao efeito alcançado: a imediatez da transmissão das notícias” (Grandi, 2011). No dia seguinte, o diário La Nación noticiava da seguinte forma a transmissão histórica:

“A instalação sem fios, mediante a qual foi possível um contacto noticioso perfeito entre Nova Iorque e Buenos Aires, consiste num aparelho de aspecto humilde que se oculta debaixo do primeiro assento junto ao ringue”¹

¹ Texto retirado do site: <http://www.espn1079.fm/blogs/espn1079/?id=2658&modo=ampliar>

Estava assim dado o primeiro passo para a proliferação das transmissões desportivas na rádio, o que sucedeu nos anos seguintes.

Na Europa, em 1923, “os estúdios radiofónicos da Radiola, em Paris, também decidiram fazer o relato do combate entre os famosos pugilistas Carpentier e Nils” (Pinheiro, 2009:318). Como a tecnologia disponível ainda não permitia realizar relatos em direto, decidiu-se que um jornalista daria informações por telefone para o estúdio e desde aí “o prestigiado jornalista Marcel Laporte daria um resumo aos ouvintes ao fim de cada round” (Pinheiro, 2009:318).

Esta transmissão, novidade na altura, fez tanto sucesso, que poucos meses depois já se realizava o primeiro relato em direto de um combate de boxe, “cabendo a honra à celebridade da rádio francesa, Edmond Dehorter, que desde a Sala Wagram, em Paris, relatou o duelo entre o francês Criqui e o belga Hebrans” (Pinheiro, 2009:318). Este tipo de transmissões, a partir daqui, começou a alargar-se também a outras modalidades “em especial ao futebol, ciclismo e rãguebi” (Pinheiro, 2009:318).

Contudo, os primeiros passos na informação desportiva na rádio não foram fáceis. Os meios técnicos disponíveis eram simples e pouco desenvolvidos e as transmissões ficaram marcadas por diversas interferências e ruídos. Mas a rádio teve ainda de debater-se com outros problemas: a desconfiança “dos organizadores das competições por pensarem que a transmissão em direto das mesmas afastaria os espectadores dos eventos” (Arcos, 2011:195) e, principalmente, o desagrado da “tradicional imprensa periódica desportiva, receosa de perder leitores” (Pinheiro, 2009:318).

Para provar este cenário basta recordar o sucedido durante os Jogos Olímpicos de Paris, em 1924. Os organizadores da competição “pressionados pelos jornalistas da imprensa periódica impediram a entrada, no Estádio Colombes, em Paris, do jornalista radiofónico Edmond Dehorter, que pretendia fazer o relato da final do torneio de futebol, entre o Uruguai e a Suíça” (Pinheiro, 2009:319). Pelos vistos, já nessa altura, os jornalistas radiofónicos tinham uma enorme capacidade em improvisar e o relato foi feito no interior de um balão de ar quente que fora alçado junto ao estádio. Em Portugal, segundo Santos (2005a:253) em 1929 “houve desafios de futebol relatados via telefone por um altifalante colocado numa praça”.

Como atrás se referiu, o surgimento da rádio foi olhado de forma negativa por parte da imprensa escrita. No entanto, esta resistência foi-se dissipando aos poucos e rapidamente a rádio e imprensa começaram a colaborar na cobertura de grandes eventos desportivos. “Em 1929, os periódicos L’Intransigeant e Match financiariam a RádioCité para fazer as primeiras reportagens em directo do Tour de France (Pinheiro, 2009:319).

No início dos anos 30, também em Portugal, as parcerias entre a imprensa e a rádio desportiva foram alcançadas. O primeiro exemplo dá-se entre o Diário de Notícias e a estação de Lisboa CT1DE: “um serviço de reportagem radiofónica, com a transmissão de um desafio de futebol” (Santos, 2005a:255). No final do ano seguinte também o jornal O Volante e a emissora CT1BO entram em acordo para a realização “todos os domingos, de um programa radiofónico dedicado à actividade automobilística, o qual despertaria grande interesse entre os ouvintes” (Pinheiro, 2009:320).

Segundo Santos (2005a:112) a rádio lisboeta conhecida como CT1DH “seria a primeira estação portuguesa a transmitir um desafio de futebol. Em 1934, por exemplo, retransmitiu o Portugal – Espanha, em colaboração com o Jornal Os Sports”. Também nesse ano, “foi a vez da Rádio Graça fazer uma alargada cobertura radiofónica, com uma extensa entrevista e reportagem” (Pinheiro, 2009:320) sobre a despedida dos relvados do jogador de futebol Augusto Silva, que se tinha notabilizado ao serviço do CF Belenenses e da seleção nacional. Inclusive, o jornal Sprint, poucos dias depois haveria de publicar uma matéria sobre essa transmissão “destacando o seu inovador trabalho radiofónico (Pinheiro, 2009:320).

Em 1935, a Rádio Luso de Lisboa estabeleceu uma parceria com o jornal Sporting. Os jornalistas da publicação portuense ficaram responsáveis “por fazerem, duas vezes por semana, um programa radiofónico” (Pinheiro, 2009:321). Ainda no mesmo ano, “a rádio CT1HZ de Coimbra faria um dos primeiros relatos de futebol fora do círculo lisboeta” (Pinheiro, 2009:321), transmitindo em directo o derby da cidade entre a Académica e a União de Coimbra. No Porto, “o Norte Desportivo, em Janeiro de 1938, em que passou a emitir na Emissora ORSEC, propriedade dos irmãos Oliveira, o programa O Norte Desportivo Radiofónico” (Pinheiro, 2009:328).

Aliás, nas primeiras rádios amadoras que surgiram no nosso país, durante os anos

20 e princípios de 30, “o desporto, em especial o futebol, começou a ganhar mais espaço noticioso e atenção”. (Pinheiro, 2009:320). Por exemplo, a Rádio Condes de Lisboa (CS2ZC) tinha em António Guimarães o “crítico desportivo da estação” (Santos, 2005a:314) e a colaboração de “Cabral Rocha, do jornal Stadium” (Maia, 2009:61); a Rádio Peninsular de Lisboa (CS2ZI) tinha uma secção desportiva, com serviço noticioso aos domingos, a cargo do “jornalista desportivo e professor de educação física, José Crisóstomo Teixeira (Maia, 2009:66); a Invicta Rádio do Porto (CS2XB), em colaboração com o jornal o Século já levava a cabo “a transmissão de vários desafios de futebol realizados em Portugal e Espanha” (Maia, 2009:70); a Casa Branco & Irmão do Porto (CS2XD) contava com a colaboração de “várias personalidades de destaque do meio desportivo” (Maia, 2009:73).

Como se sabe estas estações emissoras amadoras não eram autorizadas a ter publicidade nas suas programações e assim “tiveram imensa dificuldade em melhorar os seus postos e, naturalmente, os seus programas” (Maia, 2009:73), inviabilizando de igual modo uma maior aposta no desporto, até porque já surgiam em Portugal estações de maior dimensão e com outros recursos para potenciar a informação desportiva.

O Rádio Clube Português foi fundado em 1931 e desde logo na sua programação “surgiram iniciativas que, para a época, se poderiam considerar de grande sucesso” (Maia, 2009:123), entre elas “os relatos desportivos” (Maia, 2009:123). No entanto, seria a Emissora Nacional, criada em 1935, a interessar-se “pelo potencial que o desporto representava, não tardando em criar a sua primeira secção desportiva, que esteve inicialmente sob a responsabilidade de Fernando Amado (Coelho & Pinheiro, 2002:413). Contudo, o primeiro grande nome do jornalismo desportivo radiofónico em Portugal foi José de Ayala Botto.

Antigo praticante de futebol, rãguebi e atletismo e ainda professor de ginástica, Ayala Botto dedicou-se ao desporto na Emissora Nacional a partir de 1936. Ficaram famosas as suas palestras desportivas, com o título de Ecos Desportivos “as quais se prolongariam até 14 de Março de 1955, fazendo de Ayala Botto uma das principais vozes desportivas da rádio portuguesa” (Pinheiro, 2009:322).

Ayala Botto fez a primeira transmissão oficial de um jogo de futebol pela rádio, em Janeiro de 1938. O desafio colocou frente a frente Benfica e Sporting e realizou-se no Campo das Amoreiras, em Lisboa. Nos domingos seguintes, em diferentes campos da zona da capital, prosseguiu com esta fórmula de sucesso. No entanto, vários clubes começaram a queixar-se. “Antevendo uma quebra de receitas provocada pela diminuição das idas aos estádios, aqueles tentaram que as transmissões fossem suspensas, mas sem êxito” (Ribeiro, 2010:126). Contudo, ainda se assistiu a uma fase em que apenas eram permitida a entrada dos repórteres após o intervalo do jogo “obrigando os profissionais a fazer o resumo da primeira parte e só depois o relato da segunda” (Cristo, 1999:12).

Pinheiro (2009:328) dá como exemplo uma situação ocorrida na cidade invicta:

“Um dos episódios ilustrativos da situação passou-se no Porto, num domingo em que o Académico do Porto recebeu em casa o Carcavelinhos, sofrendo a concorrência feita na Avenida dos Aliados pela transmissão radiofónica (através de grandes colunas) do SL Benfica-FC Porto, que à mesma hora se realizava nas Amoreiras, em Lisboa – muito público preferiu ficar nos Aliados a ouvir o relato (nesta altura os aparelhos de rádio eram ainda caros e pesados) do que ir até ao Campo do Lima ver o jogo do Académico”

No início, Ayala Botto não teve apenas a contestação dos clubes. Também “ouvintes e jornais desportivos queixaram-se da fraca qualidade dos relatos, acusando o locutor de não estar familiarizado com o jogo e com os nomes dos jogadores” (Pinheiro, 2009:328). Os únicos relatos que não merceiam qualquer tipo de crítica eram aqueles que envolviam a seleção nacional. Naquela altura os relatos dos jogos da equipa das quinas eram ouvidos por milhares de pessoas, que se reuniam à volta dos aparelhos de rádio, muitas vezes ao ar livre.

Também foi Ayala Botto o narrador “da primeira transmissão radiofónica integral de um jogo internacional, que se realizou a 24 de Abril de 1938, em Frankfurt, a propósito de um Alemanha – Portugal a contar para o Campeonato do Mundo” (Coelho & Pinheiro, 2002:413).

A chegada da rádio também obrigou os jogadores a adaptarem-se à nova realidade. Muitas vezes os atletas dirigiam-se ao relatores para que estes “falassem bem deles

durante os relatos, uma vez que isso lhes conferia um elevado prestígio social, desportivo e familiar” (Pinheiro, 2009:413). Há aliás uma história bem curiosa relatada no livro a “Paixão do Povo”.

“Tornou-se famosa nesta altura a história do jogador do Académico do Porto, Lemos, e do popular “relator” Ayalla Botto. O facto do futebolista portuense, com alguma regularidade, se dirigir ao jornalista antes do arranque das partidas despertou a curiosidade dos colegas e adeptos academistas. Ayalla Botto explicaria ao jornal Sporting que Lemos lhe pedia sempre para caso se magoasse não dar a notícia na rádio... É que a sua mãe era idosa e estava adoentada, evitando assim afligi-la ainda mais... Os colegas, que pensavam que Lemos pedia a Ayala para falar bem dele de forma a impressionar a namorada, ficaram muito sensibilizados” (Coelho & Pinheiro, 2002: 313).

Ayala Botto viria a deixar a Emissora Nacional apenas em 1955, tendo sido substituído por Alfredo Quádrios Raposo, que se tornaria, juntamente com Artur Agostinho, numa das principais vozes desportivas radiofónicas da segunda metade da década de 1950 (Pinheiro *apud* Oliveira, 1964:83).

Ao longo dos anos os relatos de futebol foram captando uma audiência cada vez mais numerosa. E foi “graças à radiodifusão, o desporto acabou por tornar-se profissional e adquiriu uma dimensão nacional nas primeiras décadas do séc. XX” (Ribeiro, 2010:125).

Em 1948, o Rádio Clube Português também passa a dar uma maior atenção ao desporto e “a Emissora Nacional deixou de ter o exclusivo das transmissões desportivas” (Coelho & Pinheiro, 2002:413).

No RCP começou a destacar-se Domingos Lança Moreira, que com as suas produções próprias (as Produções Lança Moreira). “introduziu os relatos de futebol com dois locutores, comentários desportivos ao intervalo dos jogos e publicidade” (Santos, 2013b:20). As transmissões eram feitas em direto e em simultâneo nos campos onde se realizavam os dois principais jogos da jornada, com “as duplas de redactores Lança Moreira-Reis Júnior e Mário Sérgio-António Miguel” (Pinheiro, 2009:414). Os relatos

eram difundidos pelo Rádio Clube, mas também “para a Rádio Voz de Lisboa e para o Clube Radiofónico de Portugal” (Pinheiro, 2009:414). Outro dos programas de grande sucesso chamava-se “Previsões Desportivas, que ia para o ar aos domingos, às 12h45, fazendo uma antevisão dos jogos de futebol que se realizavam à tarde” (Pinheiro, 2009:414).

Para não perder ouvintes, a Emissora Nacional passou também a utilizar três relatores na cobertura do principal jogo da jornada, “um, o locutor principal, na zona de meio-campo (normalmente Artur Agostinho) e os outros dois atrás de cada baliza (Amadeu José de Freitas e Nuno Barros)” (Pinheiro, 2009:415). Um formato já bastante utilizado no Brasil, mas que em Portugal constituía uma novidade. Também nesta altura, a Emissora Nacional passou a contar com o comentador desportivo, algo que não era utilizado até então. Esta função passou a desempenhada “até meados dos anos 1960, pelos conceituados jornalistas Tavares da Silva, Trabucho Alexandre e Aurélio Márcio” (Pinheiro, 2009:415).

No Porto, um grupo de rádio, os Emissores do Norte Reunidos, que agrupava “cinco estações: Ideal Rádio, Rádio Porto, Rádio Clube do Norte, Electromecânico e ORSEC (Oficinas de Rádio, Som, Eletricidade e Cinema), as quais emitiram até ao final de 1975, quando a nacionalização da rádio as integrou na chamada RDP” (Santos, 2013a:2), também estava na primeira linha das transmissões desportivas. Claro que pelo facto de ser um grupo sediado na invicta dava destaque ao clube mais representativo da cidade, o FC Porto, que começava a tentar travar a hegemonia futebolística dos rivais lisboetas, Benfica e Sporting. Por exemplo, em 1953, os Emissores do Norte Reunidos realizaram desde o Funchal “a transmissão integral e em direto do encontro de futebol Marítimo-Futebol Clube do Porto, para a Taça de Portugal. Para isso, deslocaram-se três colaboradores: Jorge Lara (repórter), Jerónimo Matos (locutor) e Peixoto Alves (técnico)” (Santos, 2013a:8).

Nesta época, os estádios portugueses não estavam ainda equipados para acolher os jornalistas radiofónicos. As bancadas de imprensa eram inexistentes e os profissionais das emissoras tinham de efetuar os seus relatos junto ao terreno de jogo e, muitas vezes, junto ao público que assistia às partidas. Lança Moreira percebeu rapidamente que era

necessário realizar alterações estruturais recintos portugueses para que a imprensa pudesse realizar o seu trabalho em condições mais favoráveis, a exemplo do que já sucedia em alguns países da Europa.

Nesta altura, os jornalistas desportivos começavam a ser enviados muitas vezes ao estrangeiro para acompanhar as equipas portuguesas e, sobretudo, a selecção nacional, e deparavam-se com estádios onde as condições oferecidas eram bastante superiores às do nosso país. O jornalista considerava que era necessário “melhorar a visibilidade para os locutores, devendo criar locais elevados nos campos, donde fosse possível fazer uma descrição mais correcta, mais fiel, porventura mais descongestionada dos jogos” (Pinheiro, 2009:414).

Não se sabe se os apelos de Lança Moreira tiveram alguma influência, mas foi apenas nos anos 50 que se “generalizou em Portugal a utilização de numeração nas camisolas dos jogadores. Assim se facilitava a vida dos jornalistas e do público, sempre ávido de reconhecer os seus ídolos” (Coelho & Pinheiro, 2002:418).

Lança Moreira foi, igualmente, dos primeiros profissionais a defender publicamente os locutores desportivos que, de alguma forma, era vistos como praticantes de um jornalismo menor, mas que ele considerava “os trabalhadores mais sacrificados dos parques atléticos”, uma vez que tinham de estar noventa minutos a falar, muitas das vezes, sem as mínimas condições de visibilidade e climatéricas” (Pinheiro, 2009:413). O jornalista, na altura, dizia o seguinte:

“No Inverno, suportam chuva, vento, frio e humidade. Chegam ao fim dos prélios ou encharcados até aos ossos, ou enregelados, a pontos de se lhe tolherem os movimentos. No Verão, a poeira que se levanta dos terrenos “pelados”, aliada ao sol tórrido, “seca-os” e asfixia-os, de maneira insuportável.” (Pinheiro, 2009: 413)

Quase todos os programas eram dedicados ao futebol, o desporto que tinha mais sucesso junto da população portuguesa. Contudo, foi devido à rádio que o ciclismo também tornou-se bastante popular. Em especial a Volta a Portugal em bicicleta era alvo de transmissões em direto, onde os locutores desportivos relatavam a chegada dos ciclistas á meta. Mas também ficaram célebres as colaborações de Francisco Igrejas

Caeiro com o Rádio Clube Português e do seu programa Os Companheiros da Alegria. “Em 1951, no final da Volta a Portugal em Bicicleta, os organizadores desta convidaram Igrejas Caeiro para montar espectáculos no concelho onde acabava cada etapa (Santos, 2013b:4). O êxito foi tanto que nos anos subsequentes Igrejas Caeiro continuou a realizar este programa, interrompido apenas em 1954.

Outra modalidade que mereceu especial atenção pelas rádios portuguesas foi o hóquei em patins. Ficaram célebres as transmissões dos “primeiros títulos mundiais conquistados pelo hóquei em patins português, no Chile e em Espanha, em finais da década de 40, princípios da década de 50, e que foram vividos cá precisamente através das ondas radiofónicas” (Garcia, 2006:63). Era o tempo em que a televisão era apenas uma miragem e a rádio era a única forma da população acompanhar em direto as emoções dos jogos no Torneio de Montreux (na Suíça), por ocasião da Páscoa, e dos campeonatos do Mundo e da Europa. Estes relatos, efetuados por nomes como Artur Agostinho, Nuno Brás ou Amadeu José de Freitas, “merecerem o acompanhamento, em altas horas da madrugada, de milhares de portugueses, de ouvidos colados a rádios com onda-curta, movidos através de um simples ‘fio de quadrante’” (Garcia, 2006:63).

Ainda assim, era o futebol que merecia particular atenção por parte das emissoras de rádio, situação ainda mais evidente a partir da década de 60 e que se “deveu à própria dimensão europeia, dada ao futebol português, pela presença do SL Benfica em cinco finais da Taça dos Clubes Campeões Europeus durante os anos 1960 e à excelente participação da Selecção Nacional, no Mundial de Inglaterra-1966” (Pinheiro, 2009:462). “Nos anos 60, era já inconcebível qualquer jornada internacional em que participasse uma equipa portuguesa, sem a cobertura da rádio, pelo menos da EN” (Cristo, 1999:12). De salientar que os jogos dos encarnados frente ao Barcelona, na época 60/61 e ao Real Madrid, em 61/62, proporcionaram grandes níveis de audiência. É verdade que a televisão já tinha chegado mas, na altura, “haveria um aparelho por cada bairro nas principais zonas urbanas. Em algumas áreas do interior do país, nem isso certamente” (Garcia, 2006:63).

Estes relatos radiofónicos serviram ainda para tornar os relatores de futebol verdadeiros ídolos. Artur Agostinho, Romeu Correia, Nuno Brás, Fernando Correia,

Carlos Cruz, Fernando Garcia, Vítor Sérgio, Fernando Almeida ou Abel Figueiredo usufruíam de uma enorme popularidade junto do público. Alguns deles acabaram por tornar-se em “estrelas” da televisão portuguesa. Aliás, era bastante comum, naquele tempo, as principais vozes da rádio serem também chamadas para apresentar programas televisivos.

Em 1966, no rescaldo da excelente participação da seleção portuguesa no Mundial de Inglaterra, a Emissora Nacional volta a alterar o formato das suas Tardes Desportivas, aos domingos. “Todos os jogos do Campeonato Nacional da I Divisão passaram a ser transmitidos, em cadeia” (Coelho & Pinheiro, 2002:413). Com o surgimento dos transístores a pilhas, revolucionou-se o acesso ao áudio e os relatos de futebol generalizaram-se e tornaram-se indispensáveis em casa, nos passeios, nos estádios, no automóvel e até no trabalho.

Ao mesmo tempo, no jornalismo desportivo, em particular no futebol, começou a despontar uma nova linguagem.

“A grande responsabilidade pelo nascimento do ‘futebolês’ coube aos relatores da rádio e da televisão. A vontade do jornalista criar um estilo próprio fez engordar o léxico do ‘futebolês’, que assenta naquilo que se designa habitualmente por ‘lugares-comuns’, muitas vezes repetidos, como são os casos das populares expressões: ‘substituições de uma assentada’, ‘defesa bem escalonada’, ‘primeiro poste’, ‘postura competitiva’, ‘a bola anichou-se’ ou a ‘bola saiu junto ao poste mais distante’. Mas estes são apenas alguns exemplos... Populares também se tornaram chavões como ‘chicotada psicológica’, ‘actuação irrepreensível’, ‘atirou a bola para o melhor sítio’, ‘a força da técnica contra a técnica da força’, ‘arremesso manual’, ‘espaço vazio’, ‘foi ao homem...’, ‘marcação em cima’, postura atacante no último terço do terreno’ ou ‘dentro das quatro linhas’... Vítor Santos, Alves dos Santos e Artur Agostinho foram tão-só alguns dos históricos jornalistas que iniciaram o dicionário do ‘futebolês’, alimentado posteriormente por nomes como Ribeiro Cristóvão, Rui Tovar, Gabriel Alves ou Jorge Perestrelo, entre outros. (Coelho & Pinheiro, 2002:414)

Em meados da década de 60 era evidente e crescente a importância do futebol na Emissora Nacional. Mas também o Rádio Clube Português foi uma das emissoras que mais apostou nas transmissões desportivas e algumas verdadeiramente inovadoras. Por exemplo, em 1967, fez a cobertura do Circuito Automóvel de Vila Real, á data uma das provas de automobilismo mais populares no nosso país.

A reportagem, para além de ter sido efetuada desde “um estúdio instalado no perímetro do circuito” (Pinheiro, 2009:462), teve ainda apontamentos feitos desde “um helicóptero e a partir de um dos automóveis em prova” (Pinheiro, 2009:462). Um rádio-telefone foi instalado a bordo do carro de Francisco Santos e este ia comentado a corrida enquanto conduzia. “Por questões técnicas utilizou-se o microfone habitual do aparelho, que obrigava o condutor, sempre que o utilizava, a usar uma das mãos para o segurar, conduzindo com a outra, no que foi visto pelo comissariado da prova como uma temeridade, levando à sua saída da prova e posterior desclassificação” (Pinheiro, 2009:462). Uma situação sem precedentes e um exemplo de como os meios técnicos estavam a evoluir e já permitiam à rádio desenvolver reportagens que seriam impensáveis há alguns anos atrás.

O RCP, de resto, foi uma rádio que se começou a interessar bastante pelo automobilismo, de tal forma que também em 1967 criou “o programa Fórmula 1, dedicado à principal prova do automobilismo mundial, emitido aos domingos pelas 19h00” (Pinheiro, 2009:462). Um programa bem sucedido e que esteve em antena durante um largo período. Poucos anos depois, em 1971, o Rádio Clube passa a emitir outro programa de enorme êxito, chamado Carrocel Desportivo. Era apresentado diariamente “por Fernando Santos e Ribas Martins, e difundido na onda média do RCP do Porto, apresentando os temas desportivos de ‘maneira feliz e oportuna”” (Pinheiro,2009:462).

No começo dos anos setenta, o desporto também já fazia parte da programação de algumas rádios locais. A Rádio Altitude da Guarda, “em 13 de Fevereiro de 1973 principiou a emissão do programa Escape Livre” (Pinheiro, 2009:462). Era transmitido todas as terças e sextas-feiras, durava treze minutos, e era dedicado ao desporto automóvel. Manteve-se “em actividade regular ao longo das décadas de 1980 e 1990,

ocupando um lugar de indiscutível importância na informação da especialidade” (Pinheiro, 2009:462).

Com o 25 de Abril de 1974, surgiram novos nomes no panorama radiofónico como Ribeiro Cristóvão, David Borges, Costa Martins, Carlos Dolbeth, Paulo Sérgio, António Pedro, Fernando Maciel e Jorge Perestrelo. Mais uma vez os grandes nomes da rádio desportiva evidenciaram-se nas transmissões futebolísticas.

Em 1975, o Rádio Clube Português decide criar o seu departamento de desporto, sobressaindo as emissões de domingo: “das 12h00 às 12h30 emitia o programa Golo; das 14h30 às 18h30, a Tarde Desportiva, através dos emissores de Lisboa e Porto; e à noite, das 22h00 às 22h30, o Jornal Desportivo” (Pinheiro, 2009:499). Como se percebe, o espaço dedicado ao desporto preenchia várias horas de emissão, que começava ao início da tarde de domingo com a antevisão da jornada, prosseguia com os relatos de futebol, durante a tarde, e terminava apenas à noite com a resenha da jornada desportiva.

Por sua vez, a informação desportiva da Rádio Renascença era da responsabilidade de uma produtora independente, denominada Rádio Placard, propriedade de Vasco Araújo e Teles Meneses. Das três principais rádios portuguesas era quem apresentava um menor volume de informação desportiva. Acompanhava apenas os jogos dos principais clubes de Portugal, com os relatos entregues, em Lisboa, a Rui Romano, e no Porto, a António Paulos. Mais tarde, Ribeiro Cristóvão, que tinha ingressado na RR em 1976, a convite do próprio Rui Romano, passa também a integrar a equipa da Rádio Placard nos relatos que eram efetuados na capital.

Em 1980, a emissora católica decide dispensar os serviços da produtora independente e cria o seu próprio departamento desportivo. Ribeiro Cristóvão, Artur Agostinho e Alves dos Santos formaram a equipa inicial e criaram o célebre programa ‘Bola Branca’, dedicado á informação desportiva, e ‘Frente Desportiva’, para a transmissão dos jogos de futebol.

Nos anos 80, para além da Rádio Renascença e da RDP, também a Rádio Comercial (RC), emissora que passou a funcionar desde 1979 com as frequências do RCP, dedicava grande parte da sua programação ao desporto e, principalmente, aos relatos de futebol. A RC acompanhava os principais jogos das provas internas e as

partidas das competições europeias em que estavam envolvidos os clubes portugueses. Tinha uma equipa fortíssima, a começar por Artur Agostinho que, entretanto, deixou a RR em 1983, para ocupar um cargo de chefia e onde se manteve até à idade de reforma. Também Fernando Correia, Jorge Perestrelo, David Borges, Fernando Emílio, Abel Figueiredo (relatores); António Macedo (como repórter de pista); Carlos Cardoso (comentador de arbitragem); Fernando Neves de Sousa (comentador de futebol); José Augusto Marques e Orlando Dias Agudo faziam parte da equipa da Comercial. Uma rádio que também apostava em outras modalidades. “Havia transmissões dos campeonatos mundiais e europeus de Hóquei em Patins, o atletismo tinha acompanhamento regular, o automobilismo também, em particular o saudoso Rali de Portugal Vinho do Porto. As inesquecíveis vitórias olímpicas de Carlos Lopes (Los Angeles, 1984) e de Rosa Mota (Seul, 1988) foram relatadas em direto na Rádio Comercial por Fernando Correia”².

Na TSF, que surgiu no final dos anos oitenta, fez sucesso o programa Bancada Central, apresentado por Fernando Correia. Um programa diário, entre as 20h00 e as 22h00, onde era permitida a participação dos ouvintes, via telefone, que assim comentavam os principais temas da atualidade desportiva. O programa terminou em 2007, mas prosseguiu poucos dias depois no Rádio Clube Português, que tinha ressurgido no éter em 2003. As emissões do novo RCP foram descontinuadas em 2010 e, imediatamente, Fernando Correia recebeu um convite para dirigir um formato idêntico na recém-criada rádio local NFM. O espaço passou a designar-se de Bancada Nova. Ainda na TSF ficaram célebres os relatos efetuados por Jorge Perestrelo, que com o seu estilo irreverente e exuberante, ganhou adeptos indefetíveis, assim como muitos críticos da forma como narrava as partidas de futebol.

Nesta altura proliferavam as rádios piratas por todo o país. Apesar de ilegais tiveram um papel importante na divulgação do desporto local. “Foi notório o empenhamento nesta área, pois os responsáveis pelas emissoras percebiam que seria uma temática onde dificilmente as emissoras nacionais entrariam.

² Informação retirada de <http://radiocritica.blogspot.pt/2006/05/doce-mania-de-rdio.html>

Os relatos de futebol tornaram-se célebres e preencheram claramente uma lacuna sentida pelos ouvintes, que era o acompanhamento permanente e em direto do clube local” (Bonixe, 2012a:320). Na maioria das vezes, essas transmissões eram levadas a cabo por relatores amadores e sem qualquer tipo de experiência e com recurso a rudimentares equipamentos técnicos.

Mesmo depois da sua legalização as rádios de âmbito local continuaram a apostar na informação desportiva de proximidade, embora nos últimos anos seja notório o decréscimo das transmissões desportivas, como consequência das dificuldades económicas que atingem grande parte das emissoras locais.

Recentemente, a ERC autorizou, no que as três frequências da rádio local NFM (89,2 MHz Amarante³; 94,8 MHz Oeste⁴ e 96,0 MHz Ponte de Sôr⁵) passassem “de classificação da generalista para temático desportivo informativo, adotando a denominação Golo FM”. Apesar da deliberação ter sido oficialmente conhecida em julho de 2016, a denominação de Golo FM já vinha sendo utilizada há mais de um ano. Assim sendo, podemos considerar que a Golo FM se tornou na primeira rádio portuguesa dedicada à informação desportiva a emitir no meio hertziano.

Contudo, foi em 2003 que foi criada em Portugal a primeira rádio de temática desportiva, embora apenas com emissão na internet. Denominada de MaisFutebol Rádio, estava integrada no projeto do site MaisFutebol, pertença do grupo Media Capital. Nessa altura, o jornal o Publico⁶ noticiava que era intenção do grupo fundar uma rádio

³ Deliberação disponível em:

[http://www.erc.pt/download/YToyOntzOjg6ImZpY2hlaXJvIjtzOjM5OiJtZWRpYS9kZWNPc29lcY9vYmplY3RvX29mZmxpbmUvNjMxNC5wZGYiO3M6NjoidGl0dWxvIjtzOjI4OiJkZWxpYmVvYWVhby1lc mMyMDE2MTU5LWF1dC1yIjtzOjI4OiJkZWxpYmVvYWVhby1lc](http://www.erc.pt/download/YToyOntzOjg6ImZpY2hlaXJvIjtzOjM5OiJtZWRpYS9kZWNPc29lcY9vYmplY3RvX29mZmxpbmUvNjMxNC5wZGYiO3M6NjoidGl0dWxvIjtzOjI4OiJkZWxpYmVvYWVhby1lc mMyMDE2MTU5LWF1dC1yIjtzOjI4OiJkZWxpYmVvYWVhby1lc mMyMDE2MTU5LWF1dC1yIjtzOjI4OiJkZWxpYmVvYWVhby1lc)

⁴ Deliberação disponível em:

<http://www.erc.pt/download/YToyOntzOjg6ImZpY2hlaXJvIjtzOjM5OiJtZWRpYS9kZWNPc29lcY9vYmplY3RvX29mZmxpbmUvNjM0MC5wZGYiO3M6NjoidGl0dWxvIjtzOjI4OiJkZWxpYmVvYWVhby1lc mMyMDE2MTYxLWF1dC1yIjtzOjI4OiJkZWxpYmVvYWVhby1lc>

⁵ Deliberação disponível em:

<http://www.erc.pt/download/YToyOntzOjg6ImZpY2hlaXJvIjtzOjM5OiJtZWRpYS9kZWNPc29lcY9vYmplY3RvX29mZmxpbmUvNjMzOS5wZGYiO3M6NjoidGl0dWxvIjtzOjI4OiJkZWxpYmVvYWVhby1lc mMyMDE2MTY0LWF1dC1yIjtzOjI4OiJkZWxpYmVvYWVhby1lc>

⁶ Notícia disponível em <http://www.publico.pt/media/noticia/maisfutebol-radio-comeca-a-emitir-dentrode-uma-semana-852731>

tradicional dedicada exclusivamente ao desporto, mas enquanto esse projeto se desenvolvia eram lançadas bases na plataforma web.

A MaisFutebol Rádio teve a sua primeira emissão a título experimental no mês de Abril, com o relato do jogo Benfica-Varzim. Uma semana mais tarde, a 3 de Maio, arrancam com as emissões regulares, com a transmissão do clássico Benfica – Sporting.

José Nunes, antigo jornalista desportivo da Rádio Comercial, era o responsável pela estação e dividia os relatos dos jogos com Valdemar Duarte, que tinha deixado a Rádio Renascença para abraçar este novo projeto.

Pouco tempo depois a MaisFutebol Rádio fechou. A escassa audiência, explicada, sobretudo, por estar disponível apenas na Internet e a ausência de investimento publicitário estiveram na origem da experiência fracassada. A Media Capital, ao contrário do que tinha anunciado, nunca chegou a criar uma rádio desportiva no meio tradicional.

Curiosamente, as rádios de temática desportiva vingaram em diversos países. No Reino Unido, é possível encontrar a TalkSport, rádio “com uma estrutura empresarial sólida que lhe permite adquirir os dispendiosos direitos das principais competições desportivas” (Ortiz, 2012:36); na Grécia, a Novasport FM, é a emissora de temática desportiva mais importante do país, pelas audiências, cobertura e pela prestigiada equipa que trabalha na mesma (Ortiz, 2012:36); em França, a RTL aliou-se ao L’ Équipe, a publicação desportiva mais importante do país para criara uma rádio temática desportiva” (Ortiz, 2012:37); em Itália, a Radio Sportiva “aposta numa programação desportiva muito inovador” (Ortiz, 2012:37); a Rádio Marca, que é também nome de um dos jornais desportivos mais lidos no país vizinho, “é indiscutivelmente a rádio do desporto em Espanha” (Ortiz, 2012:37); nos Estados Unidos, a ESPN Radio “que faz parte do poderoso grupo Disney é considerada como a rádio temática desportiva por excelência (Ortiz, 2012:39); na Colômbia, a Antena 2 “oferece uma programação estritamente desportiva em que o futebol tem grande preponderância” (Ortiz, 2012:38). São apenas alguns exemplos das muitas rádios, que emitem conteúdos desportivos, que existem um pouco por todo o mundo.

Os custos cada vez mais elevados dos programas desportivos originaram, nos últimos anos, que as principais rádios portuguesas passassem a dedicar menos espaço a esses conteúdos. A Rádio Renascença, por exemplo, em 2005 acabou com as suas tardes desportivas e os relatos de futebol ficaram circunscritos a Benfica, Sporting e FC Porto. O mesmo sucede na TSF. Apenas a Antena 1 mantém o tradicional programa de domingo à tarde, marcando presença em vários estádios, quer da primeira, quer da segunda liga portuguesa.

Capítulo 5. – As Fontes de Informação no Jornalismo Desportivo

No jornalismo desportivo existe o risco permanente de ser ultrapassada a barreira do profissionalismo, sobretudo quando os mesmos repórteres são, invariavelmente, designados para acompanhar a rotina diária de um clube, possibilitando a criação de uma relação de proximidade com as fontes das notícias. Este tipo de relacionamento pode ser considerado uma vantagem, uma vez que as fontes tornam-se numa espécie de informantes pessoais dos jornalistas. Por outro lado, este vínculo pode comprometer a isenção e a credibilidade da notícia.

“A amizade não combina com o jornalismo” (Coelho, 2003:74), mas por outro lado “ajuda muito a conseguir informações de cocheira antes dos demais colegas” (Coelho, 2003:74). Acrescenta o mesmo autor que “duro é separar as duas coisas”. “Muitos jornalistas não conseguem separar amizade do relacionamento profissional. Não é raro ouvi-los a elogiar jogadores por conta apenas da amizade” (2003:75).

Com as fontes é importante “estabelecer previamente um acordo tácito de que o profissionalismo estará sempre acima da amizade” (López, 1995:37) e que “nunca uma notícia será paga com um favor que use as páginas dos jornais ou os microfones” (Coelho, 2003:75).

A estreita relação entre jornalistas desportivos com atletas, treinadores ou dirigentes de clubes remete-nos para a teoria de Herbert Gans (*apud* Ribeiro, 2006:23) que refere que “os jornalistas especializados estabelecem relações mais próximas e continuadas com as fontes” que depois “acabam por se transformar quase em

informadores pessoais, alimentando constantemente as necessidades noticiosas do repórter, em particular com indiscrições e assuntos de alguma confidencialidade”.

Ainda segundo Gans (*apud* Ribeiro, 2006:23) “cria-se uma relação de obrigações recíprocas entre fonte e jornalista especializado”, sendo que “as fontes procuram passar a informação que mais lhes convém e segundo um prisma favorável”. Por isso, o jornalista desportivo deve estar sempre atento às motivações das suas fontes, “evitando colocar-se ao serviço seja de quem for: treinadores, jogadores, presidentes, empresários, árbitros” (Sobral & Magalhães, 1999:56).

A especialização jornalística tem aspetos positivos e negativos. É vantajoso porque “o profissional trabalha numa área durante muito tempo e conhece melhor os dossiês, o meio e as pessoas e abre caminho mais facilmente para investigar ou obter um simples acesso a uma fonte” (Santos, 2006:48). Em sentido inverso, “o envolvimento do jornalista impede-o de descobrir o diferente do rotinizado, o que deixa de fora alternativas ou outros pontos de vista” (Santos, 2006:48).

“Não há dúvida que conhecer fontes suficientes demonstra a competência dos repórteres na medida em que lhes permite encontrar novas ‘estórias’ todos os dias” (Bonix, 2012b:20). O jornalista desportivo deve manter o contacto com a fonte sempre que tiver oportunidade, para “questionar, perguntar, indagar sobre o que for possível. Tentar sempre conseguir informações em primeira mão” (Coelho, 2003:75). Sobral & Magalhães (1999:56) referem que “o resultado do trabalho do jornalista depende em larga margem da capacidade de relacionar-se com as fontes. São elas que fornecem a matéria sobre a qual escreve”.

A relação ideal entre o jornalista desportivo e os atores das notícias passa por “ter tantas conversas em off-record como entrevistas on-record” (Stofer, Schaffer, & Rosenthal, 2010:49). As conversas informais servem, por vezes, para tomar conhecimento de determinados assuntos, que depois se podem tornar em notícia. E mesmo que seja pedido para não serem divulgados, podem servir de suporte para outro tipo de investigação.

Esta visão levanta, no entanto, algumas questões do ponto de vista ético, como o dever de informar o público. No entanto, “é preferível um jornalista dispor de certas

informações, mesmo que as não possa divulgar, do que pura e simplesmente as ignorar. Vale mais um jornalista comprometidamente informado do que descomprometidamente ignorante” (Fidalgo, 1998:99).

Na perspetiva de Antony Gideans (*apud* Marinho, 1999:351), “a negociação entre jornalistas de fontes resolve-se, em última análise, a um nível informal e privado e é mediada por uma condição essencial: a confiança”. Tal como em outras editorias, no desporto deve existir uma relação de confiança entre jornalista e fonte que não deve ser quebrada, sob pena de nunca mais ser revitalizada. Antes, deve ser “cultivada, mantida e reforçada” (Marinho; 1999:352). Se, por exemplo, “um treinador se sente confortável num *off-record*, então o repórter não deve, de modo algum, relatá-lo” (Stofer et al., 2010:49). Sem fiabilidade, o jornalista poderá, no futuro, ter de enfrentar a “relutância por parte de potenciais fontes em fornecerem informações (Marinho, 1999:355). Por outro lado, se a quebra vier da parte da fonte “a sua capacidade de se constituir como tal será afetada” (Marinho, 1999:355).

Seja como for, no jornalismo desportivo, o contacto direto com as fontes foi-se perdendo ao longo dos anos, muito por culpa do fechamento dos clubes, especialmente os de futebol, á imprensa. Cientes da forte pressão mediática, sentiram a necessidade de treinar os seus protagonistas para passar a melhor mensagem do ponto de vista desportivo. Acorrentados à ditadura dos clubes, atletas, treinadores e dirigentes acabam por criar mecanismos de defesa, o que lhes retira “toda a espontaneidade, de tal forma que 99% daquilo que dizem são evasivas plenas de clichés, chavões e lugares-comuns” (Erbolato, 2010:49 *apud* Henriques, 2014:42).

O acesso aos atores das notícias, sobretudo nos principais clubes, está cada vez mais vedado aos órgãos de comunicação social. Habitualmente, só é permitido fazê-lo em conferências de imprensa ou no final dos jogos, nas chamadas zonas mistas, onde os repórteres se amontoam, na tentativa de obterem uma declaração de um qualquer atleta.

Para Barbeiro & Rangel (2006:38) as coletivas de imprensa “é uma das piores práticas que já apareceu no jornalismo desportivo. Na verdade só interessa ao entrevistado, nunca ao entrevistador”. Acrescentam os mesmos autores (2006:38) que “há um jogo de interesses” na escolha do entrevistado. “Geralmente o assessor de

imprensa escolhe o atleta ou técnico que participará na entrevista e, em alguns casos, também conduz a colectiva. As perguntas acabam sendo repetitivas (Barbeiro & Rangel, 2006:38). Nesta circunstâncias, o repórter desportivo mais não é do que um pé de microfone, “fazendo perguntas pouco pertinentes, com receio de atingir as suas fontes” (Henriques, 2014:42) ou, então, um simples mensageiro “de figuras que não conseguem enfrentar-se diretamente, tornando-se, assim, numa arma de arremesso para as diferentes personalidades clubísticas” (Henriques, 2014:42).

Atualmente, o jornalista desportivo socorre-se com frequência dos meios de comunicação criados pelos próprios clubes, como canais de televisão ou *sites*, onde são disponibilizados diversos conteúdos. Verifica-se cada vez mais o recurso a este tipo de media como fonte de informação. Este novo paradigma, que ainda não mereceu qualquer tipo de estudo, encerra uma problemática, pois a informação libertada pelos clubes é feita à medida dos seus interesses. “Os dirigentes desportivos dos maiores clubes portugueses, por exemplo, trabalham com gabinetes de imagem. Programam falas, definem estratégias, fazem passar a informação” (Sobral & Magalhães, 1999:58).

Desta forma, parece claro que existe um aproveitamento das necessidades do profissional do desporto, já que “quanto menos informação houver sobre um assunto, mais o jornalista aceita o material dado pelas fontes” (Santos, 2001:100).

O relacionamento direto com os protagonistas do mundo do desporto tornou-se menos comum e o uso da internet também passou a servir como “canal de acesso e contato com múltiplas fontes, agências de notícias e jornais online” (Bianco, 2004:4), dando, inclusivamente, “a falsa impressão de não ser preciso ir além das fronteiras do ciberespaço para saber o que acontece” (Bianco, 2004:5).

No caso concreto do meio hertziano “a internet gerou novas rotinas nas redações de rádio, o que afetou a forma como as fontes são tratados” (Bastos, Lima, Moutinho, & Reis, 2011:105) e alterou o processo da fabricação noticiosa.

Capítulo 6. – A História da ‘Bola Branca’

6.1. Como Tudo Começou

Nos finais da década de setenta a programação da Rádio Renascença era feita maioritariamente por produtoras independentes. Ou seja, por pequenas empresas que se dedicavam a produções radiofónicas. Estas produtoras “respeitavam os princípios da emissora, mas possuíam liberdade total na realização dos seus programas. Pagavam uma renda pelo aluguer do espaço e em troca vendiam a publicidade dos seus programas” (Ribeiro, 2001:108). O restante horário da programação de cada dia era entregue a colaboradores que iam sendo admitidos consoante as necessidades da estação.

O desporto não ocupava, nesse tempo, grandes espaços na antena. Tudo se resumia então aos relatos dos principais jogos de futebol do campeonato nacional, da Taça de Portugal e das competições europeias, de cuja produção se encarregava a Rádio Placard, uma agência do Porto, propriedade de Vasco Araújo e Teles Meneses. Na invicta, António Paulos, e em Lisboa, Rui Romano⁷, eram os relatores, aos quais se juntou mais tarde Ribeiro Cristóvão, depois de este ter ingressado na RR em 1976. A programação da emissora católica vivia sobretudo destas produções independentes, “cujo tempo de antena foi progressivamente sendo reduzido até à sua extinção” (Ribeiro, 2001:109).

Em Novembro de 1979, a RR tornava-se na estação mais ouvida em Portugal e apresentava “34% de audiência total, o que correspondia a cerca de 2 milhões e 300 mil ouvintes” (Ribeiro, 2001:109). Um resultado surpreendente já que dois anos antes a estimativa apontava para “um número a rondar os 570 mil ouvintes” (Ribeiro, 2001:109). Com a Renascença a adiantar-se na corrida pelas audiências, os seus responsáveis sentiram que havia também chegado a hora de dar à informação desportiva o espaço que começava a justificar.

⁷ Rui Romano distinguiu-se na área do jornalismo, tendo sido um excecional repórter e apresentador de programas informativos, entre os quais o Telejornal, e de inúmeros trabalhos sobre o continente africano, pelo qual nutria grande paixão.

Ribeiro Cristóvão, que então assumia as funções de chefe de redação, é convidado a formar uma equipa desportiva. Decide chamar Artur Agostinho, que “tinha acabado de regressar do Brasil, de um cativo a que se tinha sujeitado voluntariamente depois de ter sofrido muito após o 25 de Abril de 1974. E foi ali que começou a sua reabilitação”⁸. Uma aposta forte na qual valia a pena arriscar, segundo Ribeiro Cristóvão. Primeiro, porque “Artur Agostinho era uma estrela”, com um passado de relevantes serviços prestados na rádio e na televisão, sobretudo na área do desporto, de quem as pessoas continuavam a guardar memória, e depois, porque eram amigos desde que se tinham conhecido “em Nova Lisboa, durante uma visita de Marcello Caetano a Angola”. Era então Artur Agostinho o enviado da Emissora Nacional para acompanhar a deslocação do primeiro-ministro português aos territórios ultramarinos e Ribeiro Cristóvão um jovem repórter da Rádio Clube de Huambo. A estes dois nomes juntou-se ainda Alves dos Santos, figura carismática da televisão e um comentador de prestígio que marcava uma época na informação desportiva. Alves dos Santos haveria de ficar conhecido pelo epíteto de “o comentarista que o país inteiro consagrou”⁹. Assim, em 1980, Artur Agostinho, Ribeiro Cristóvão e Alves dos Santos formaram a primeira equipa de Bola Branca.

O nome ‘Bola Branca’ não era inédito. Essa era também a denominação de um programa desportivo, criado por Rui Carvalho e Carlos Pereira¹⁰, que inicialmente foi transmitido na Emissora Oficial de Angola, durante o tempo da descolonização, e que depois viria a consolidar-se, após a independência, na Rádio Nacional de Angola. “Era um título sugestivo”, que Ribeiro Cristóvão entendeu que seria interessante reproduzir em Portugal.

⁸ Ribeiro Cristóvão, em entrevista ao jornal “Público”, em 22.03.2011. Disponível em:

<https://www.publico.pt/media/noticia/morreu-artur-agostinho-e-uma-parte-da-historia-da-radio-1486141>

⁹ Informação fornecida pelo próprio Ribeiro Cristóvão na entrevista pessoal para este trabalho, realizada a 10.04.2014.

¹⁰ Carlos Pereira numa entrevista ao jornal angolano “O País” revelou insatisfação pelo facto do nome *Bola Branca* ter sido plagiado. A referida entrevista deixou de aparecer no site da internet onde foi encontrada a 18.05.2014. No entanto, no blog “Meus Escapes” do próprio Carlos Pereira é possível encontrar uma pequena referência a esse assunto. Está disponível em <http://meusescapes.blogspot.pt/2008/02/angola.html>

A origem do nome ‘Bola Branca’ é simples de explicar: “quando os primeiros jogos de futebol em Angola começaram a ser disputados à noite, ainda na década de 60, a iluminação nos estádios era pouco intensa, pelo que a bola tinha de ser branca para se ver bem”¹¹.

Em Portugal, quando se pensa em desporto, pensa-se imediatamente em futebol. A modalidade é um fenómeno cultural. Por isso, ‘Bola Branca’ foi um espaço criado assumidamente para divulgar notícias dedicadas, quase exclusivamente, ao futebol.

Ribeiro Cristóvão refere que este “é um país futebolizado” de maneira que a estratégia editorial passou naturalmente por “dar às pessoas aquilo que elas gostavam de ouvir”, enquanto um acontecimento relacionado com outra modalidade só entraria no alinhamento do programa se o valor-notícia fosse de “grande dimensão, de muita importância”. O jornalista acentua que o programa foi concebido com o propósito de falar “preferencialmente sobre o Benfica, Porto e Sporting”, os três principais clubes portugueses, “porque eram os tinham mais público e os que vendiam mais e melhor”, assim à imagem do que hoje sucede.

A incorporação de ‘Bola Branca’ na programação da Rádio Renascença coincide com um período que ficou marcado pela inauguração de novos postos emissores, o que só foi possível concretizar com uma recolha de fundos para o qual “contribuíram milhares de católicos do Norte e Sul do país” (Ribeiro, 2001:109). Aliás, a RR baptizou 1980 como “o ano dos novos emissores” (Ribeiro, 2001:109). Foi nesta fase de expansão que ‘Bola Branca’ rapidamente adquiriu grande notoriedade”.

Pouco tempo depois da sua criação já se somava ao trio inicial outros grandes nomes do jornalismo desportivo da altura, como os de Romeu Correia, Nuno Brás e Gabriel Alves. No entanto, a estes cabia, sobretudo, a narração dos jogos de futebol. Por seu turno, as edições de ‘Bola Branca’ eram apresentadas pelo próprio Ribeiro Cristóvão, assim como por figuras menos conhecidas do grande público como Nuno Bernardo, Jorge Amorim ou Óscar Coelho. “Uma equipa bem nutrida e de qualidade”, refere o fundador do programa, que foi aumentado aos poucos com a integração de alguns jovens

¹¹ Explicação dada numa entrevista de Ribeiro Cristóvão ao programa da RTP “No Ar, Histórias da Rádio em Portugal. Disponível em: <http://www.rtp.pt/play/p221/e35806/no-ar>

que ainda hoje estão no ativo. Pedro Azevedo, Pedro Sousa, Paulo Catarro, Valdemar Duarte e João Pedro Mendonça fazem ou fizeram parte do departamento de desporto da RR.

No começo, 'Bola Branca' tinha apenas três edições diárias: às 7h05 (antes do programa Despertar de António Sala e Olga Cardoso), 12h50 e 18h15. Cada edição tinha cerca de 10/15 minutos. Mais tarde, com uma equipa de jornalistas mais numerosa, o programa desportivo da Renascença passou a ter uma edição alargada, entre as 22h30 e as 23h00, bem como outros blocos de menor duração, às 7h30, 9h30 e 19h30. Houve um período em que 'Bola Branca' ia para o ar sete vezes ao dia, de segunda a sexta-feira.

O programa rapidamente ganhou adeptos e ouvintes fiéis. "Dar muitas notícias em pouco tempo" foi a chave do sucesso, assim como a constante preocupação em "difundir uma informação desportiva rigorosa". Outra regra de ouro consistia em "nunca divulgar uma notícia em relação à qual não houvesse certezas". Ribeiro Cristóvão garante que era costume dizer-se "se deu na 'Bola Branca' é porque é verdade", expressão utilizada por diversos agentes desportivos, "entre eles o presidente do FC Porto, Pinto da Costa, dirigente avesso a dar entrevistas mas que, ao longo dos anos, foi abrindo algumas exceções para 'Bola Branca'". Segundo o ex-jornalista da RR esse rótulo "de notoriedade e de credibilidade lançou o nome 'Bola Branca' por todo o país, que depois a concorrência tentou copiar, mas não foi capaz".

"A melhoria das condições económicas (fruto, em grande medida, da integração na Comunidade Económica Europeia (CEE), em 1 de janeiro de 1986) e a estabilidade política" (Pinheiro, 2009:506) proporcionou o aumento do consumo de jornais desportivos em Portugal. Em 1995, os principais jornais desportivos, A Bola, o Record e O Jogo, passaram a ter uma periodicidade diária. Ribeiro Cristóvão não tem dúvidas que 'Bola Branca' contribuiu, em parte, para este novo paradigma: "muitos dos títulos dos jornais foram feitos com a ajuda de 'Bola Branca'", o que impulsionou aumento nas tiragens e, como consequência, "as principais publicações passaram a ter uma frequência diária". Esta circunstância também resultou em redações mais numerosas e jovens, "a concorrência tornou-se feroz, com poucas regras" o que se traduziu "em pior jornalismo".

Ainda hoje as notícias de ‘Bola Branca’ são amplamente citadas pela imprensa desportiva e, anualmente, desde 1996, o departamento de desporto da RR “elabora um *clipping* com essas referências”. Pedro Azevedo revela que “em 2013, entre jornais digitais, jornais em papel e televisões, foram quase três mil citações”, só em Portugal. Em 2014, só uma notícia, uma entrevista exclusiva ao médico responsável pela intervenção cirúrgica ao jogador Falcao, “teve perto de 300 citações a nível mundial”. Pedro Azevedo, por outro lado, confessa que ‘Bola Branca’ também “bebe dos jornais muita da informação que é dada, para explorar e desenvolver uma notícia”.

O sucesso granjeado pelo programa desportivo da emissora católica também se refletiu ao nível comercial. Ribeiro Cristóvão lembra que “era um espaço privilegiado, que não admitia muita publicidade, por isso era selecionada e agravada no seu preço”. “A publicidade na ‘Bola Branca’ era bastante mais cara, tal como no programa ‘Despertar’, talvez três, quatro vezes superior à restante programação”, sublinha.

Um dos traços distintivos de ‘Bola Branca’ eram os seus indicativos que abriam e fechavam cada edição. O fundo musical do genérico, renovado de tempos a tempos, era “carimbado” exclusivamente com a voz de Ribeiro Cristóvão. “Fazia questão que fosse assim. A minha voz era que dava sempre a marca à ‘Bola Branca’. Eu é que gravava sempre os indicativos”, referiu o jornalista. Uma condição que se alterou a partir de Novembro de 2010. A voz de Ribeiro Cristóvão desapareceu dos indicativos de ‘Bola Branca’, como consequência do novo posicionamento e da nova sonoridade adotada pelos responsáveis da Renascença. O mais recente genérico, tal como todos os restantes jingles da estação, foi produzido pela empresa inglesa Wisebuddah e a voz é agora emprestada pelo ator Ricardo Carriço.

Em 1980, com a criação do departamento de desporto da RR, além de ‘Bola Branca’, foi ainda lançado um outro título, ‘Frente Desportiva’, que se manteve em antena durante 25 anos. É impossível dissociar os dois programas porque um era o complemento do outro.

‘Frente Desportiva’ era o espaço dedicado às transmissões dos relatos de futebol. Era aí que muitas vezes se obtinham depoimentos que mais tarde seriam reaproveitados e onde surgiam assuntos que depois eram aprofundados nas edições de ‘Bola Branca’.

Diferenciou-se, não só pela qualidade dos seus relatos de futebol, narrados por alguns dos mais proeminentes nomes do jornalismo desportivo radiofónico da altura, como também pela estética sonora dos seus indicativos musicais.

A partir de 1982 foram introduzidos os jingles com “vozes brasileiras”, mandados gravar na Rádio Globo, muito por força da intervenção de Artur Agostinho. Uma ideia importada do Brasil, fruto do tempo em que se auto-exilou naquele país e, principalmente, inspirada na experiência adquirida ao serviço daquela estação emissora, onde foi colaborador durante dois anos. “Foi uma coisa que na altura nos custou bastante dinheiro, mas que causou grande impacto”, recorda Ribeiro Cristóvão.

O genérico da ‘Frente Desportiva’, um trecho musical acompanhado pelo refrão “*frente desportiva consigo na frente em tudo*”, popularizou-se de imediato, assim como os “nomes cantados”. Isto é, vinhetas em que o nome de cada relator era cantado e que eram lançadas em antena antes da sua intervenção desde o estádio onde se encontrava a fazer a cobertura de um determinado jogo de futebol.

Já com António Sala como diretor de programas da Rádio Renascença os “jingles brasileiros” foram substituídos por outros “gravados por um grupo vocal português, porque era bastante mais barato”, lembra Ribeiro Cristóvão. “Não tinha aquele brilho da Rádio Globo, mas tinha na mesma uma sonoridade interessante”, acrescenta. Poucos anos mais tarde, os indicativos cantados da ‘Frente Desportiva’ acabaram mesmo por desaparecer da programação.

De salientar que “os sons brasileiros”, naquela altura, não eram um exclusivo da Rádio Renascença. Também na década de 80, o relator brasileiro Gomes Amaro¹² fez imenso sucesso com os seus relatos com sotaque. Fazia habitualmente a narração dos jogos do FC Porto e trabalhou na produtora independente Quadrante Norte, que chegou a alugar espaços desportivos na Rádio Porto, Rádio Press, Rádio Nova e Rádio Festival.

A ‘Frente Desportiva’ era emitida aos fins-de-semana, sobretudo aos domingos à tarde, no tempo em que as transmissões televisivas eram raras. Estas só sucediam em dia de algum dérbi especial do campeonato, quando havia um jogo grande da Taça de Portugal ou então quando existiam jogos europeus, sempre à 4ª feira. Neste último caso,

¹² Mais informações sobre Gomes Amaro aqui: http://www.classicosdaradio.com/biog_Amaro.htm

também a RR alterava a sua grelha semanal para incluir uma emissão especial de ‘Frente Desportiva’.

Durante largos anos o programa fez o acompanhamento de todos os jogos de futebol do principal campeonato nacional e da Taça de Portugal, que se disputavam em diversos recintos do território continental e ilhas. As tardes desportivas de domingo ficaram famosas porque, nessa altura, só através da rádio era possível ficar-se a par dos resultados e das incidências dessas partidas.

A Renascença chegou a estar em 10 estádios em simultâneo. Os relatores e comentadores da ‘Frente Desportiva’ eram distribuídos pelos diversos jogos e, não raras vezes, era mesmo necessário recorrer a colaboradores esporádicos para completar a equipa. Por exemplo, para as partidas realizados na Madeira, e de menor relevo, eram contratados correspondentes locais, que faziam pequenas intervenções no programa. Por sua vez, as figuras mais conceituadas do desporto da RR eram destacadas para os principais desafios, que envolviam Benfica, Sporting e Porto. Neste particular, ao longo dos anos, foram-se evidenciando diversos relatores e comentaristas, sendo que alguns deles se tornaram, inclusivamente, grandes referências do jornalismo radiofónico em Portugal. Alves dos Santos, Artur Agostinho, Ribeiro Cristóvão, Amadeu José de Freitas, Alfredo Farinha, Cruz dos Santos, Vitor Sérgio, Loureiro Gomes, Carneiro Gomes, Neves de Sousa, Romeu Correia, Nuno Brás, Álvaro Braga Júnior e Trindade Guedes, inicialmente. Mais tarde, Pedro Azevedo, Pedro Sousa, Valdemar Duarte, Paulo Catarro, João Pedro Mendonça, Joaquim Vieira, Fernando Santos e Manuel Oliveira, só para citar os mais conhecidos.

Pedro Azevedo refere que a inclusão do comentador Manuel Oliveira na equipa desportiva da RR foi uma “pedrada no charco”, pois foi a partir desse momento que “a explicação do jogo ficou entregue a treinadores de futebol”, quebrando com a tradição de ter jornalistas a formar opinião, como acontecia, por exemplo, com Alves dos Santos e Neves de Sousa.

Em 2005, o programa ‘Frente Desportiva’ deixou de ser transmitido aos domingos à tarde. A partir dessa altura o programa ficou circunscrito à transmissão desportiva dos jogos relativos a Benfica, Porto e Sporting, da seleção nacional e das competições

europeias. Nélon Ribeiro tinha acabado de chegar à direção de programas da RR, substituindo no cargo Rui Pêgo, e a mudança de formato estava já implementada. Contudo, Nelson Ribeiro considera que “na base da decisão esteve o facto de ter havido um decréscimo muito significativo do número de jogos da 1ª Liga a decorrer ao domingo à tarde, fruto do facto de os horários dos jogos terem passado a ser, em grande medida, determinados pelos horários das transmissões televisivas”.

Ribeiro Cristóvão justificou a decisão com o mesmo argumento, ou seja, é “atrás dos três grandes que vai o grande público” e com a vulgarização das transmissões televisivas, as principais partidas “passaram a ser disputadas á noite e em diferentes horários”, de modo que não fazia qualquer sentido ter a antena aberta nas tardes de domingo, apenas para acompanhar jogos de equipas menos cotadas e cujo interesse era, sobretudo, de âmbito local. “Dar dimensão nacional a esses relatos tinha alguns custos, como uma perda muito importante de audiências e o decréscimo da publicidade”, defende. “Tivemos de fazer opções e deixamos esse trabalho para o serviço público de rádio, que todos nós pagamos, e que se pode dar a esse luxo”, conclui. Pedro Azevedo acrescenta que a Antena 1 ainda faz este serviço “porque não tem publicidade e não tem de obedecer a audiências”, mas está convencido que “a curto prazo, pela sobrecarga de relatos, também vai acabar”. Convicção reforçada pelo facto “de ser Rui Pêgo o atual diretor de programação da RDP, o mesmo que, quando desempenhava idênticas funções na RR, iniciou o processo de alteração do formato da ‘Frente Desportiva’”, que depois foi concluído por Nélon Ribeiro.

A ditadura das televisões passou “a fracionar as datas dos jogos e a impor novos horários”. Este condicionamento provocou que “o intervalo entre alguns jogos fosse de 96 horas”, o que para a RR “era completamente impraticável”, para além de ter “subtraído interesse aos jogos de domingo à tarde”, uma vez que, como aqui já se referiu, as partidas envolvendo os três principais clubes portugueses, aqueles que são capazes de aglutinar maior audiência, passaram a realizar-se em outros horários, especialmente à noite.

O editor de desporto da Renascença considera que seria “uma violência para uma rádio de modelo misto estar, a um domingo à tarde, a ocupar algumas horas de emissão

com jogos de menor interesse”. Ainda assim, sublinha que todos as partidas da 1ª Liga, sem exceção, são alvo de tratamento noticioso, quanto mais não seja nos blocos generalistas, ou com reportagem “de um jornalista do desporto ou com um jornalista da informação geral devidamente industriado para o efeito”

A ‘Frente Desportiva’, além dos intermináveis programas de domingo à tarde, dedicados aos relatos de futebol, também ia para o ar aos sábados à tarde, durante quatro horas. Nesse espaço fazia-se a súpula das principais notícias da semana, apresentavam-se novas reportagens e realizavam-se entrevistas, de uma hora de duração, a diversos convidados ligados ao desporto, especialmente ao futebol.

Atualmente, a Rádio Renascença não tem qualquer espaço dedicado a grandes entrevistas desportivas. Pedro Azevedo explica que em Portugal, para um programa do género, “só dois ou três protagonistas ligados ao desporto são capazes de provocar no ouvinte a atenção, o interesse ou o desejo”, daí a adoção dessa estratégia.

Em 2010, a emissora católica deixou de utilizar a designação ‘Frente Desportiva’, uniformizando toda a informação futebolística sob a denominação ‘Bola Branca Especial’. “Na base da decisão esteve o facto de a marca ‘Bola Branca’ ter uma enorme notoriedade, muito superior à ‘Frente Desportiva’”, e como tal foi entendido que “‘Bola Branca’ deveria ser a marca âncora de todo o desporto emitido na Renascença”, esclarece Nelson Ribeiro, diretor da estação na altura, e responsável pela mudança implementada.

O programa “Alvo” foi outro espaço desportivo que se destacou na programação da RR, produzido e apresentado por Trindade Guedes. ‘Bola Branca’ fazia um grande aproveitamento das muitas entrevistas obtidas pelo repórter TG, como era conhecido junto da tribo jornalística. Muitas dessa entrevistas ficaram famosas. Por exemplo, quando TG, em 1987, antes do início da final de Viena, entre FC Porto e Bayern de Munique, pediu um prognóstico ao jogador azul e branco João Pinto. A resposta foi: “Olhe Trindade Guedes, prognósticos, prognósticos só no fim do jogo...”.¹³

¹³ Retirado da entrevista de Trindade Guedes para o livro “Trindade Guedes: O Homem E o Repórter”.

Em 2015, ‘Bola Branca’ foi distinguido pela Federação Portuguesa de Futebol (FPF) com o prémio “Quinas de Ouro”, relativo ao “melhor programa de futebol”¹⁴ dos meios audiovisuais portugueses. Já em 2006, ‘Bola Branca’ tinha recebido do CNID – Associação dos Jornalistas do Desporto, o prémio anual da Rádio¹⁵.

A mesma associação atribuiu, este ano, ao editor de ‘Bola Branca’, Pedro Azevedo, o ‘Prémio Artur Agostinho – Rádio’¹⁶. O jornalista, que este ano cumpre a sua 30ª época desportiva na RR, já realizou cerca de dois mil relatos ao serviço da emissora católica, editou e apresentou mais de vinte mil edições de ‘Bola Branca’.

6.2. O Acesso à Informação

Ao longo dos anos ‘Bola Branca’ foi consolidando a sua posição de destaque na programação da Rádio Renascença. O número de edições diárias foi aumentando ao ritmo que iam sendo contratados novos profissionais para o departamento de desporto da estação. Aliás, um dos fatores que esteve na base do êxito do programa, segundo Ribeiro Cristóvão, foi a equipa de jornalistas e repórteres “aguerrida e constante”, em contraponto com o que sucedia na Antena 1 “que mudava com muita frequência de chefias e de jornalistas”. A estabilidade do departamento desportivo da emissora católica proporcionou “o acesso a boas fontes”, circunstância que depois se veio a refletir na informação que era transmitida aos ouvintes, embora “antigamente a relação com os agentes desportivos fosse muito mais privilegiada do que é hoje”.

Ribeiro Cristóvão lembra que a recolha de depoimentos “tinha de ser feito presencialmente”, porque na altura ainda não existiam telemóveis e através de telefone fixo era bastante complicado chegar aos protagonistas das notícias. Este contacto “cara a cara” promovia a aproximação entre os jornalistas e as fontes.

¹⁴ Notícia disponível em: <https://gruporcom.wordpress.com/2015/01/15/bola-branca-da-renascenca- eleitomelhor-programa-de-radio-na-gala-quinas-de-ouro-2015/>

¹⁵ Notícia disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/nacional/renascenca-distinguida-porprograma-desportivo/>

¹⁶ Notícia Disponível em: http://rr.sapo.pt/noticia/52830/pedro_azevedo_distinguido_pela_associacao_dos_jornalistas_de_desporto

Sobral e Magalhães (Sobral & Magalhães, 1999:56) referem que “o resultado do trabalho do jornalista depende em larga margem da capacidade de relacionar-se com as fontes. São elas que fornecem a matéria sobre a qual escreve”. Seguindo a mesma linha de pensamento o ex-editor de desporto da RR recorda que no início os jornalistas “viajavam e andavam nos autocarros das equipas e da seleção e dormiam nos mesmos hotéis” o que permitia estabelecer uma relação de proximidade com jogadores, treinadores e dirigentes. Ribeiro Cristóvão esclarece, no entanto, que esta convivência era facilitada “pelo número reduzido” de profissionais que antigamente faziam a cobertura de grandes acontecimentos desportivos. Por exemplo, no célebre jogo de Estugarda, em 1985, quando Portugal garantiu a qualificação para o Mundial do México-86, “estiveram apenas 5 jornalistas portugueses” no acompanhamento à seleção.

De qualquer forma, esta particularidade só era possível porque os jornalistas tinham “uma grande credibilidade” junto dos diversos agentes desportivos. “Se antigamente nos diziam uma determinada coisa e pediam reserva, ficava só entre nós. Hoje ninguém é capaz de guardar uma notícia só para si, porque as redações são muito mais exigentes, os editores empurram os repórteres para a rua e obrigam-nos a trazer notícias”, refere. Uma necessidade que não se verificava nos primórdios de ‘Bola Branca’, o que conduzia a fortes vínculos de amizade com “dirigentes, jogadores e até com as suas famílias”. “Às vezes não se davam notícias, porque nos pediam, mas serviam depois de suporte para fazer outro tipo de investigação, que nos levava a outras notícias. Ou seja, mesmo aquilo que não se podia dizer tinha grande utilidade”, argumenta.

Se hoje em dia esta relação de proximidade jornalista-fonte pode parecer inusitada, Ribeiro Cristóvão garante que na altura, e na maior parte das vezes, revelava-se de grande serventia já que “a confiança recíproca possibilitava aceder a certas notícias em primeira mão” que eram reveladas pelos próprios protagonistas e com a certeza “de que não seriam desmentidas”.

Este tipo de relacionamento pode ser considerado uma vantagem, uma vez que as fontes tornam-se numa espécie de informantes pessoais dos jornalistas, contudo, este vínculo comporta o perigo de se ultrapassar a barreira do profissionalismo,

comprometendo a isenção e a credibilidade da notícia. Por isso, com este tipo de fontes é importante “estabelecer previamente um acordo tácito de que o profissionalismo estará sempre acima da amizade” (López, 1995:37) e não deve ser caracterizado por uma troca de favores. Ainda assim, não há dúvida que conhecer fontes suficientes demonstra a competência dos repórteres na medida em que lhes permite encontrar novas ‘estórias’ todos os dias” (Bonix, 2012b:20).

Ribeiro Cristóvão reforça esta tese ao confidenciar alguns episódios que originaram ‘cachas’ de grande impacto. Em Dezembro de 1993, o jornalista cruzou-se num restaurante de Lisboa com o presidente do Sporting. Este revelou-lhe que acabara de “assinar contrato com Carlos Queiróz e que ia a caminho de Alvalade para despedir Bobby Robson”. Com permissão de Sousa Cintra, ‘Bola Branca’ divulgou a notícia em primeira mão. O curioso é que “o técnico inglês soube pela Renascença que ia ser dispensado do comando técnico do Sporting, mesmo antes do líder leonino lhe ter comunicado a decisão”.

Noutra altura, em Junho de 2001, Ribeiro Cristóvão recebeu uma chamada de “alguém” que lhe garantia que “Óctávio Machado estava num comboio a caminho da invicta, para assinar contrato com o FC Porto”. A notícia foi divulgada e rapidamente se propagou, obrigando o treinador a apelar-se “na estação de Vila Nova de Gaia e não em Campanhã como estava previsto” para despistar jornalistas e adeptos que já o esperavam. A fonte era fiável, e mais tarde, Óctávio Machado foi confirmado como técnico do FC Porto. Através deste exemplo sobressai um dos fatores que tornou ‘Bola Branca’ um programa de sucesso: a importância de ter fontes credíveis, já que havia a certeza absoluta de que a notícia não seria desmentida posteriormente. Além do mais “a credibilidade é o principal valor e o princípio central dos códigos de ética” (Reich, 2011:19).

Contudo, nos dias de hoje, elucida Pedro Azevedo, “o acesso à informação desportiva é completamente diferente do que era em 1988”, altura em que se iniciou como jornalista de ‘Bola Branca’. Aliás, ainda não há muitos anos, “era bastante mais fácil ter acesso aos grandes atores do futebol”, modalidade que preenche quase na totalidade as edições do programa desportivo da Rádio Renascença. O atual chefe de

redação do departamento de desporto da emissora católica fundamenta a afirmação com um caso concreto. Em 2002, realizou uma entrevista com o lateral-direito Néilson, que tinha acabado de rescindir contrato com o FC Porto, “na viatura do próprio jogador, na rampa para o departamento de futebol do antigo estádio das Antas”. Algo que hoje é impossível de acontecer, em virtude do “fechamento dos clubes e do controle daquilo deve ser dito à imprensa pelos jogadores, treinadores e outros agentes”. São estratégias de comunicação que dificultam o trabalho da imprensa e a impede de ter mais vezes contacto direto com os protagonistas das notícias que são difundidas. Um fenómeno que começou pelos grandes clubes, mas que gradativamente está a alastrar-se às equipas de menor dimensão.

Não há muitos anos, na redação de ‘Bola Branca’, por ocasião de um Benfica - Trofense, pretendia-se gravar uma entrevista com um atleta do clube da Trofa, que anteriormente tinha representado os encarnados. A intenção “era apenas fazer a projeção de um desafio de futebol”. O jogador mostrou disponibilidade para prestar declarações, mas explicou que “só o podia fazer com a permissão do clube”. Foi solicitada a autorização, mas em resposta “o Trofense pediu um fax onde fossem explicados os objetivos da entrevista e quais as perguntas que iam ser colocadas ao futebolista”.

Pedro Azevedo refere que esporadicamente ‘Bola Branca’ é criticada por “não dar eco das atividades de clubes de pequena dimensão, mas depois acaba-se por se assistir a este estranho fechamento, que limita a ação do programa na divulgação do futebol”. O editor de desporto da RR acrescenta que em “Espanha e em Inglaterra são os jogadores e treinadores que falam de futebol”, ao contrário de Portugal, em que a voz das notícias desportivas “são quase sempre dos dirigentes, já que os jogadores e treinadores estão manipulados pelas estratégias de comunicação dos seus clubes”. Neste particular, Pedro Azevedo socorre-se do caso de Bruno Alves, que conseguiu entrevistar “algumas vezes desde que se transferiu para o estrangeiro”. “Quando jogava no Porto nunca o consegui fazer”, salienta.

O contacto direto com as fontes foi-se perdendo ao longo dos anos. Esta circunstância trouxe dificuldades acrescidas aos jornalistas do programa desportivo da Renascença, já que tornou-se mais difícil obter informação privilegiada. No início, ‘Bola

Branca' beneficiou da proximidade existente com os agentes desportivos, especialmente com atletas, não só porque lhe permitia recolher depoimentos exclusivos, que causavam grande impacto no público e proporcionava boas audiências, como também era através deles que muitas vezes era possível tomar conhecimento de determinados assuntos, que depois eram explorados e divulgados. Hoje em dia, este relacionamento com as fontes tornou-se menos comum e a redação de 'Bola Branca' teve de encontrar novas estratégias para a construção de notícias e, principalmente, para fazer face à necessidade de obter registos sonoros para as suas edições. A internet facilitou, e muito, esse trabalho jornalístico.

Pedro Azevedo assume que, na atualidade, uma percentagem dos sons que são emitidos em 'Bola Branca' "provêm de sites na web", para além de que é muito mais cómodo aceder à mais variada informação. "Hoje chega cá tudo, ao contrário de antigamente, em que tínhamos de andar à procura", diz. Da mesma forma alguns sons de 'Bola Branca' são recolhidos através de transmissões televisivas, especialmente das entrevistas rápidas efetuadas no final dos jogos a treinadores e jogadores. Uma situação "infelizmente inevitável", porque em Portugal "o acesso aos protagonistas de uma partida de futebol, ainda junto ao relvado, está vedado aos repórteres da rádio, que muitas vezes se encontram a escassos metros de quem querem entrevistar".

6.3. Os Meios Técnicos

O jornalismo radiofónico saiu claramente beneficiado com a evolução tecnológica que o meio hertziano foi sofrendo ao longo dos anos. O acréscimo da qualidade das emissões, cuja propagação, a determinada altura, passou a ser feita em frequência modelada (FM), permitindo aos ouvintes captar o sinal das estações emisoras com menos ruído; o desenvolvimento de dispositivos de transmissão; a portabilidade dos equipamentos de reportagem; ou o aparecimento de ferramentas que potenciam a produção de notícias, mais rápida e eficazmente, são apenas alguns elementos que contribuíram para o progresso da informação na rádio. No caso concreto dos programas desportivos, os fatores enumerados foram ainda mais determinantes, pois hoje em dia é imperativo estar pronto a informar "quer do estúdio, quer do estádio". Mas nem sempre

foi assim. Os jornalistas desportivos, por causa da falta de recursos tecnológicos, enfrentaram as mais variadíssimas dificuldades.

Quando ‘Bola Branca’ foi criada estava-se na era do RM (iniciais de registo magnético). As gravações eram feitas em cassetes ou bobinas e todos os registos (spots, declarações, jingles e entrevistas) eram colocados no ar através da leitura das ditas cassetes ou bobines, assentes em pesadíssimas máquinas de gravação. Realizar reportagens, especialmente no estrangeiro, era uma autêntica aventura.

Ribeiro Cristóvão explica que os primeiros relatos de futebol eram efetuados através de “telefones fixos, com linhas normais”, isto é, linhas analógicas, que “eram alugadas antecipadamente aos correios de cada cidade”. Se em Portugal, normalmente, as transmissões decorriam sem quebras de comunicação, já nas deslocações ao estrangeiro os problemas eram vários.

O jornalista traz à memória uma viagem à Ucrânia, em 1984, concretamente a Donetsk, então parte da antiga URSS, para acompanhar o FC Porto, num jogo da Taça das Taças. Ainda no tempo da cortina de ferro, “a ligação para chegar aos estúdios da Rua Capelo teve de passar pelas centrais de Donetsk, Kiev, Moscovo, Budapeste, Paris, Madrid e finalmente Lisboa”, e o relato, por falha de comunicação, nunca chegou a acontecer.

Um ano depois deslocou-se à Albânia, para fazer a cobertura do jogo entre o Dínamo de Tirana e o Sporting, para a Taça UEFA. O país era, na altura, liderado por Enver Hoxha, que tinha adotado uma política de isolacionismo, pelo que as condições técnicas eram muito débeis. Quando lá chegou ficou “apavorado, porque era tudo o mais artesanal possível”. Milagrosamente conseguiu ligar o equipamento e transmitir para Lisboa, mas, recorda, o “António Pedro, da Antena 1, e o Abel Figueiredo, da Rádio Comercial, simplesmente não falaram”. Era “o tempo em que as transmissões heróicas eram inaudíveis e que em muitas vezes ‘inaconteciam’” (Schinner, 2004:128). Até nos países ditos mais avançados, como a Inglaterra, a França ou a Alemanha surgiam problemas deste género. “Conseguir realizar algumas transmissões eram autênticos milagres. Fizeram-se coisas que hoje são impensáveis”, sublinha.

Pedro Azevedo ainda se lembra de uma transmissão em 1991, a partir de Londres, de um Tottenham – Porto, “onde, por falta de linha no estádio, teve de fazer um relato na secretaria do clube, tendo apenas uma janela com vista para o relvado”. Mas vai mais longe. Quando ainda não havia telemóveis, durante a Volta a Portugal em bicicleta, chegou “a simular diretos que eram gravados em cafês”, os únicos locais onde era possível encontrar um telefone para fazer a ligação para o estúdio. Esse “falso direto” ia para o ar alguns minutos depois, “como se estivesse a realizar a intervenção naquele preciso momento”. “Naquela altura não havia outra forma de se fazer este tipo de serviço”, diz.

Também Trindade Guedes dá um exemplo das dificuldades técnicas existentes há alguns anos atrás, nomeadamente em 1987, quando foi o único jornalista da rádio portuguesa a estar presente na final da Taça Intercontinental, disputada em Tóquio, entre FC Porto e Peñarol.

*“Lá estive debaixo de neve, a ver o jogo. Na altura, não havia telemóveis, mas consegui que um amigo me arranjasse um móvel que se ligou através da rádio interior do estádio e, dessa forma, pude entrar em direto. Fui falando com os estúdios da Renascença em Lisboa, onde estavam a comentar, via televisão claro, o Ribeiro Cristóvão e o Cruz dos Santos, do jornal A Bola. Eu falava com eles e a neve sempre a cair em cima de mim...”*¹⁷

A evolução tecnológica permite que hoje se faça “um direto da rua com uma qualidade de estúdio”. Para tal, a RR tem ao seu dispor linhas telefónicas RDIS, habitualmente usadas nas transmissões dos relatos de futebol. Para outras reportagens é usado, preferencialmente, o telemóvel, embora a emissora católica já disponha do “Luci”¹⁸, um software recentemente lançado no mercado, que devidamente instalado num simples Iphone, permite efetuar intervenções com qualidade de áudio idêntica à de estúdio. Aliás, é com recurso a *smartphones* que muitas vezes são captadas as imagens que depois servem para editar os vídeos publicados na página on-line de ‘Bola Branca’.

¹⁷ Retirado da entrevista de Trindade Guedes para o livro autobiográfico “Trindade Guedes: O Homem E O Repórter”

¹⁸ Mais informações sobre este software aqui: <http://www.luci.eu/>

São os novos tempos. Bem diferente do tempo em que Pedro Azevedo, para a edição alargada da noite de 'Bola Branca', com a duração de 30 minutos, chegava "a transportar para o estúdio 30 bobines, que depois eram colocadas nas Ampex's", máquinas de grande porte que faziam a leitura dessas mesmas bobines, que continham os sons das notícias. "Eram usadas três Ampex's. Em cada uma delas era colocado um RM, sendo que depois as bobines eram trocadas, acertadas e disparadas pelo técnico de som". Era também o técnico de som quem fazia o "corta e cola" dos áudios recolhidos pelos jornalistas e os lançava em antena, por indicação do pivot do programa.

A preponderância do técnico de som na rádio foi-se esbatendo ao longo dos anos, por força da evolução tecnológica. Com a entrada na era digital, 'Bola Branca' também passou a ser editada de forma diferente. Agora os jornalistas desportivos da Renascença não se limitam ao trabalho de pesquisa, á recolha de depoimentos ou á produção de textos. São eles também quem "editam e fazem as montagens das peças". Hoje já não é necessária a presença de um técnico de som durante as edições, já que "as cabines são auto-operadas".

Nas deslocações ao estrangeiro é possível enviar o serviço solicitado pela estação completamente preparado. Normalmente, os jornalistas vão munidos de um gravador digital com o qual recolhem as declarações e onde gravam os *off's*. Num computador portátil, com recurso a um software de áudio, fazem a montagem das peças, que são enviadas por e-mail ou depositadas no *dropbox* da Renascença já concluídas e prontas a ir para o ar.

6.4. 'Bola Branca' na Atualidade

'Bola Branca' é o mais antigo programa desportivo à hora certa, em Portugal. Está no ar, na Rádio Renascença, há 36 anos. Tem seis edições diárias: 6h30, 7h30, 8h30, 12h45, 18h15 e 22h30. As edições da manhã são bastante curtas, com um pouco mais de dois minutos de duração. "Uma estratégia da direção de informação da RR, baseada em consultas realizadas periodicamente a ouvintes sobre o melhor modelo a utilizar nas suas emissões", refere o atual responsável pelo programa, Pedro Azevedo.

Os dados recolhidos indicaram que “as edições mais eficazes são as mais rápidas, as da manhã”. Normalmente, nas edições matinais é feito o aproveitamento dos temas mais relevantes divulgados na noite anterior, assim como dos acontecimentos que, porventura, tenham surgido durante a madrugada. O espaço das 8h30 é reservado à leitura dos principais títulos da imprensa desportiva nacional e internacional. As edições das 12h45 e 18h15 têm uma duração de cerca de 13 minutos. Às 22h30, o programa fica em antena durante cerca de meia-hora. Nesta edição alargada cabem grande parte dos temas que “foram noticiados ao longo do dia nas anteriores edições, com o devido desenvolvimento”. “A notícia de abertura tem obrigatoriamente de ser novidade”. O encerramento é sempre feito com um espaço de opinião, da responsabilidade de Ribeiro Cristóvão, denominado de “Ponto Final”¹⁹.

‘Bola Branca’ é um programa que incide sobre o futebol. “As notícias de outras modalidades só são divulgadas quando o interesse é de relevância nacional”, como por exemplo a vitória de um ciclista português numa etapa da Volta a França. Por vezes um acontecimento insólito, como o português que se aventurou numa travessia de barco rumo ao Brasil, para apoiar a seleção nacional no Mundial, também é noticiado. No entanto, este tipo de informações são sempre as que fecham as edições de ‘Bola Branca’. Uma notícia sobre uma modalidade, que não o futebol, só merece honras de abertura se for causadora de grande impacto. Por exemplo, uma medalha conquistada nos Jogos Olímpicos por um atleta português.

A estrutura de uma edição não obedece a uma fórmula estanque. Pedro Azevedo revela que “vários fatores são tidos em conta na hierarquização das notícias da ‘Bola Branca’”. “O interesse que um tema desperta no público, a atualidade ou a novidade de uma notícia ou uma entrevista exclusiva” são variáveis que podem determinar a abertura de um noticiário. No fundo, “o que é mais importante é o que é difundido em primeiro lugar”.

Um dos segredos de ‘Bola Branca’, segundo Pedro Azevedo, “é dar muitas notícias em pouco tempo” com uma linguagem “clara, concreta e concisa”. Os RM’s “nunca

¹⁹ Entretanto esta rubrica terminou. Ribeiro Cristóvão dispõe agora de um novo espaço na edição noturna de ‘Bola Branca’, que será referido mais à frente

ultrapassam o minuto, para não ocupar muito espaço” e a leitura é feita de modo ritmado, dinâmico e escoreito. De notar que antes do noticiário propriamente dito é lido um título breve e que funciona “como uma apresentação daquilo que será tratado no espaço noticioso subsequente” (Bonixe, 2012b:129).

Na ‘Bola Branca’ “o título corresponde sempre à notícia de abertura” do alinhamento e “deve ser curto chamativo e interessante”. Caso a primeira notícia “não seja muito forte, pode ser dado mais do que um título”. É lido sobre uma malha musical “que confere ritmo e dinamismo à sua apresentação” (Soengas, 1996:203). Entre o título e o noticiário é incluído um *spot* publicitário. Contudo, esta situação só se verifica nas edições mais longas, ou seja às 12h45, 18h15 e 22h30.

Segundo o chefe de redação do departamento de desporto da RR “ a edição da ‘Bola Branca’ da hora do almoço [12h45] é escutada diariamente por mais de 300 mil pessoas, número que é superado às 18h15”. Um dado que é explicado, não só por se tratar de um horário de regresso a casa, mas sobretudo pelo “efeito da contiguidade à recitação do terço”, que vai para o ar às 18h30. Pedro Azevedo considera que às 18h15 “já muitos dos ouvintes do espaço religioso estão sintonizados na Renascença”, e ‘Bola Branca’, dessa forma, capta outro tipo de público “que até nem é adepto do futebol”.

O ouvinte típico do programa é do “sexo masculino, na faixa etária acima dos 35 anos”, sendo que este é também o público-alvo da Rádio Renascença. Ainda assim, curiosamente, Pedro Azevedo realça que é dos mais jovens, adolescentes e recém-chegados à maioridade, que recebe “centenas de mensagens de estímulo, de dedicação e até de fidelização”.

O departamento de desporto da Rádio Renascença está “incluído na estrutura orgânica da direção de informação, sendo liderado por um Chefe de Redação próprio” (Bonixe, 2012b:89), função desempenhada, desde setembro de 2011, por Pedro Azevedo. Anteriormente, o cargo foi ocupado por Pedro Sousa, a partir do Verão de 2008, altura em que Ribeiro Cristóvão passou à situação de reforma.

Na vigência de Ribeiro Cristóvão, a RR caracterizava-se por ter uma redação de desporto “separada da restante estrutura de informação da emissora” (Bonixe, 2012b:89). Além de ser constituída por jornalistas e editores tinha “uma direção distinta da direção

de informação da Renascença” (Bonixe, 2012b:89), também chefiada pelo fundador de ‘Bola Branca’. Ribeiro Cristóvão era assim o responsável máximo pela secção desporto, que gozava de uma grande autonomia no funcionamento da estação.

A equipa permanente de ‘Bola Branca’ é atualmente formada por 11 elementos que estão dispersos pelas redações de Vila Nova de Gaia (Porto) e Lisboa. No departamento do Porto encontram-se Pedro Azevedo (editor), Sílvio Vieira (jornalista e coordenador da página de ‘Bola Branca’ na Internet) e os jornalistas Luís Aresta e Joaquim Vieira. Em Lisboa, a equipa é constituída por Rui Leitão (secretário) e os jornalistas Carlos Dias, Rui Viegas, José Barata, José Pedro Pinto, João Fonseca e João Paulo Ribeiro. Todos estes elementos, à exceção de Rui Leitão, produzem notícias, quer para o meio hertziano, quer para a internet, realizam reportagens e participam nas transmissões destinadas aos relatos de futebol, na condição de *pivot* em estúdio, como relator ou repórter de pista. Nem todos “lêem” as edições de ‘Bola Branca’.

Rui Leitão é o secretário de redação. É quem trata de toda a logística relacionada com o departamento de desporto. Pedro Azevedo ressalva que “é uma função importantíssima”. “É quem está em ligação com as outras direções, quem combina os horários para o início e fim das transmissões, quem trata das viagens ao estrangeiro, da marcação dos hotéis, dos carros alugados...”. Pontualmente, revela Pedro Azevedo, a equipa é reforçada com comentadores desportivos de arbitragem, que “recebem *cachet* por cada serviço que fazem”.

Hoje em dia, o desporto, em especial “o futebol é, cada vez mais, um jogo para profissionais muito especializados” (Borges, 2006:51). Quase como os treinadores, os jornalistas e comentadores “precisam de saber tudo das duas equipas e muito de cada um dos jogadores em campo. Um jogo de futebol, não é uma brincadeira que se despacha com um ‘mereceu ganhar, porque teve mais oportunidades’ ou ‘mereceu perder, porque cometeu muitos erros defensivos” (Borges, 2006:51). Neste sentido, refere o chefe de redação, a Rádio Renascença “é o único órgão de comunicação social em Portugal cujos comentadores estão todos habilitados com o IV Nível UEFA-Pro”, isto é, possuem o grau máximo de qualificação para exercer a profissão de treinador de futebol e estão

aptos a orientar qualquer equipa do mundo. São eles Carlos Dinis²⁰, António Fidalgo, José Nuno Azevedo e Nuno Presume. Dispor deste tipo de comentadores na ‘Bola Branca’, segundo Pedro Azevedo, “é uma injeção de credibilidade para os ouvintes, uma vez que são pessoas qualificadas na ao mais alto nível, sob o ponto de vista técnico, dominam o tecnoleto da modalidade” e, como tal, são menos suscetíveis ao erro.

Aliás, não errar é um fator cada vez mais determinante nas transmissões desportivas radiofónicas, até porque “muita coisa mudou desde há 20 anos a esta parte, por força da entrada da televisão no espaço que, durante muitos anos, pertenceu por inteiro à rádio” (Garcia, 2006:65). Uma transformação que se intensificou nos últimos anos com a proliferação dos jogos televisionados. Se antigamente os pequenos deslizes eram tolerados, já que o ouvinte não podia contestar a informação recebida, a menos que estivesse no estádio a ouvir rádio, agora a TV mostra aos ouvintes os mais ínfimos detalhes de uma partida de futebol.

A RR também utiliza comentadores de arbitragem em algumas transmissões desportivas. São ex-árbitros de futebol que analisam o desempenho dos juizes de campo e os principais lances de cada jogo. Atualmente, o cargo está entregue a José Leirós. Este tipo de comentador é apenas chamado “para alguns jogos de grande importância sob o ponto de vista competitivo, como um clássico, um dérbi ou embate para as competições europeias”. No entanto, o recurso a estes especialistas acontecia regularmente nos primeiros tempos de ‘Bola Branca’. Alder Dante, Vítor Correia ou Carlos Valente são apenas alguns dos nomes que mais se evidenciaram na função. A RR deixou de utilizar assiduamente este tipo de comentadores porque algumas observações “foram muito polémicas e geraram muitos problemas e muitas queixas”, explica Pedro Azevedo. Ainda assim, convém ressaltar que naquela época, os comentadores de arbitragem assistiam aos jogos *in loco*, as transmissões televisas eram raras e a tecnologia disponível ainda não estava suficientemente evoluída, ao ponto de se conseguir dissipar todas as dúvidas que iam surgindo com o decorrer de uma partida. Aliás, nos últimos anos, os especialistas em arbitragem deixaram de ser presença assídua nos estádios e migraram para o estúdio

²⁰ Carlos Dinis, entretanto, abandonou o cargo que desempenhava na ‘Bola Branca’ no final da época desportiva 2013/2014

onde, com recurso às imagens via TV, são capazes de analisar com mais rigor e veracidade os lances aos quais são chamados a comentar.

Estes especialistas são bastante úteis em determinadas situações, porque “dominam as leis de jogo, fruto da experiência adquirida nos relvados ao longo dos anos” o que, durante uma transmissão radiofónica “lhes permite ter uma perceção que jornalistas e repórteres não conseguem ter”. O editor de desporto da Renascença dá como exemplo um incidente verificado no Benfica – Sporting, do início do ano. Momentos antes de a partida começar, ventos fortes arrancaram partes do revestimento da cobertura do Estádio da Luz, que caíram no relvado. O árbitro do encontro considerou que não estavam reunidas condições de segurança e determinou o adiamento do jogo para o dia seguinte. “Uma decisão que, antes de ser conhecida, já o comentador de arbitragem RR tinha prognosticado em absoluto aos microfones da emissora católica”.

Desde 2013 que a ‘Bola Branca Especial’ passou a ter coordenações mistas em estúdio. A implementação deste novo modelo, por aquilo que nos fomos apercebendo ao longo da realização deste trabalho, é pouco consensual nos “corredores” da Rádio Renascença.

Até há bem pouco tempo, sempre que a antena abria para o referido programa, a coordenação ficava entregue a um jornalista do departamento de desporto. Atualmente esse trabalho é repartido com um animador de serviço, que, inclusivamente, chegou a realizar a tarefa a solo durante as primeiras semanas após a adoção da estratégia”. “Não resultou”, admitiu Pedro Azevedo, porque esse *pivot* “não tinha a mesma experiência, nem a capacidade de um jornalista desportivo para analisar e interpretar determinados factos”. A situação “levantou até alguns problemas de deontologia”, pelo que se entendeu avançar para o “plano B”, as coordenações mistas.

Curiosamente, o ex-diretor da estação, Nelson Ribeiro, responsável pela implementação deste modelo, refere que “não há nenhuma questão deontológica uma vez que quem está a coordenar a emissão está a assegurar-se da transmissão da publicidade e da entrada dos diversos repórteres e comentadores que participam na emissão, pelo que é uma função que pode ser desempenhada por um locutor”.

O modelo foi “recomendado por consultores externos contratados pela RR para direcionar as opções de antena”. Pedro Azevedo revela que esses consultores entendem que “a rádio deve ser uma linha de continuidade e os programas não podem ser ilhas”. O que se pretende é que ao abrir uma emissão desportiva “se mantenham os [jornalistas/animadores] que já estavam antes e ainda entrem mais”, explica. Uma ideia que não é partilhada por Ribeiro Cristóvão já que, na sua opinião, “descaracteriza a emissão”. Para Nelson Ribeiro esta foi uma solução transitória “para fazer face à escassez de recursos humanos do departamento de desporto”, mas que ficou em definitivo “por se considerar que o modelo tinha trazido benefícios à antena”.

Pedro Azevedo está convencido que “esta solução vai durar pouco tempo, porque não é prática e gera alguma confusão junto dos ouvintes”²¹. De qualquer forma, sublinha “que a rádio é também experiência e de vez em quando é importante tentar novos modelos”.

O programa da emissora católica também inovou ao tornar-se, no final de 2014, na primeira rádio de âmbito nacional a introduzir mulheres como comentadoras de futebol. Primeiro Susana Bravo e, posteriormente, Mara Viera, treinadoras de futebol de IV Nível da UEFA, auxiliaram Ribeiro Cristóvão, à 2ª feira, no rescaldo do que acontece no fim-de-semana e, à sexta-feira, na antevisão da jornada desportiva²².

Atualmente, este espaço, agora menos frequente, devido à transmissão de jogos de futebol, conta apenas com a colaboração do fundador da ‘Bola Branca’, sem a presença das vozes femininas. “Uma experiência que foi positiva, mas que terminou por razões de logística. Passou a haver muitos jogos às 2ªs feiras e tornou-se inconveniente para nós continuar com esse espaço”, explicou o editor de desporto da RR.

Tem-se verificado um significativo aumento da presença feminina no jornalismo desportivo, que resulta do interesse cada vez maior das mulheres por assuntos ligados ao desporto. Segundo Alexandrino (2011:38) este cenário “é justificado pelo aumento da escolaridade das mulheres e isso reflete-se em áreas que antes eram apenas dominadas pelos homens”.

²¹ Opinião emitida em 2014.

²² Refira-se que Susana Bravo e Mara Vieira desempenhavam o papel de comentadores, diferente do trabalho realizado, por exemplo, por Cláudia Martins, repórter de pista da Antena 1.

“Porque se entendeu que a noite é conversada”, explicou Pedro Azevedo, a ‘Bola Branca’ da noite introduziu também algumas rubricas no seu formato. À terça-feira são entrevistados “os portugueses lá fora”, ou seja, “pessoas que fazem trabalhos de grande importância no estrangeiro”. Desde que ‘Bola Branca’ adotou este novo figurino já foram destacados 80 portugueses, sobretudo, treinadores e jogadores. À 4ª feira, é realizada “uma conversa de atualidade, sobre o tema dominante da semana”, e à 5ª feira vai para o “ar” uma entrevista com “pessoas que estão fora de circuito, mas que foram importantes na história do desporto português”. Este espaço é denominado de “o que é feito de si?”.

Nos dias que correm estamos “perante uma nova rádio, que encontra na Internet a sua reinvenção” (Bonixe, 2008:277). “Assim, à palavra falada, à música, aos efeitos sonoros e ao silêncio, a Internet acrescentou à rádio os vídeos, a palavra escrita, a fotografia ou as hiperligações” (Bonixe, 2008:278).

A RR é considerada por muitos o *media* que melhor trabalho realiza online. Nos últimos anos recebeu os prémios “Nacional Multimédia da APMP”, na categoria Media e Comunicação (2012) e de “Excelência geral em Ciberjornalismo”, atribuídos pelo Observatório de Ciberjornalismo (Obciber) da Universidade do Porto (2010, 2011 e 2012, 2013 e 2014). Ao longo dos últimos anos, várias reportagens têm recebido distinções nacionais e internacionais.

A Rádio Renascença²³ “iniciou a sua presença online em 1995, mas o seu *site* só foi criado em 1997” (Bonixe, 2008:280).

O programa ‘Bola Branca’ também foi adaptado ao ambiente web. Tem uma secção autónoma, que é coordenada pelo jornalista Sílvio Vieira, estando integrada no *site* da Rádio Renascença desde o Verão de 2009, altura em que foi lançado um novo formato da página. Com a remodelação do mesmo *site*, em Setembro de 2011, a sua presença foi reforçada com a inclusão de diversos conteúdos multimédia.

No entanto, com a mais recente renovação do *site* da RR²⁴, a 11 de Setembro de 2015, a página de ‘Bola Branca’²⁵ deixou de estar dividida em várias editorias.

²³ <http://rr.sapo.pt/home>

²⁴ Notícia Disponível em: http://rr.sapo.pt/artigo/33610/um_novo_site_para_uma_nova_proximidade

²⁵ <http://rr.sapo.pt/bolabranca>

Em Agosto de 2014, a página da ‘Bola Branca’ passou a ter uma nova versão adaptada aos dispositivos móveis: *smartphone*, *tablet* ou computador²⁵. Esta ‘web app’ foi descontinuada em Setembro de 2015, a partir do momento em que foi lançado o novo *site* da RR.

Por norma todas as notícias que passam na emissão hertziana têm um espectro na Web. Na internet, tal como no meio tradicional, ‘Bola Branca’ é orientada, essencialmente, para o futebol e para os chamados “três grandes”, embora neste caso os outros desportos sejam mais enfatizados. Pedro Azevedo salienta que a versão online “é uma plataforma que permite aos ouvintes terem acesso às notícias que são difundidas no programa de rádio”, que é também aproveitada “para divulgar informação que não justifica ir à antena, ou pela sua importância, ou porque não há tempo, mas que merece ser dada”.

²⁵ Notícia Disponível em: http://rr.sapo.pt/opiniao_detalhe.aspx?fid=2&did=158836

Capítulo 7. – Metodologia da Investigação

7.1. Objetivos e Hipóteses de Investigação

A investigação que apresentamos pretende, acima de tudo, compreender a construção noticiosa da ‘Bola Branca. Como tal procedemos à caracterização e à identificação de várias unidades de análise: tipos de notícia, temáticas, protagonistas e fontes da informação utilizadas no programa desportivo da Rádio Renascença.

A principal questão da nossa investigação é a seguinte: “De que forma o programa ‘Bola Branca’ da Rádio Renascença reproduz a realidade do fenómeno desportivo, tendo em conta as práticas profissionais e as rotinas da produção noticiosa.

O trabalho orienta-se a partir das seguintes hipóteses:

H1 – Prevalece o uso de notícias com inserção de declarações em detrimento das notícias breves, complexas e das reportagens em direto e em diferido (peças).

H2 – Os assuntos relacionados com jogos/competições são os mais divulgados e, como tal, mais valorizadas no tratamento noticioso.

H3 – As fontes e as vozes dominantes reproduzem a visão oficial do desporto (e.g. treinadores, atletas e dirigentes).

7.2. Análise do *Corpus* da Investigação

Para atingirmos os objetivos propostos para esta investigação consideramos 128 emissões do programa ‘Bola Branca’ transmitidas durante o ano de 2015. Foram escutados e analisados os três principais blocos de informação desportiva da Rádio Renascença, difundidos de segunda a sexta-feira, às 12:45, 18:15 e 22:30. A emissora católica integra na sua programação outros blocos desportivos em dois diferentes horários (7:30 e 8:30), contudo, esses mesmos espaços são de curta duração – cerca de três minutos cada – não sendo, por isso, suficientemente relevantes para este estudo.

Os noticiários das 12:45 e às 18:15, são menos extensos, com uma duração média de 13 minutos. Como tal, “quanto mais breve é o noticiário, mais importância tem em dar conta dos factos que se produziram recentemente” (Merayo Pérez, 2009:76).

Acrescenta Merayo Pérez (2009:76) que nestes casos quando se inserem entrevistas, “estas são muito breves e sempre de declarações”. É isso que acontece nos noticiários desportivos da Rádio Renascença. Nos espaços de início e fim de tarde, ‘Bola Branca’ debruça-se sobre os principais temas da atualidade. É incomum ouvir a mesma informação em ambos os noticiários. Se tal sucede, surge com as devidas atualizações, sendo divulgada sobre um outro ângulo ou perspectiva, “procurando incorporar aspetos e dados novos na sua exposição” (Martínez-Costa, 2009:108).

A edição da noite, às 22:30, com uma duração média de 28 minutos, surge com uma estrutura ligeiramente modificada. São recordadas as principais notícias do dia, devidamente atualizadas e, em alguns casos, desenvolvidas com a inclusão de entrevistas e comentários.

Apesar de terem sido gravados todos os noticiários da ‘Bola Branca’ de 2015, decidimos retirar uma amostra estratificada. Isto é, elegemos para a amostra os programas radiofónicos desportivos da RR da primeira segunda-feira do ano, os programas da segunda terça-feira do ano, os programas quarta-feira da semana seguinte e assim sucessivamente. Houve dias selecionados em que não foi possível escutar as três edições, sobretudo as noturnas, às 22:30, que foram substituídas pela transmissão de relatos de futebol. Outras edições foram suprimidas devido a condicionantes de programação. Sendo uma emissora católica, a RR privilegia, por exemplo, nas épocas de Páscoa e Natal a transmissão de eventos religiosos que, por vezes, coincidem com os horários da ‘Bola Branca’

Na análise aos 128 programas que constituem o *corpus* desta investigação foram identificadas 1335 notícias, 1190 registos magnéticos (RM’s) e 1183 fontes de informação.

Os dados recolhidos foram tratados através da técnica de análise de conteúdo, que pode aplicar-se “a todas as áreas da comunicação” (Sousa, 2006:662), como é o caso. É um método refinado, que apesar de exigir do investigador “disciplina, dedicação, paciência e tempo” (Silva & Fossá, 2013:3), “ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum” (Moraes, 1999:8).

A análise pretende identificar os principais aspectos estruturais dos noticiários de ‘Bola Branca’, nomeadamente as formas de tratamento das notícias, os assuntos abordados, notícias de abertura, fontes de informação utilizadas, as vozes das notícias e a sua duração.

No quadro que se segue representamos os vários tipos de notícias que identificamos neste estudo.

<i>Tipo de Notícias</i>	
Breve	Notícia de curta duração, lida apenas pelo jornalista, sem qualquer tipo de declaração (RM)
Simples [1]	Notícia lida apenas pelo jornalista, com a inserção de apenas 1 declaração (RM)
Simples [2]	Notícia lida apenas pelo jornalista, com a inserção de dois ou mais declarações (RM's)
Complexa	Notícia lida pelo jornalista, com inserção de, pelo menos, uma declaração (RM), complementada ou com um direto ou com a intervenção de um comentador/especialista
Peça	Notícia lida pelo jornalista e com a inserção de uma reportagem gravada de outro jornalista
Direto	Notícia lida pelo jornalista, com a introdução de um outro jornalista em direto, quer do exterior, quer em estúdio

Para a análise aos temas noticiados nos programas de ‘Bola Branca’ utilizamos as seguintes categorias:

<i>Temas das Notícias</i>	
Análise Equipas	Notícias que analisam o desempenho das equipas, com referência a dados estatísticos. Visam encontrar uma explicação para determinados aspetos da atualidade dos clubes. Por exemplo, porque é que uma equipa sofreu uma série de derrotas consecutivas
Análise Atletas	Notícias que analisam o desempenho dos atletas, com referência a dados estatísticos. Visam encontrar uma explicação para determinados aspetos individuais de um atleta. Por exemplo, porque é que um jogador deixou de ser opção para o seu treinador
Análise Treinadores	Notícias que analisam o desempenho dos treinadores, com referência a dados estatísticos. Visam encontrar uma explicação para determinados aspetos individuais de um técnico. Por exemplo, porque é que um treinador optou por deixar de fora um jogador
Arbitragem	Noticias relacionadas com aspetos ligados à arbitragem.
Chicotadas	Notícias que informam sobre despedimentos de treinadores
Disciplina/Justiça	Notícias que divulgam situações concernentes a disciplina e justiça desportiva.

Físico	Notícias que informam sobre questões clínicas. Por exemplo, as lesões dos atletas.
Jogo/Competições	Notícias que abordam apenas aspetos relacionados com os eventos desportivos. Por exemplo, divulgação de resultados. Neste item incluímos apenas jogos e competições oficiais
Transferências/Mercado	Notícias relacionadas com a contratação, venda, renovação ou empréstimo de atletas ou treinadores
Treinos	Notícias que abordam os treinos dos clubes. Neste item incluímos jogos de preparação realizados durante a temporada
Outros	Outros assuntos que não se enquadram nas categorias anteriores

Já a identificação das fontes de informação obedece a uma tabela onde predominam as fontes mais usadas no campo do jornalismo desportivo radiofónico.

Fontes de Informação

Árbitros	Árbitros no ativo
Anónimas	Fontes cuja proveniência é conhecida, mas cujo nome não é divulgado
Atletas	Atletas de clubes ou seleções. Foram considerados jogadores que, apesar de estarem em situação de desemprego, permanecem no ativo.
Clubes	<i>Media</i> vinculados a um determinado clube (televisões, jornais ou sites). O 'Porto Canal', apesar de estar classificado como canal generalista de cariz regional, foi considerado <i>media</i> de clube, devido à sua ligação ao FC Porto.
Dirigentes	Elementos que fazem parte dos órgãos sociais de um determinado clube ou seleção.
Documentais	Fontes de notícias provenientes de comunicados ou <i>press releases</i> , por exemplo
Empresários	Agentes de jogadores ou treinadores
Especializada	Peritos de uma determinada área desportiva que são chamados a explicar ou comentar certas matérias
Ex-Atletas	Atletas que já abandonaram a profissão
Ex-Dirigentes	Indivíduos que já ocuparam cargos em órgãos sociais de clubes ou seleções
Ex-Treinadores	Treinadores que já abandonaram a profissão
Jornalistas	Quando a fonte da notícia são os próprios jornalistas da Rádio Renascença ou outros
Media	
Organismos	Fontes de notícias provenientes de organismos desportivos, como a FIFA, UEFA, Liga de Clubes, Associações, etc.
Redes Sociais	Fontes de notícias recolhidas nas redes sociais
Treinadores	Treinadores ou membros de uma equipa técnica ao serviço de um clube ou seleção nacional. Para esta tipologia foram também considerados os treinadores que, apesar de estarem em situação de desemprego, permanecem no ativo
Outros	Fontes que não se encaixam em nenhuma das tipologias anteriores e que surgem no programa desportivo com menos frequência, como por exemplo, informação proveniente de agências noticiosas, sindicatos, familiares de atletas, políticos, ex-árbitros, etc.

A categorização das vozes das notícias obedece à seguinte tipologia:

Vozes da Notícias

Árbitros	Declarações (RM's) de árbitros no ativo
Atletas	Declarações (RM's) de atletas no ativo
Treinadores	Declarações (RM's) de treinadores no ativo
Dirigentes	Declarações (RM's) de dirigentes no ativo
Ex-Árbitros	Declarações (RM's) de árbitros que já abandonaram a profissão. Incluímos neste item ex-árbitros que assumem a função de comentadores de arbitragem
Ex-Atletas	Declarações (RM's) de atletas que já abandonaram a profissão
Ex-Treinadores	Declarações (RM's) de treinadores que já abandonaram a profissão
Ex-Dirigentes	Declarações (RM's) de dirigentes que desempenharam funções em clubes ou instituições
Empresários	Declarações (RM's) de agentes de atletas
Outros	Declarações (RM's) que não se enquadram nas categorias anteriores, como por exemplo políticos, advogados, médicos, familiares de atletas, etc.

Para categorizar a duração das declarações identificadas neste estudo optamos pela seguinte proposta:

Duração dos RM's

Até 10"	Declarações (RM's) com duração máxima de dez segundos
Até 20"	Declarações (RM's) com duração máxima de vinte segundos
Até 30"	Declarações (RM's) com duração máxima de trinta segundos
Até 40"	Declarações (RM's) com duração máxima de quarenta segundos
Até 50"	Declarações (RM's) com duração máxima de cinquenta segundos
Até 1'	Declarações (RM's) com duração máxima de um minuto
Mais 1'	Declarações (RM's) com duração superior a um minuto

Capítulo 8. – Investigação

8.1. Tipo de Notícias

São várias as definições de notícia. De uma maneira geral:

“É um facto verdadeiro, inédito ou atual, de interesse geral, que se comunica ao público que pode considerar-se massivo, uma vez que foi colectado, interpretado e avaliado pelos sujeitos promotores que controlam o meio utilizado para a sua difusão” (Martínez Albertos, 1974:88).

Na rádio é a escuta da narração dos elementos básicos do facto e, se necessário, a sua breve explicação, utilizando os documentos sonoros mais significativos e imprescindíveis” (Merayo Pérez, 2009:87). Ou então, “a notícia é o género radiofónico mais básico, a maneira mais simples e rápida de transmitir qualquer informação” (Antón, 2005:199). A notícia também pode ser “aquilo que os jornalistas acham que interessa aos leitores e, portanto, notícia é aquilo que interessa aos jornalistas” (Sodré, 1996:135).

Neste estudo foram identificadas 1335 notícias nos 128 blocos desportivos da ‘Bola Branca’ que constituem o *corpus* desta investigação, emitidos ao longo do ano de 2015, nas três principais edições diárias: 12:45, 18:15 e 22:30.

As várias unidades de informação foram categorizadas como notícias *breves*, *simples com 1 RM*, *simples com 2 ou mais RM’s*, *complexa*, *com inserção de peça e com uso do direto*.

TOTAL	Breve	Simples [1]	Simples [2]	Complexa	Peça	Direto
1335	595	362	278	18	34	48
100%	44,56%	27,11%	20,82%	1,34%	2,54%	3,59%

595 das unidades de informação encontradas, ou seja 44,56%, foram divulgadas de forma *breve*, aquilo a que Prado (1989:49) e Soengas (1996:24) chamam de “notícia estrita”, que é lida apenas pelos jornalistas sem qualquer tipo de declaração e que são redigidas “num estilo muito simples que é determinado pela exigência na brevidade da exposição dos factos” (Santos Díez, 2003, 178). É o “formato estandarte da informação radiofónica” (Soengas, 1996:24). Exemplo:

PIVÔ – “O Benfica treinou de manhã no Seixal, com os primeiros minutos da sessão abertos aos jornalistas. Sálvio, depois da lesão na coxa direita, integrou o treino sem limitações. Já o médio Nico Gaitán está mais perto de regressar. Fez trabalho condicionado no relvado”²⁶.

No caso específico da ‘Bola Branca’, este tipo de notícia não excede um minuto de duração. É utilizada quando surge “um acontecimento de última hora sobre o qual não há

²⁶ Bola Branca, 12:45, 2015.05.06

muitas informações disponíveis” (Bonixe, 2012b:132), mas é particularmente importante para ser difundida de imediato ou, então, quando a notícia não é suficientemente relevante “para que se proceda ao seu desenvolvimento, sendo emitidos apenas os principais factos para a sua compreensão (Bonixe, 2012b:132).

Quando há mais do que uma notícia de elevado grau de importância, uma delas é divulgada de forma breve no arranque da emissão, de forma a despertar o interesse e a ‘prender’ o ouvinte, sendo aprofundada posteriormente durante o programa. Na ‘Bola Branca’, a notícia *breve* é um recurso muito usado na divulgação de resultados, na informação sobre os treinos dos clubes ou na informação sobre desporto internacional e modalidades.

Verificou-se, no entanto, que predominam as notícias com declarações (47,93%). Esta conclusão é um sinal satisfatório, tendo em conta que “perante qualquer notícia da atualidade, o critério jornalístico em rádio obriga a dar sempre mais importância à notícia que possa ser oferecida à audiência com uma maior riqueza de sons” (Reis, 2012:4 *apud* Medrano, 2003:219-220). Ainda assim, lembra Reis (2015a:181), “o número de sons de uma notícia é limitado pelo espaço disponível em antena e o tempo de duração da notícia ou do noticiário”.

As *notícias simples com declarações*, como lhe chamamos, tem “uma estrutura geral similar à notícia estrita” (Prado, 1989:51), incorporando “um elemento novo, que são as declarações de protagonistas ou especialistas de informação” (Soengas, 1996:26).

A inclusão de um ou mais sons ajuda a realçar a informação difundida, como também “tornará o acontecimento noticiado mais notado para o ouvinte” (Bonixe, 2007:36). Diz o mesmo autor (2012b:46) que “a procura por declarações, e a sua inserção nas peças radiofónicas, atribui ‘realismo’, cor e dinâmica à notícia”, sendo por isso “um aspecto que valoriza a informação radiofónica” (Bonixe, 2012b:48). Segundo Prado (1989:53) as notícias com testemunhos ganham “em credibilidade e em exactidão”.

Este formato de notícias pode conter apenas um RM ou vários registos sonoros, oferecendo dessa forma “diversas perspetivas sobre o mesmo assunto” (Bonixe, 2012b:134). Como tal, decidimos diferenciar neste estudo as duas possibilidades.

Exemplo de notícia simples com 1 RM:

PIVÔ – *“Ponto final na especulação. O Benfica já o tinha negado e o avançado Alexandre Pato desmentiu hoje também qualquer possibilidade de assinar contrato com o campeão português. Em conferência de imprensa, esta terça-feira, Pato esclareceu que vai continuar no São Paulo, pelo menos até Dezembro”*.

[RM – Alexandre Pato]

PIVÔ – *“Alexandre Pato, hoje em conferência de imprensa”*²⁷.

Exemplo de notícia simples com 2 ou mais RM's:

PIVÔ – *“Ao final da tarde, o Futebol Clube do Porto oficializou a contratação de Alberto Bueno, o primeiro reforço para a próxima época. O avançado espanhol, de 27 anos, deixa o Rayo Vallecano, assina pelos ‘dragões’ até 2020 e fica blindado com uma cláusula de quarenta milhões de euros. Em declarações ao Porto Canal, Bueno não esconde a satisfação por chegar a um grande clube como o Porto”*.

[RM1 – Alberto Bueno]

PIVÔ – *“Alberto Bueno vai reencontrar Lopetegui como treinador, algo que aconteceu no Rayo Vallecano em 2008/2009. O avançado diz que não hesitou em ingressar no Porto quando Lopetegui lhe disse o que queria dele”*.

[RM2 – Alberto Bueno]

*Alberto Bueno, reforço do Porto.*²⁸

Verificamos que as *notícias simples com um RM* são mais usadas (27,11%) do que as *notícias simples com dois ou mais RM's* (20,82%). Em parte, este resultado é explicado com a inserção de sucessivas declarações do mesmo protagonista que, apesar de combinadas, versam sobre temas diferentes, o que faz aumentar exponencialmente o número de notícias com apenas 1 RM. Esta é uma fórmula recorrentemente utilizada nos espaços desportivos da Rádio Renascença.

Um exemplo para esclarecer:

²⁷ Bola Branca, 22:30, 2015.07.07

²⁸ Bola Branca, 22:30, 2015.05.25

PIVÔ – “*O universo sportinguista está muito confiante. Acredita que é esta temporada que a conquista do campeonato vai ser uma realidade. Na véspera da apresentação aos sócios, o antigo presidente do Sporting, José Sousa Cintra, mostra-se muito agrado com a prestação do plantel e do novo treinador Jorge Jesus, nesta pré-época. Em declarações a ‘Bola Branca’, Sousa Cintra mostra entusiasmo. Espera um ‘leão’ com futebol de ataque e chega mesmo a afirmar que a temporada do Sporting será uma, e citamos, maravilha*”.

[RM1 – Sousa Cintra]

PIVÔ – “*Amanhã, às 19:45, em Alvalade, o Sporting recebe o conjunto italiano da Roma na apresentação aos sócios e adeptos. A equipa orientada por Jorge Jesus vai tentar conquistar o troféu ‘5 Violinos’. São esperadas perto de quarenta mil pessoas no estádio. Sousa Cintra fala de um dia especial com a presença de muitos sportinguistas nas bancadas*”.

[RM2 – Sousa Cintra]

PIVÔ – “*O Sporting, segundo Sousa Cintra, pode vencer o jogo da Supertaça, a 9 de agosto, no Algarve, com o Benfica. Este antigo presidente dos ‘leões’ acredita na vitória do seu clube, mas espera acima de tudo um grande jogo*”.

[RM3 – Sousa Cintra]

PIVÔ – (seguiu com outra notícia)²⁹

Repara-se que foram inseridos três excertos sonoros do mesmo entrevistado, no caso Sousa Cintra. Contudo, o ex-presidente do Sporting abordou três assuntos diferentes: as suas expectativas para a nova temporada, o jogo de apresentação aos sócios e o embate com o Benfica para a Supertaça. Como tal, para este estudo consideramos três diferentes notícias *simples com um RM* e não uma notícia *simples com 2 ou mais RM’s*.

Seja como for, repare-se que o resultado obtido revela a tendência para nos documentos sonoros longos “fraccionar a gravação em duas ou mais partes e alternar cada uma delas com texto” (Merayo Pérez, 2009:82).

²⁹ Bola Branca, 2015.07.31

Na análise aos programas de ‘Bola Branca’ decidimos assinalar outro tipo de notícia que designamos como *complexa*. As notícias *complexas* apresentam uma percentagem reduzida. Apenas 1,38%, o equivalente a 18 unidades de informação. Obedecem a uma estrutura com um grau de aprofundamento mais elevado do que as referidas anteriormente. Contêm várias vozes: o pivô do programa, um comentador ou especialista e os depoimentos do(s) protagonista(s) da notícia. Por vezes é ainda complementada com a inserção de uma peça ou com um direto de um segundo jornalista, apresentado “várias visões sobre o mesmo acontecimento, tentando esclarecer e aprofundar um determinado tema” (Bonixe, 2012b:135).

Exemplo de notícia complexa:

PIVÔ – (...) *“Partimos já para o lançamento dos principais jogos da jornada, a começar, obviamente, pelo jogo grande, o Benfica – Braga, que terá para cima de sessenta mil espectadores no estádio da Luz. Na antevisão da partida, Jorge Jesus afastou-se das polémicas da semana, após o Braga – Porto e antes do jogo deste sábado. O treinador do Benfica não comenta o desempenho da equipa minhota no jogo com o Porto e limita-se a analisar o Braga, que por duas vezes já defrontou a sua equipa nesta época, e venceu nas duas ocasiões”*.

[RM1 – Jorge Jesus]

PIVÔ – *“Ainda sobre o Braga – Porto, Jorge Jesus reafirma que não lhe compete fazer qualquer tipo de análise”*.

[RM2 – Jorge Jesus]

PIVÔ – *“Jorge Jesus não deixa de elogiar o Sporting de Braga, clube que treinou entre 2008 e 2019, antes de ingressar no Benfica. O treinador encarnado sublinha o crescimento do clube e lembra que em campo o Braga joga olhos nos olhos os chamados grandes”*.

[RM3 – Jorge Jesus]

PIVÔ – *“Em Braga, o treinador Sérgio Conceição saltou a terreiro na defesa do grupo, na sequência das críticas à alegada falta de atitude da equipa no jogo frente ao Futebol Clube do Porto. O treinador do Braga condena qualquer tipo de insinuação sobre o comportamento dos jogadores e da*

equipa técnica no jogo com o Porto e anuncia um balneário ferido com essas críticas”.

[RM1 – Sérgio Conceição]

PIVÔ – *“Nesta antevisão entre o Benfica e o Braga houve tempo para falar de futebol em si. Sérgio Conceição considera o instante imediatamente após a recuperação da bola como o momento chave para poder desequilibrar o jogo e chegar ao golo”.*

[RM2 – Sérgio Conceição]

PIVÔ – *“Sérgio Conceição... Mara Vieira, Ribeiro Cristóvão, boa noite aos dois. Ribeiro Cristóvão, esta frase de Sérgio Conceição parece-me um excelente lançamento para a antevisão deste Benfica – Braga. Numa resposta o treinador do Braga acaba por resumir o que está em jogo este sábado: por um lado, saber quem, do ponto de vista psicológico, está mais forte, depois de uma semana intensa em declarações e, sobretudo, saber qual das duas equipas será mais capaz de desequilibrar, sem se desequilibrar a ela própria”.*

[COMENTADOR – Ribeiro Cristóvão]

PIVÔ – *“Mara Vieira, este pontuar técnico de Sérgio Conceição, nesta conferência de imprensa, concretamente sobre este momento de recuperação da bola, como treinadora como é que olha para esta frase de Sérgio Conceição?”.*

[ESPECIALISTA – Mara Vieira]

(...)³⁰

Repare-se que nesta notícia foram inseridos vários excertos sonoros dos técnicos de duas equipas que se iriam defrontar. Posteriormente, o comentador da RR, Ribeiro Cristóvão, e a especialista e treinadora de futebol, Mara Vieira, ‘anteciparam’ essa mesma partida. Na rádio, este tipo de comentários “surge como fruto da necessidade que tem o público em dispor de códigos úteis para interpretar os factos” (Merayo Lopez, 2009:90).

Este tipo notícia, que assinalamos como *complexa*, por conter uma variedade de vozes, quando existe ocupa uma parte substancial do programa. Como tal, foi observado

³⁰ Bola Branca, 22:30, 2015.03.13

essencialmente nas edições noturnas de ‘Bola Branca’, o bloco desportivo de maior duração, com cerca de 30 minutos, logo menos condicionado pelo factor tempo, o que permite um melhor desenvolvimento dos principais assuntos da atualidade desportiva.

A presença do *direto* foi detetado em 48 unidades de informação, o correspondente a 3,59%. Saliente-se que nesta categoria englobamos não só os diretos de exterior, como também aqueles que foram efetuados em estúdio, embora tenham sido observados em raras ocasiões.

O *direto em estúdio* obedece à lógica do direto em exterior. Só que, neste caso, o pivô do programa ‘lança’ em antena um outro jornalista presente na redação, que fornece dados sobre um determinado evento que está a decorrer naquele momento e para o qual a RR não tem qualquer repórter destacado. Por exemplo, um jogo no estrangeiro. Normalmente, as informações divulgadas são obtidas com recurso a imagens televisivas.

“O direto é visto como uma forma de vencer a constante pressão do tempo. A ideia é dizer o que está a acontecer, mas dizê-lo o mais rapidamente possível e, preferencialmente, primeiro que a concorrência” (Bonixe, 2012b:52), mesmo que isso signifique realizar um direto em estúdio.

Diz Bonixe (2012b:52) que numa altura em a luta pelas audiências é cada vez mais acentuada, “o direto é uma forma de transmissão de mensagens informativas cada vez mais frequente”. Essa ideia é confirmada no espaço desportivo da RR: em 128 emissões foram observados 48 diretos. Podemos inferir que há, em média, uma reportagem em direto numa das três principais edições diárias de ‘Bola Branca’. No entanto, Reis (2015b:20) questiona “até que ponto o direto informa melhor o ouvinte. E se não houver mediação do repórter, até que ponto é jornalismo”. Acrescenta Benedicto (2010:48) que este formato exige “bastante experiência dos redactores para não incorrer em erros de vulto e em situações comprometedoras”.

Saliente-se que no programa de informação desportiva da emissora católica portuguesa as *reportagens em direto de exterior* são realizadas, na sua maioria, a partir de estádios de futebol, antes, durante ou após um determinado jogo. Ou seja, são feitas a partir do local do acontecimento oferecendo ao ouvinte a informação mais recente, assim

como a ‘imagem sonora’ do ambiente onde estão a decorrer os factos, “transportando-o para o lugar de origem, onde estão os protagonistas da notícia” (Saiz, 2009:36).

“Neste formato as descrições do repórter, suas impressões sobre o que acontece ao seu redor e os depoimentos que consegue obter assumem grande importância” (Oliveira, 2011:89).

Exemplo de uma notícia com inclusão de um direto:

PIVÔ – “Está a começar a segunda jornada da terceira fase da Taça da Liga, no estádio António Coimbra da Mota, na Amoreira. Estoril – Gil Vicente, jogo do grupo B. O Estoril tem um ponto. O Gil Vicente ainda não pontuou. Este grupo é comandado pelo Covilhã, com três pontos. As primeiras informações, em direto, desse Estoril - Gil Vicente com o jornalista João Fonseca, no estádio António Coimbra da Mota. Boa tarde”.

DIRETO – “Boa tarde, Pedro, ouvintes de ‘Bola Branca’. Joga-se há minuto e meio aqui na Amoreira. Jogo entre Estoril e Gil Vicente, que se afigura de maiores responsabilidades para a equipa de José Mota (...).”

*PIVÔ – “O João Fonseca voltará no noticiário das sete da Renascença para actualizar informações desse jogo inaugural da segunda jornada da Taça da Liga, Estoril – Gil Vicente, no estádio António Coimbra da Mota”.*³¹

No corpus da investigação, foram identificadas 34 peças nas 128 emissões analisadas (2,54%), o que significa que não é um recurso muito utilizado nos espaços desportivos da RR. Um aspeto que não surpreende se tivermos em conta que nos noticiários radiofónicos, por limite de tempo, “as reportagens e a peça do jornalista são, muitas vezes, substituídas pelo RM do protagonista, a declaração tendencialmente mais curta” (Reis, 2015b:145).

As reportagens gravadas são feitas em estúdio ou fora da redação “em que apenas há a voz do repórter ou a sua conjugação com a dos protagonistas/intervenientes na notícia” (Reis, 2009:202).

Exemplo de uma notícia com peça:

³¹ Bola Branca, 18:15, 2015.01.13

PIVÔ – “Álvaro Magalhães e Nené, duas antigas glórias do Benfica, alertam para os perigos e desafios da próxima época. Declarações à margem da apresentação da história oficial do Sport Lisboa e Benfica. Uma reportagem de João Paulo Ribeiro”.

PEÇA – [OFF1 JORNALISTA] “Muita atenção ao Sporting na temporada 2015/2016. Segundo o antigo defesa do Benfica, Álvaro Magalhães, os leões vão intrometer-se na luta pelo título. Com Jorge Jesus no comando nem podia ser de outra maneira”.

[RM1 – Álvaro Magalhães]

[OFF2 JORNALISTA] “Para Álvaro seria muito importante manter Maxi Pereira no plantel do Benfica. O uruguaio é um líder de balneário, considera o antigo defesa”.

[RM2 – Álvaro Magalhães]

[OFF3 JORNALISTA] “Outra antiga glória do Benfica, o avançado Nené, perspectiva a próxima época com Rui Vitória no comando técnico. Uma próxima temporada também de sucesso, caso o novo treinador tenha as mesmas condições que teve Jorge Jesus”.

[RM1 – Nené]

[OFF4 JORNALISTA] “Declarações de Nené e Álvaro Magalhães à margem da apresentação do livro ‘Benfica – A História Oficial’. Uma cerimónia que não contou com a presença do presidente Luís Filipe Vieira”.

PIVÔ – (segiu com outra notícia)³²

Quando são feitas no exterior “são gravadas no lugar e no momento em que se produzem os factos e emitidas posteriormente” (Merayo Pérez, 1992:203). Acrescenta o mesmo autor (1992:203) que oferece a vantagem de “poder suprimir as partes da mensagem que resultem menos oportunas”. No caso das peças gravadas em estúdio, este tipo de reportagem “não se expõe aos riscos da improvisação, já que há sempre tempo para que possam estar convenientemente elaboradas (Merayo Pérez, 1992:203).

Se “o direto é irrepetível” (Meneses, 2003:162), já o diferido “permite reproduzir o número de vezes considerado razoável” (Meneses, 2003:162).

³² Bola Branca, 18:15, 2015.06.18

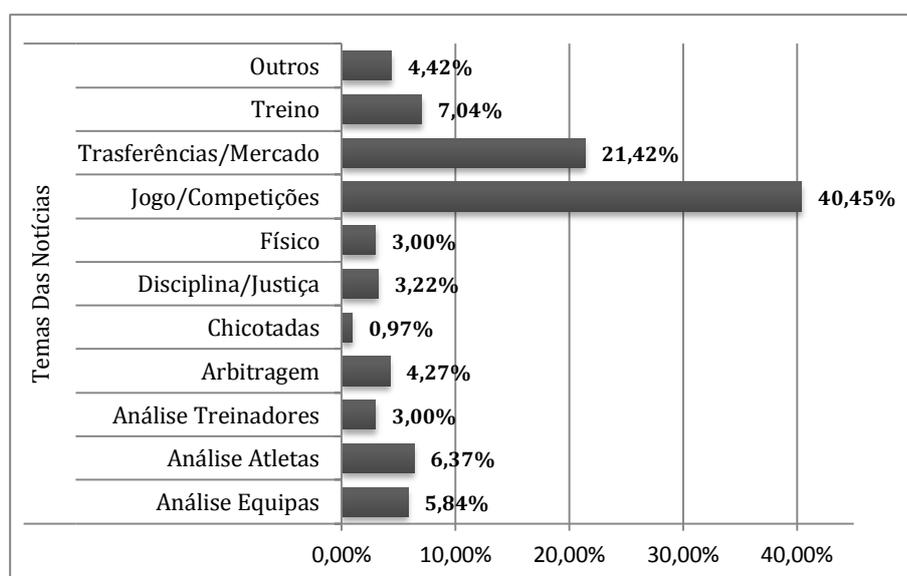
Na ‘Bola Branca’ uma peça emitida às 12:45 ou às 18:15 pode voltar a ser difundida na edição da noite, às 22:30, caso se mantenha atual. Normalmente essas reportagens são de curta duração, entre dois a três minutos.

8.2. Temas das Notícias

Em Portugal, o desporto ocupa um lugar de destaque na programação das rádios. Entre as principais emissoras generalistas (Rádio Renascença, Antena 1 e TSF) não há nenhuma que abdique de um programa diário de informação desportiva, um território de emoções e paixões, capaz de captar grandes parcelas de audiência.

Aliás, as rádios competem entre si inserindo esses mesmos espaços em horários semelhantes, ao mesmo tempo que procuram divulgar antes da concorrência informação atualizada sobre o mundo do desporto.

Os jornalistas desportivos têm “de pensar, em primeiro lugar, no que é que o público necessita de saber e, imediatamente depois, fazer com que essa informação resulte interessante” (Merayo Pérez, 2009:59). Como tal, decidimos analisar quais os temas que predominam nos noticiários de ‘Bola Branca’, tendo como pressuposto que as temáticas mais vezes divulgadas resultam do interesse em agradar a uma audiência que procura esses mesmo assuntos.

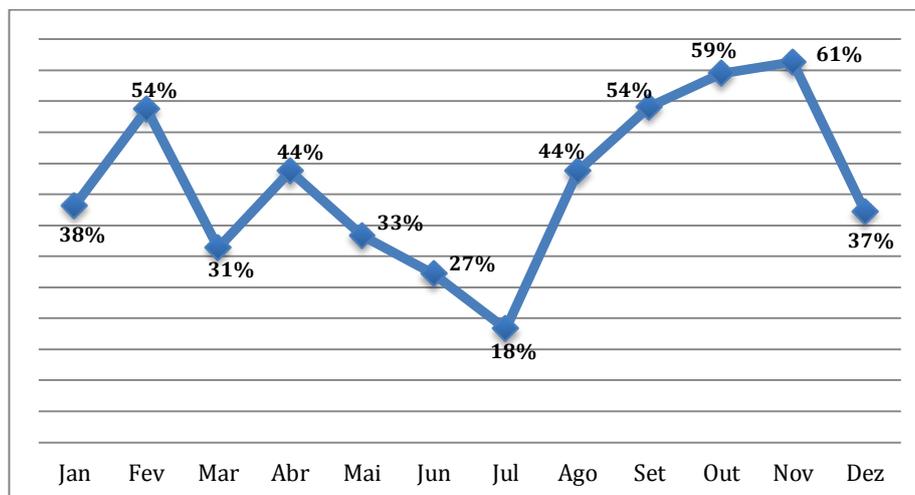


Observa-se que os temas relacionados com os *jogos e competições* desportivas são os mais utilizados na produção noticiosa de ‘Bola Branca’. Foram identificadas 540 unidades de informação sobre esta temática entre um total de 1335 notícias, o que corresponde a 40,45%.

Este resultado demonstra que o programa de desporto da Rádio Renascença privilegia, sobretudo, acontecimentos ocorridos dentro das ‘quatro linhas’. É dada primazia à antevisão e rescaldo dos jogos e à respetiva divulgação de resultados.

Este cenário corrobora a ideia de que o jornalismo desportivo “é uma mera exposição de resultados de jogos, sendo um espaço para debates sobre jogadores e equipas” (Sugden & Tomlinson, 2007 *apud* Henriques, 2014:33).

O gráfico apresentado em baixo reforça a ideia que as notícias *jogos/competições* são abundantemente divulgadas em ‘Bola Branca’, apresentando valores mensais acima dos 30%, exceção dos meses de junho (27%) e julho (18%), altura em que os campeonatos estão parados.



A percentagem mais elevada da informação relacionada com o tema *jogos/competições* verifica-se nos meses de fevereiro (54%), setembro (54%), outubro (59%) e novembro (61%). A participação dos clubes portugueses nas competições europeias ajuda a justificar este dado.

Em dezembro (37%) e janeiro (38%) há um abaixamento do volume destas notícias, decorrência da interrupção, principalmente, das provas da UEFA. As

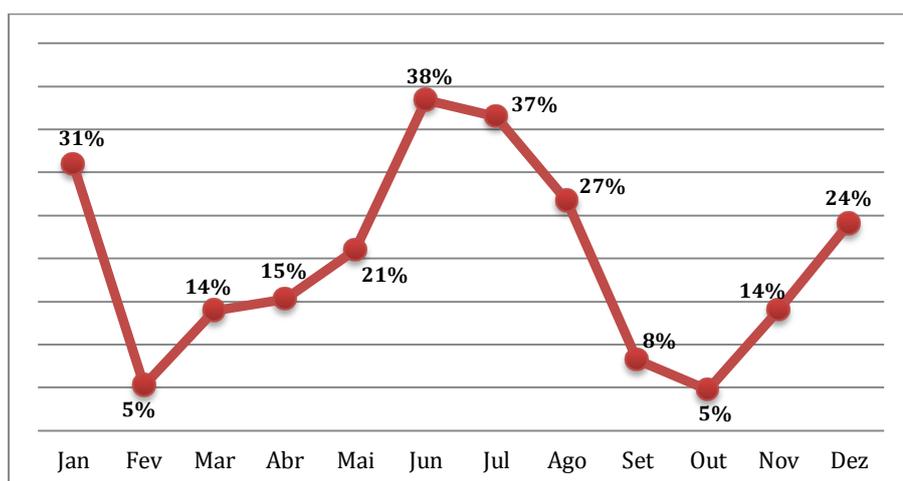
competições internas também sofrem uma breve pausa devido às festividades próprias dessa altura do ano.

A percentagem de 31% observada no mês de Março pode ser explicada pelo facto dos clubes portugueses já terem sido eliminados das competições europeias.

As notícias relacionadas com *transferências/mercado* também surgem em grande percentagem (21,42%), correspondendo a 286 unidades de informação.

Regularmente é um tema muito abordado, sobretudo no Verão, altura em que as competições desportivas de futebol estão paradas. Mas também em janeiro, na abertura do mercado de inverno, ocasião de que os clubes dispõem para reforçar e fazerem pequenas retificações no plantel.

Neste período, de grande movimentação de jogadores, este é um assunto fértil nos espaços de desporto da rádio portuguesa e a RR não é excepção.



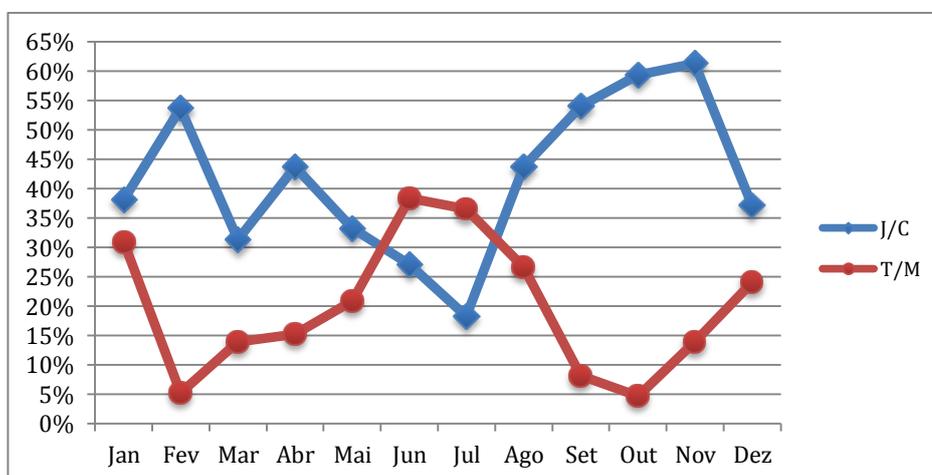
Verifique-se que em janeiro de 2015, durante o mercado de inverno, 31% das notícias analisadas durante esse mês abordaram a temática, que foi tratada com menor assiduidade nos meses de fevereiro (5%), março (14%) e abril (15%).

A partir de maio, já com as competições a terminar, o assunto voltou a ganhar relevo (21%), tendo o seu auge nos meses seguintes: junho (38%), julho (37%) e agosto (27%). De sublinhar que é nesta época, chamada de defeso, que se verifica a maior atividade de compra, venda e troca de jogadores e treinadores.

Em Portugal, por norma, o encerramento do mercado de transferências de Verão ocorre no final de Agosto. Consequentemente, a difusão desse tipo de acontecimentos sofre um abaixamento considerável: setembro (8%), outubro (5%) e novembro (14%).

O assunto volta a merecer destaque no alinhamento dos blocos noticiosos da 'Bola Branca' em dezembro (24%), altura em que se aproxima a reabertura do mercado.

Um dado curioso que constatamos é que as notícias sobre *transferências/mercado* só assumem maior preponderância nos noticiários de 'Bola Branca' quando escasseia o volume de informação de *jogos/competições*. Essa tendência fica inequivocamente demonstrada no gráfico que se segue.



A temática que surge no terceiro lugar das notícias mais divulgadas é a de *treinos*, mas já com uma percentagem (7,04%) bem distante das duas anteriores. É prática recorrente informar os ouvintes sobre as sessões de trabalho dos clubes de futebol. São notícias dadas, quase sempre, de forma breve, como se verá mais à frente, mas indispensáveis nos blocos desportivos da rádio portuguesa.

As *análises a atletas* (6,37%), *a equipas* (5,84%) e *a treinadores* (3%) apresentam valores baixos. Em bom rigor, estas notícias não são mais do que comentários emitidos por figuras ligadas ao mundo do desporto sobre temas da atualidade. Expressam opinião, por exemplo, sobre o rendimento de um determinado jogador, a capacidade de um qualquer treinador ou sobre o momento de ocaso de um clube na competição em que está inserido. No fundo, muitas vezes estas notícias não passam de conjeturas sobre o que se está a passar ou pode vir a acontecer. Se juntarmos os 3 itens (15,21%) notamos que este

“dualismo factos-opiniões” (Merayo Pérez, 1992:174) observa-se constantemente nos noticiários de ‘Bola Branca’.

Os temas relacionados com arbitragem surgem com uma percentagem de 4,27%, à frente de assuntos concernentes a *disciplina e justiça* (3,22%), a questões *físicas* e *clínicas* (3%) ou a despedimentos de treinadores, vulgarmente chamadas de ‘chicotadas psicológicas’, que não chega a 1%. Sublinhe-se que o valor obtido na temática *arbitragens* deve-se muito à divulgação dos nomes dos árbitros nomeados para as partidas de futebol. Foram ainda identificadas várias *outras* notícias sobre os mais diversos temas, numa percentagem de 4,42%.

Ribeiro Cristóvão, o fundador da ‘Bola Branca’, na entrevista concedida para esta investigação assegurou que “difundir uma informação desportiva rigorosa” foi desde sempre o objetivo do programa. Acrescentou que uma das regras de ouro era “nunca divulgar uma notícia em relação à qual não houvesse certezas”. O jornalista afirmou que costuma dizer-se “se deu na Bola Branca é porque é verdade”.

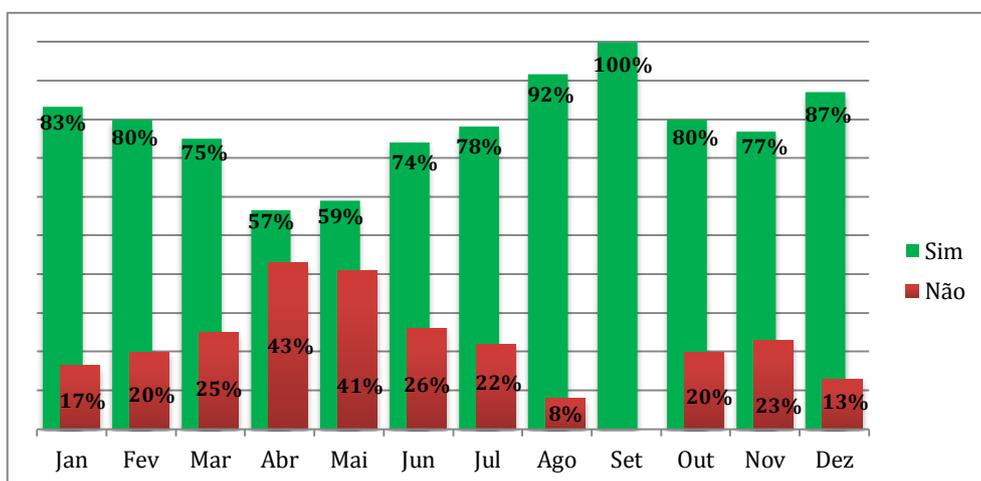
Quisemos indagar esse facto, tendo como base as notícias sobre *transferências/mercado* observadas no período analisado, que julgamos tratar-se bom indicador para aquilatar acerca da credibilidade da informação desportiva transmitida pelo programa. Segundo Sobral & Magalhães (1999:56) “as transferências de jogadores constituem um campo de fértil especulação”.

Numa primeira análise, mais superficial, observa-se que das 286 unidades de informação adstritas à temática *transferências/mercado*, 222 revelaram-se verdadeiras, correspondendo a uma elevada percentagem de 77,6%. 64 dessas notícias, ou seja 22,4%, não se confirmaram. De sublinhar que nesta categoria englobamos todo o conteúdo informativo relacionado com a entrada, saída, troca e empréstimo de jogadores e treinadores.

NOTÍCIAS TRANSFERÊNCIAS/MERCADO														
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	TOTAL	%
	30	5	12	23	22	58	46	36	5	5	13	31	286	100
SIM	25	4	9	13	13	43	36	33	5	4	10	27	222	77,6
NÃO	5	1	3	10	9	15	10	3	0	1	3	4	64	22,4

Numa análise mais detalhada, e tendo por base apenas o número mensal de notícias desta categoria, constata-se que a percentagem de informações verdadeiras é claramente superior. Por exemplo, verificou-se que no mês de setembro todas as notícias sobre esta temática vieram a confirmar-se. Um dado que nem é surpreendente tendo em conta que nesse período, com o mercado fechado, são praticamente inexistentes as notícias sobre venda e compra de atletas.

No entanto, refira-se que o espaço desportivo da emissora católica apresenta também uma percentagem muito reduzida de informações especulativas em períodos de grande movimentação de jogadores, como são os meses de agosto (8%), dezembro (13%) e janeiro (17%).



Os dados acima demonstrados permite-nos inferir que neste capítulo ‘Bola Branca’ acerta bastante mais do que erra. Este resultado pode ser analisado sob três perspetivas: o uso de fontes credíveis; o cruzamento de diversas fontes de forma a confirmar a veracidade, ou não, da notícia; e/ou a política editorial de apenas difundir notícias sobre as quais há a perceção de não virem a revelar-se falsas.

Um dado que contrasta com aquele que Pedro Maia encontrou na análise às notícias dos periódicos desportivos portugueses (‘A Bola’, ‘Record’ e ‘O Jogo’), entre 1 de junho e 1 de setembro de 2015. O autor (2016:98) conclui que nesse período “no que diz respeito às entradas, todos os três jornais erraram mais do que acertaram”, embora relativamente à saída de jogadores os três desportivos se tenham mostrado mais assertivos.

Numa outra pesquisa, aplicada aos mesmos jornais, durante o ano de 2013, Henriques (2014:73) evidenciou também uma elevada percentagem de notícias especulativas, sobretudo, quando o tema eram as transferências. Frise-se, no entanto, que na observação às manchetes dos diários desportivos nacionais, no mesmo período, a autora (2014:63) verificou que esmagadora maioria “revelou-se verdadeira”.

8.3. Relevância da Notícia Segundo Tipo e Tema

Uma forma de medir a importância dos temas desenvolvidos é através do tratamento dado à informação desses assuntos e a maneira como são divulgados. Isto é, “um tema recorrentemente tratado com recurso a notícias breves indicará a sua menor relevância, o contrário sucederá com assuntos para cujo tratamento são frequentemente utilizadas notícias que apresentam um maior grau de desenvolvimento” (Bonixé, 2012b:138).

Cruzando as variáveis tema/tipo de notícia constatou-se que, à excepção da categoria *arbitragens, análise de equipas, atletas e treinadores*, todos os assuntos foram tratados predominantemente de forma *breve*.

		Breve	Declarações [S1+S2]	Complexa	Peça	Direto
TEMAS NOTÍCIAS	Análise Equipas	0,0%	97,4%	0,0%	2,6%	0,0%
	Análise Atletas	0,0%	96,5%	1,2%	2,4%	0,0%
	Análise Treinadores	0,0%	100%	0,0%	0,0%	0,0%
	Arbitragem	42,1%	45,6%	1,8%	3,5%	7,0%
	Chicotadas	76,9%	15,4%	0,0%	7,7%	0,0%
	Disciplina/Justiça	48,8%	45,5%	0,0%	4,7%	0,0%
	Físico	75,0%	25,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Jogo/Competições	47,2%	41,1%	2,4%	3,3%	5,9%
	Transferência/Mercado	50,3%	46,5%	0,7%	2,1%	0,3%
	Treino	84,0%	10,6%	0,0%	0,0%	5,3%
	Outros	54,2%	32,2%	1,7%	1,7%	10,2%

As notícias sobre *análise a equipas, atletas e treinadores* são tratadas quase exclusivamente com a inserção de declarações. Resultado que não surpreende, tendo em conta que habitualmente estas notícias são construídas com base em depoimentos de atores que, dado o seu passado de relevo no mundo do desporto, são chamados a

transmitir o seu ponto de vista sobre os clubes dos quais são apoiantes ou sobre atletas com quais têm algum tipo de ligação. Normalmente, estas declarações são obtidas através de contactos telefónicos.

A categoria dedicada aos técnicos apresenta mesmo uma percentagem de 100%. O uso de diretos para este tipo de informação é inexistente e as notícias complexas foram observadas apenas na análise a jogadores (1,2%). A construção de peças para difundir informações deste tipo é escassa: 2,6% para análise de equipas e 2,4% para análise a jogadores.

Os assuntos sobre *arbitragem* são tratados essencialmente com uso de declarações (45,6%) e breves (42,1%). Apresenta uma das maiores percentagens de notícias complexas (1,8%), diretos (7%) e de peças (3,5%). Este resultado surpreende. Apesar de serem figuras relevantes do desporto por tradição não prestam declarações à imprensa. Contudo, no período analisado, alguns acontecimentos como a despromoção polémica do árbitro Marco Ferreira à 2ª categoria³³, o regresso do sorteio dos árbitros³⁴ ou o mediático caso das alegadas prendas do Benfica aos árbitros, denunciado pelo presidente do Sporting, Bruno de Carvalho³⁵ ajudam a explicar o resultado verificado. Note-se ainda que o especialista em arbitragem da Rádio Renascença, José Leirós, foi chamado, diversas vezes, a comentar os assuntos da classe e as nomeações de árbitros para alguns dos principais jogos da época.

Constata-se também que o conteúdo relacionado com despedimento de treinadores, vulgo chicotadas psicológicas, é substancialmente tratado com notícias *breves* (76,9%). Ainda assim, este tipo de assunto é aquele que apresenta a maior percentagem de notícias cuidadas com recurso a *peças* (7,7%).

Na categoria *disciplina/justiça* não foram identificadas notícias tratadas de modo complexo ou com diretos. Usou-se preferencialmente notícias breves (48,8%) e com declarações (45,5%). A percentagem de peças é de 4,7%.

³³ Bola Branca, 12:45, 2015.06.18

³⁴ Bola Branca, 22:30, 2015.06.29

³⁵ Bola Branca, 12:45, 2015.10.09

O item *treinos* é o que apresenta maior percentagem (84%) de *breves*. Um dado normal, tendo em conta que é um tema com características muito próprias que, posteriormente, se reflete na sua construção noticiosa.

Frequentemente, os clubes realizam sessões de trabalho à porta fechada, ou seja, vedadas à imprensa. Consequentemente, os jornalistas recorrem forçosamente a canais oficiais para aceder à informação sobre a atividade diária dos clubes. Essa mesma informação, é obtida nos sites das equipas, que se limitam a comunicar em poucas linhas quais os jogadores que compareceram ou estiveram ausentes da sessão de trabalho e a dar conta da situação clínica de alguns atletas. Daí que também a percentagem no item físico seja elevada (75%). O conteúdo que disponibilizam é insuficiente para fabricar mais do que uma notícia breve.

Quando os treinos são abertos à comunicação social, só é autorizada a presença dos jornalistas durante os 15 minutos iniciais, período em que os jogadores se limitam a efetuar alguns exercícios, o que por si só não é matéria noticiável. E mesmo nessas alturas só é permitida a recolha de imagens. Quando há a possibilidade de obter depoimentos, estes incidem sobre o jogo seguinte e nunca sobre a sessão de trabalho.

De notar que a percentagem observada de notícias tratadas com *declarações* na temática treinos (10,6%) se referem a jogos de preparação realizados pelos clubes em épocas de pausa nas competições oficiais, que foram enquadrados nesta categoria. Foram também feitos vários diretos (5,3%).

A maior percentagem de diretos, curiosamente, foi encontrada no item *outros* (10,2%), que reúne diversos temas não categorizados nesta investigação. Esses assuntos esporádicos, devido precisamente à sua característica de excepcionalidade, ganham maior significância, como se verá mais à frente. Daremos como exemplo o anúncio da marcação de jogos de futebol para o dia das eleições legislativas³⁶.

Ainda assim, *outros* assuntos foram tratados maioritariamente com notícias breves (54,2%) e com declarações (32,2%). A percentagem de notícias complexas e com peça são semelhantes (1,7%).

³⁶ Bola Branca, 12:45, 2015.09.04

As informações sobre *jogos/competições* e *transferências/mercado*, como já se constatou, predominam nos espaços desportivos da emissora católica. Em ambos os casos são tratadas com notícias breves, 47,2% e 50,3% respetivamente. Contudo, as notícias com inserção de depoimentos também abundam: 41,1% e 46,5%.

Se no caso das *transferências* as notícias complexas são residuais (0,7%), já no caso de *jogos/competições* o tipo de notícias com maior grau de desenvolvimento surge com alguma assiduidade (2,4%). Aliás, de entre todos os temas, é aquele que apresenta a maior percentagem de informações tratadas de forma complexa. A presença de diversos colaboradores da RR em vários programas de ‘Bola Branca’ para comentarem esses assuntos, sobretudo nas edições das 22:30, ajuda a reforçar este dado. Os diretos (5,9%) e peças (3,3%) também são frequentes nas informações difundidas sobre os eventos desportivos. Os diretos são efetuados, essencialmente, a partir de estádios de futebol, antes, durante ou após um jogo.

A peça também é aproveitada para fazer a antevisão ou o rescaldo de uma partida. O seu uso intensifica-se nas jornadas europeias, ocasião em que os jornalistas desportivos da emissora católica são enviados ao estrangeiro para realizarem a cobertura da participação das equipas portuguesas em provas internacionais.

8.4. Notícias de Abertura

Como já se disse atrás, apesar da similaridade entre os vários programas desportivos do meio hertziano português, a realidade é que cada um deles apresenta formas e métodos distintos de divulgação da informação relacionada com o mundo do desporto. Ainda assim, “quando há notícias de máxima atualidade os noticiários das distintas emissoras de rádio geralmente coincidem na abertura do programa e inclusivamente nas pessoas que oferecem o seu testemunho ou declarações” (Saiz, 2009:49)

“Uma notícia de abertura será, do ponto de vista dos jornalistas, mais importante que outra apresentada na parte final de um noticiário e essa carga simbólica é transferida para os receptores” (Bonix, 2012b:82 *apud* Soengas, 2003). É um método utilizado com a intenção de “captar a atenção do ouvinte e animá-lo para que o continue a escutar”

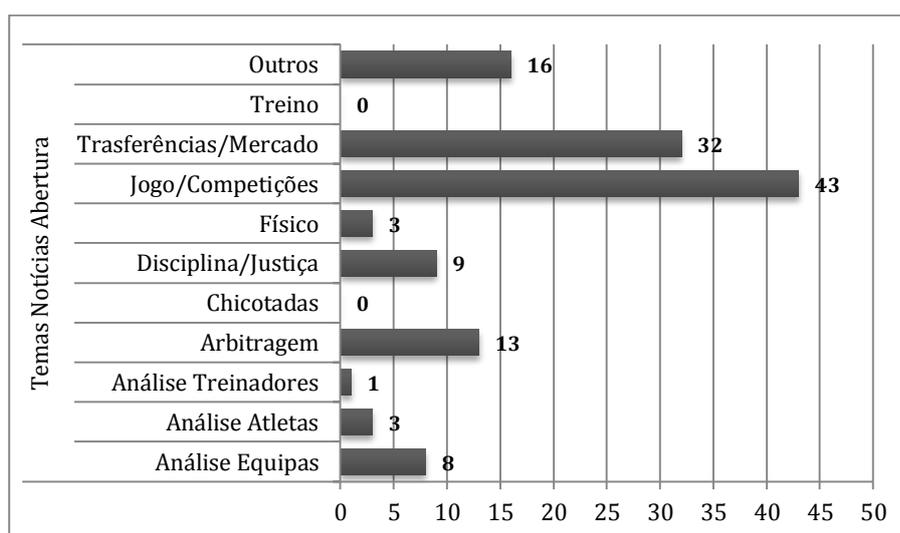
(Benedicto, 2010:40). No entanto, esta fórmula também tem os seus inconvenientes. De acordo com Balsebre (1994:83) pode suceder que os ouvintes “inteirados nos primeiros minutos do mais importante da actualidade prefiram buscar outro acontecimento radiofónico em outra emissora e não continuem assistindo ao desenvolvimento da actualidade com a audição completa do noticiário”.

Na opinião de Bonixe (2012b:126) a colocação de uma notícia no alinhamento dos blocos informativos radiofónicos “permite perceber o grau de valoração da informação”. Pode ser “uma notícia curiosa, um resumo global da jornada informativa ou um documento sonoro de máximo interesse” (Benedicto, 2010:40).

A hierarquização depende da “importância do facto informativo que quando não é claro pela sua relevância, é determinada pela importância para a empresa ou pela intuição do editor” (Borreguero, 2008b:39).

Lembramos que para o editor de ‘Bola Branca’, Pedro Azevedo, “o interesse que um tema desperta no público, a actualidade ou a novidade de uma notícia ou uma entrevista exclusiva” são variáveis que podem determinar a abertura de um noticiário.

Tendo como pressuposto que a notícia de abertura é a mais importante, quisemos perceber que aspetos são mais valorizados e que tipo e temas de notícias predominam no topo do alinhamento do programa.



Numa análise mais superficial observamos que, em 43 das 128 emissões, a primeira notícia de ‘Bola Branca’ foi sobre *jogos/competições*. Ou seja, foi dada

prioridade à divulgação de resultados, à antevisão ou rescaldo de um determinado jogo, fazendo muitas vezes diretos do local onde decorre a ação.

Transferências/Mercado é outro tema que emergiu por diversas vezes (32) no topo do noticiário desportivo da emissora católica. Sendo um assunto capaz de captar enorme audiência, e de provocar extraordinário interesse junto dos adeptos do desporto, o resultado aqui exposto não surpreende. Quando há alguma novidade, por exemplo, sobre a venda de um jogador ou a compra de outro, é necessário difundir a informação o mais rapidamente possível e, de preferência, antes da concorrência.

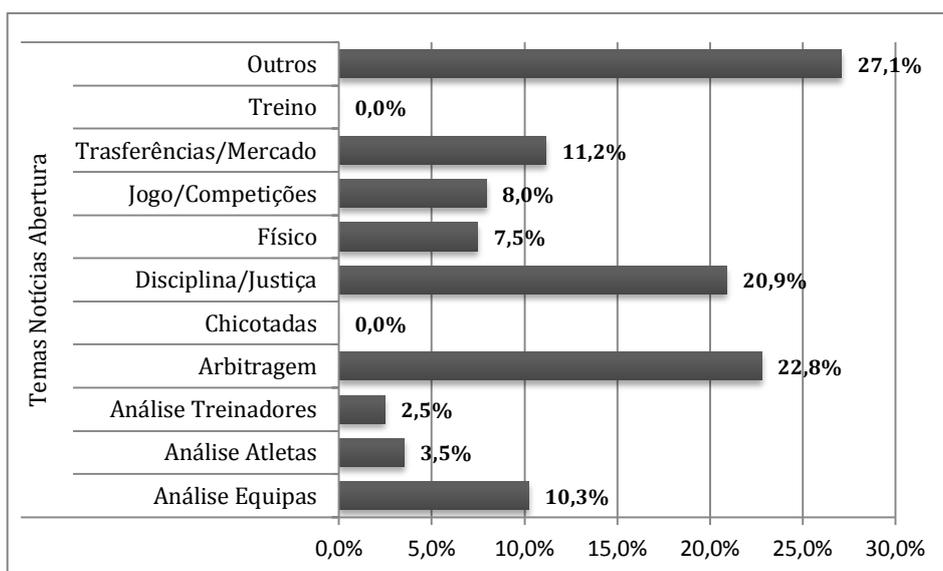
Outros assuntos não categorizados na nossa investigação surgiram no topo do programa em 16 ocasiões.

As notícias relacionadas com a *arbitragem* abriram ‘Bola Branca’ em 13 ocasiões. Este é um assunto que, na maioria das vezes, é sinónimo de controvérsia, valor-notícia que influencia a sua colocação na abertura de um bloco noticioso.

Constatamos que as notícias relacionados com *jogos/competições* e *transferências/mercado* foram escolhidas em mais de metade das edições analisadas para abertura dos noticiários de ‘Bola Branca’. Contudo, consideramos essa avaliação subjetiva, porque se essas duas temáticas foram as mais noticiadas durante o período observado, a probabilidade de virem a ser colocadas nessa posição aumentava substancialmente.

Como tal, consideramos importante mensurar a proporcionalidade do número de notícias de abertura com o número total de notícias de cada tema. Isto é, se um assunto foi noticiado 10 vezes e em outras tantas ocasiões foi escolhido para abertura, então esse tipo de conteúdo foi mais valorizado pelos jornalistas do que um outro que, apesar de surgir também 10 vezes em abertura, teve o dobro de unidades de informação.

Ao aplicar esta regra concluímos que afinal *jogos/competições* e *transferências/mercados* não são os assuntos mais valorizados quando é necessário escolher a notícia que vai surgir no topo dos noticiários de ‘Bola Branca’.



Observamos que 27,1% das notícias não categorizadas (*outros*) identificadas no corpus da investigação foram difundidas no início do alinhamento da ‘Bola Branca’. Um resultado que pode parecer inesperado se levarmos em consideração que nesse item foram englobados diversos assuntos que, dada a sua natureza, surgem com menor frequência nos espaços desportivos radiofônicos. Daremos como exemplo, neste particular, as notícias sobre a cerimônia que assinalou o primeiro aniversário da morte de Eusébio³⁷; o roubo das chuteiras dos jogadores do Braga, em Marselha, antes de um jogo da Liga Europa³⁸; os milionários negócios dos direitos televisivos dos “3 grandes” com as operadoras de telecomunicações³⁹ ou a explosão registada nas imediações do Stade de France, durante o jogo particular entre a França e a Alemanha, na mesma noite dos atentados de Paris⁴⁰.

A escassa assiduidade destas informações não lhes confere insignificância, antes pelo contrário, ao ponto de terem sido colocadas no topo de diversos noticiários de ‘Bola Branca’. Para além disso, todas essas unidades de informação carregam valores-notícia apontados por Traquina (2007:189/190/191/192): uma efeméride, um caso insólito e

³⁷ Bola Branca, 12:45, 2015.01.05

³⁸ Bola Branca, 12:45, 2015.11.05

³⁹ Bola Branca, 12:45, 2015.12.29

⁴⁰ Bola Branca, 22:30, 2015.11.13

inesperado, um negócio inédito, um acontecimento que envolveu um grande número de pessoas.

22,8% das notícias de arbitragem foram colocadas como abertura. Sendo um tema controverso, como já referimos atrás, é normal a sua posição na hierarquia do noticiário. O mesmo raciocínio pode-se aplicar à temática disciplina/justiça. Quase 21% das notícias sobre este assunto foram colocadas em abertura.

Os temas concernentes a *transferências/mercado* e *jogo/competições* apesar de terem sido identificados em maior número, tal não têm equivalência quando testamos a proporcionalidade entre o número total de unidade de informação e o número de notícias de abertura. Assim, constatamos que apenas 11,2% das notícias sobre *transferências/mercado* e 8% das notícias sobre *jogos/competições* foram colocadas no topo dos blocos informativos da ‘Bola Branca’.

No primeiro caso, consideramos que tal se verificou porque uma informação do género só abre o alinhamento do programa se for de transcendente importância e de grande impacto e, sobretudo, quando há certeza absoluta sobre a verdade dos factos. Sabe-se que o tema sobre transferências/mercado é fértil em especulação

No segundo caso, a escolha para abertura só acontece tratando-se de uma notícia de máxima atualidade: resultados de jogos que finalizaram há instantes; direto de um estádio onde está a decorrer uma partida de futebol; declarações recentes de algum treinador sobre um jogo que se vai realizar no dia seguinte, obtidas em conferência de imprensa, etc.

10,3% das notícias relacionadas com *análises de equipas* foram colocadas em primeiro lugar no alinhamento da ‘Bola Branca’. Desde logo o clube alvo da notícia, sobretudo se for de grande dimensão, com uma numerosa franja de adeptos, pesará na escolha. Estas notícias são também fabricadas tendo por base depoimentos de figuras conhecidas ligadas ao mundo do desporto. A relevância da pessoa entrevistada, muitas vezes em exclusivo, é um factor que é tido em conta na hierarquização do bloco informativo.

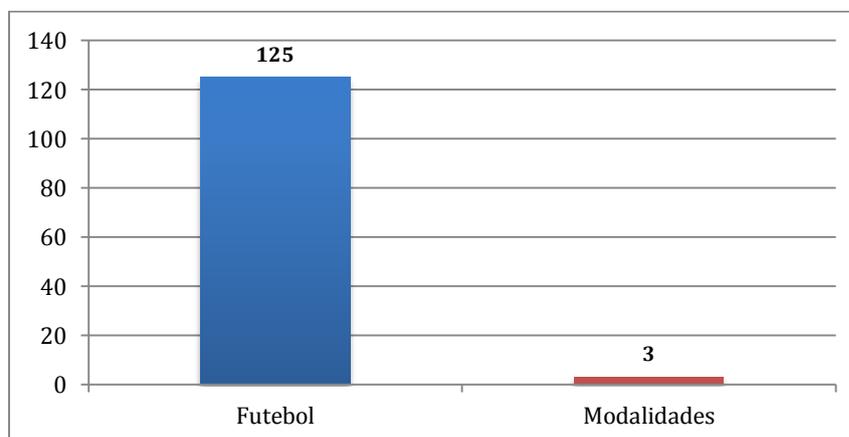
Outro dado interessante nesta análise relaciona-se com os assuntos de ordem clínica (*físico*). Apenas três notícias do tema foram colocadas em primeiro lugar nos

alinhamentos dos vários noticiários analisados. Contudo, tal corresponde a 7,5% do total de unidades de informação sobre o assunto, o quer dizer que o tema é prioritário quando há, por exemplo, uma notícia sobre uma lesão de um determinado atleta, sobretudo dos principais clubes portugueses.

Nos restantes temas verificou-se uma percentagem quase residual. Alguns não mereceram sequer honras de abertura nos noticiários de ‘Bola Branca’ que constituem o *corpus* desta investigação.

No programa desportivo da RR, o futebol é ‘rei’ ao ponto das outras modalidades serem relegadas para segundo plano. Veremos isso com mais pormenor à frente. Tal é ainda mais evidente no que toca às notícias de abertura.

Só um acontecimento extraordinário e de grande relevância funciona como catalisador para a divulgação informações extra-futebol no topo do noticiário. Em 128 emissões analisadas, apenas por três vezes isso sucedeu: quando João Sousa se qualificou para a final do torneio de Genebra, em ténis⁴¹; numa das etapas da Volta a Portugal em bicicleta⁴² e quando Néilson Évora participava, em Pequim, na final do triplo-salto do campeonato do mundo de atletismo⁴³, onde viria a conquistar uma medalha de bronze.



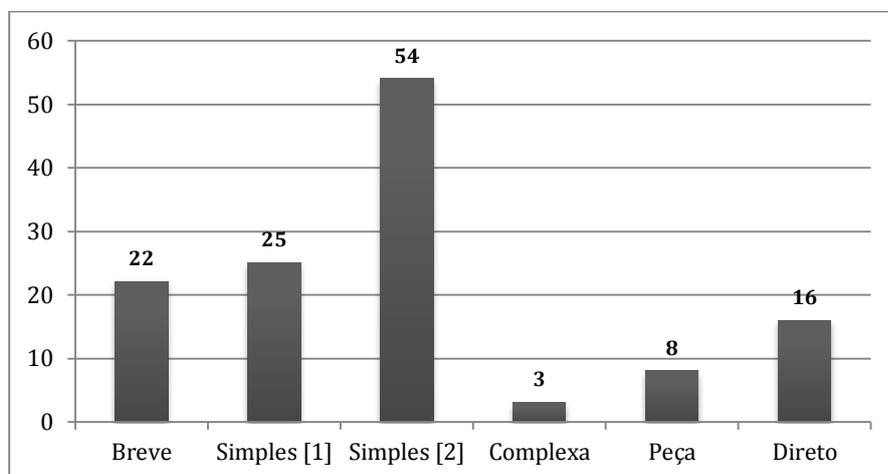
Numa outra análise verificamos que, em 54 das 128 emissões que constituem o *corpus* desta investigação, houve a inserção de 2 ou mais RM's na notícia de abertura, o

⁴¹ Bola Branca, 18:15, 2015.05.22

⁴² Bola Branca, 18:15, 2015.07.31

⁴³ Bola Branca, 12:45, 2015.08.27

que demonstra algum grau de aprofundamento na primeira informação que é “lançada” em antena.



Diz Reis (2015b:89) que ter sons não é “o principal ou o mais determinante na hora de avaliar o que é notícia ou o seu lugar na hierarquia de um noticiário”. No entanto, em ‘Bola Branca’ parece-nos evidente que ter depoimentos dos protagonistas é um factor valorizado quando é necessário escolher a informação que abre os blocos desportivos. Esta ideia é reforçada se verificarmos que em 25 dos 128 programas analisados houve a inserção de um RM na notícia de abertura. Isto significa que existiu a adição de depoimentos em cerca de 61% das unidades de informação de “cabeceira”.

As notícias com recurso a reportagens em direto também surgiram várias vezes (16) na abertura do bloco informativo. Quer isto dizer que a ‘Bola Branca’ tenta dar em primeiro lugar aquilo que se está a passar naquele momento e sempre que possível do local do acontecimento.

A introdução de uma peça significa também a importância que é dada um determinado assunto. Mas neste caso, apenas se identificou o uso de peças em 8 notícias de abertura.

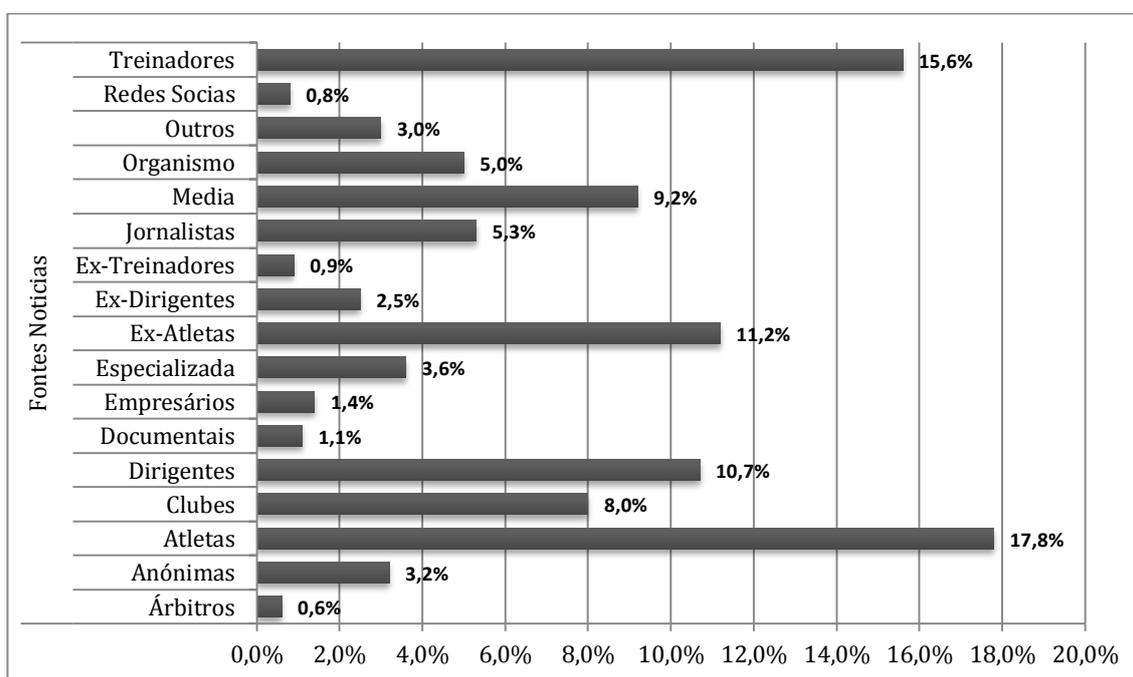
Diz Benedicto (2010b:56) que as notícias breves são de “menor importância no contexto do conjunto do informativo”. No entanto, essa regra não deve interpretada de forma rígida e na informação desportiva da RR é várias vezes contrariada. Em 22 ocasiões ‘Bola Branca’ abriu com uma notícia sem qualquer tipo de depoimento. Imaginemos que surge uma notícia relevante de última hora, relacionada com a

contratação de um atleta, sobre a qual há ainda poucos pormenores e, muito menos, declarações. Essa informação não merecerá destaque, mesmo assim? Na ‘Bola Branca’ sim.

8.5. Fontes de Informação

No conjunto dos 128 noticiários de ‘Bola Branca’ analisados e nas 1335 notícias que constituem o *corpus* desta investigação foram identificadas 1183 fontes de informação. O número de fontes inferior ao número de notícias explica-se com o facto de 435 das unidades de informação não conterem qualquer referência a uma fonte, como se verá mais adiante.

A categoria *atletas* é aquela que surge com maior frequência (17,8%), seguido de *treinadores* (15,6%), *ex-atletas* (11,2%), *dirigentes* (10,7%) e *media* (9,2%). As notícias tendo por base informações emanadas de *clubes* também apresentam uma percentagem significativa (8%).



Constata-se que os jornalistas de ‘Bola Branca’ recorrem regularmente aos protagonistas do desporto, como são os *atletas*, *treinadores* e *dirigentes*. Habitualmente, o contacto é feito em conferências de imprensa, agendadas pelos clubes ou em locais

específicos (zonas mistas) no final de jogos. Ou seja, a RR dá, claramente, prioridade aos principais atores do mundo desportivo - ao todo corresponde a 44,1%.

O acesso a este tipo de protagonistas, como já se referiu acima, é possível, sobretudo, em conferências de imprensa, o que Alcoba (2011:104) considera ser, no meio desportivo, “a fonte mais direta para informar um acontecimento a um número amplo de jornalistas”. Contudo o mesmo autor alerta que nas conferências de imprensa existe um determinado grau de manipulação que “os organizadores introduzem como método para retirar algo positivo delas” (Alcoba, 2011:105).

Nas raras ocasiões de contacto direto com *atletas*, *treinadores* e *dirigentes* nota-se que são abordados os mais diversos assuntos e colocadas as mais variadas questões. Os jornalistas tentam recolher o máximo de informação possível que depois serve para “alimentar” um conjunto de blocos noticiosos.

Verifica-se também que há extensão dessas mesmas notícias por várias edições dos programas desportivos, através de comentários e opiniões. Isto é, jornalistas recorrem a atores que dado o seu passado de relevo no mundo do desporto, são chamados a transmitir o seu ponto de vista sobre determinados assuntos. Este é um processo que parece estar enraizado no programa desportivo da Rádio Renascença. Basta observar que este tipo de fontes surge com bastante frequência na amostra analisada. A categoria *ex-atletas* sobressai com um pouco mais de 11%, mas *ex-dirigentes* (2,5%) e *ex-treinadores* (0,9%) também apresentam uma percentagem interessante. No conjunto este tipo de fontes representa 14,6% do total.

Schmitz (2011:24) categoriza como fonte secundária aquela que “contextualiza, interpreta, analisa, comenta ou complementa a matéria jornalística”. Ou então “fontes de análise dos acontecimentos e que são consultadas via telefone” (Lopez, 2009:4). Portanto, *ex-atletas*, *ex-treinadores*, *ex-dirigentes* podem ser englobados nesta tipologia.

Nos programas de ‘Bola Branca’ analisados foram identificadas 9,2% de fontes cuja proveniência vem de outros *media*. Quer isto dizer que muitas das notícias desenvolvidas nas edições de desporto da emissora católica têm por base informações que são veiculadas em outros órgãos de comunicação social, sobretudo da imprensa

escrita. Normalmente, estas notícias servem para lançar, posteriormente, comentários de vozes autorizadas, como ex-atletas, ex-dirigentes, ex-treinadores ou especialistas.

Cada vez mais frequente é o recurso a órgãos de comunicação social dos próprios clubes como fonte de informação. Atualmente, o jornalista desportivo debate-se com um grande constrangimento: a possibilidade de abordar diretamente os verdadeiros atores das notícias, fora das salas de imprensa. A política de comunicação adotada pelos grandes clubes, e nos quais está focalizada a informação desportiva radiofónica no nosso país, vai cada vez mais no sentido de restringir o livre acesso dos jornalistas aos protagonistas. A estes quase só é permitido falar para os media do *clube* ao qual estão contratualmente ligados. Para fazer face a este obstáculo, utiliza-se como fonte esses canais oficiais, o que coloca em causa a isenção e credibilidade das notícias difundidas. Verifica-se que a percentagem de fontes provenientes de clubes (sites e canais de televisão, por exemplo) é uma das mais elevadas: 8%.

As fontes *organismos* (5%) também são bastante usadas na fabricação noticiosa. A elevada percentagem deste tipo de fontes institucionais é resultado da regular consulta a plataformas de órgãos como a UEFA⁴⁴, FIFA⁴⁵, LPFP⁴⁶ ou FPF⁴⁷, sobretudo, para obter informações sobre as competições por eles organizadas. Acreditamos que a percentagem de fontes *organismos* aumentaria substancialmente se na divulgação de resultados, por exemplo, fosse divulgada a proveniência dessa informação, o que não acontece. Afirma Alcoba (2011:90) que este tipo de fonte gera notícias “obedecendo às ordens de poderosas instâncias económicas e até políticas”. Acrescenta que “manobram e impõem informação consoante os seus interesses” (Alcoba, 2011:90).

Diz Sousa (2006:204) que o jornalista “funciona como agente coletor de informação junto das fontes, podendo, quando é observador direto dos acontecimentos, ser ele a própria fonte”. É isso o que se verifica inúmeras vezes em ‘Bola Branca’, tendo-se observado uma percentagem interessante de fontes de *jornalistas* (5,3%). Ou seja, as informações são obtidas, em muitas ocasiões, através próprios jornalistas do

⁴⁴ União das Federações Europeias de Futebol

⁴⁵ Federação Internacional de Futebol

⁴⁶ Liga Portuguesa de Futebol Profissional

⁴⁷ Federação Portuguesa de Futebol

departamento de desporto da RR. Por exemplo, quando nas intervenções direto fornecem dados sobre um acontecimento que estão a acompanhar ou quando um enviado especial a um jogo no estrangeiro consegue apurar o alinhamento do onze inicial da equipa portuguesa. Segundo Alcoba (2011:97) “se a fonte é a origem da notícia, a melhor fonte será o jornalista”. Contudo, sublinha o mesmo autor (2011:97) tal não significa que “a sua objectividade seja total, já que, ao dar a conhecer a notícia, o jornalista oferecerá a sua opinião e esta sempre contém uma carga de subjetividade, que será menor conforme a preparação que o jornalista possui sobre a matéria”.

No programa desportivo da RR foram observadas fontes *especializadas* (3,6%), que servem para explicar determinada matéria. As fontes especializadas têm “a capacidade de analisar as possíveis consequências de determinadas ações ou acontecimentos” (Schmitz, 2011:26). É a quem o jornalista recorre “para estabelecer conexões e analisar a complexidade do tema” (Schmitz, 2011:27). No desporto, ao assistir a uma competição de uma modalidade sobre a qual é especialista, este tipo de fonte “poderá julgar com melhor objectividade do que um leigo” (Alcoba, 2011:97).

As fontes *anónimas* (3,2%) apresentam um valor pouco expressivo. As identificadas neste estudo são todas do tipo “on deep background”, ou seja, “a fonte não é identificada nem são dadas quaisquer indicações sobre a sua identidade” (Sousa, 2002:8). Normalmente, é referido apenas que “*Bola Branca apurou/sabe que...*”.

Segue um exemplo:

*PIVÔ – “A Liga de Clubes vai anunciar nas próximas horas a data do União da Madeira – Benfica, jogo que ficou em atraso da 7ª jornada e que não se realizou a 4 de outubro, devido ao nevoeiro na Choupana. Bola Branca sabe que esta tarde que Liga de Clubes, Benfica e União da Madeira acordaram a data de 23 de dezembro, uma quarta-feira, para a realização do desafio. Bola Branca está também em condições de adiantar que, num cenário de eliminação de Benfica e União da Madeira da 4ª eliminatória da Taça de Portugal, os clubes admitem antecipar esse União da Madeira – Benfica para 16 de dezembro”*⁴⁸

⁴⁸ Bola Branca, 18:15, 2015.10.28

A contenção verificada no uso de fontes *anónimas* credibiliza as notícias desportivas de ‘Bola Branca’ tendo em consideração que “identificar as fontes é mais credível do que mantê-las no anonimato” (Sousa, 2002:11). No entanto, pode também significar que os assuntos tratados não geraram a necessidade de proteger as fontes ou pode expressar “uma certa cedência às rotinas, que impõem, sob a pressão do tempo, o acesso socialmente estratificado aos media e o privilégio às fontes oficiais” (Sousa, 2002:11).

De salientar ainda que, na amostra deste estudo, a ‘Bola Branca’ utilizou com pouca frequência os *empresários* como fonte de notícia. Apenas 1,4%. Estes atores, na maioria das vezes, são confrontados com assuntos relacionados com o mercado de transferências ou com a insatisfação de um determinado atleta no clube. São assuntos sensíveis sobre os quais os empresários nem sempre mostram disponibilidade em comentar, o que pode ajudar a explicar a baixa percentagem observada. A dificuldade em obter de contactos diretos com estes agentes também é outro factor a ter em conta.

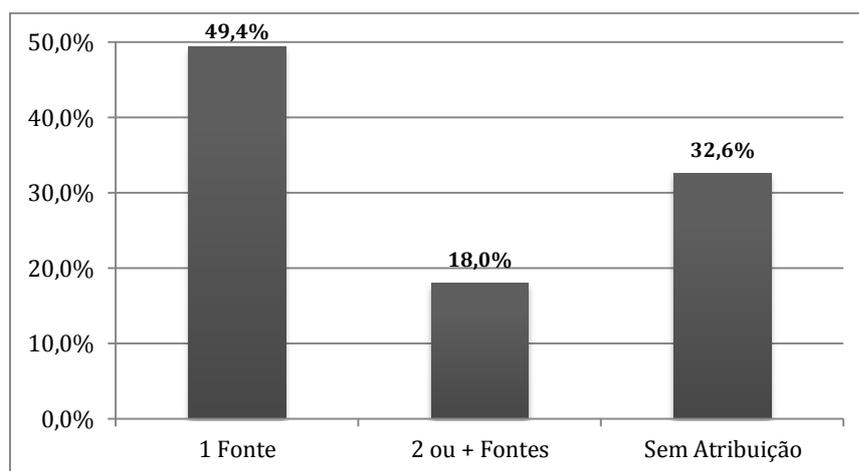
Ainda que a maioria dos jornalistas continuem a recorrer aos métodos tradicionais para aceder às fontes, a realidade é que nos últimos anos tem-se acentuado a dependência das *redes sociais* como o *Facebook* ou o *Twitter*, o que tem provocado “alterações de fundo na prática jornalística e nos modelos de difusão da informação” (Mateus, 2015:97). Segundo um estudo da mesma autora (2015:63), 29,2% dos jornalistas inquiridos “admitiram que não conseguiriam actualmente realizar o seu trabalho sem as redes sociais”, embora apenas 14,2% tenha apontado “estas plataformas como sua principal fonte de informação”.

Contudo, parece-nos que entre o uso das *redes sociais* para obter uma determinada informação e a sua citação numa notícia há uma grande distância. Pelo menos, a ter em conta o resultado obtido na análise aos vários noticiários de ‘Bola Branca’. Apenas 0,8% das notícias tiveram como fonte as *redes sociais*.

A categoria *árbitros* apresenta um valor ainda mais baixo: 0,6%. Apesar de serem figuras relevantes do desporto raramente surgem com fonte de notícia nos programas desportivos, uma vez que é uma classe que por tradição não presta declarações à imprensa.

Também se verificou resultados anémicos nas fontes documentais (1.1%), item no qual incluímos, por exemplo, comunicados. A categoria *outros*, na qual englobamos fontes que surgem com pouco frequência nos noticiários desportivos, como políticos, familiares de atletas, ex-árbitros, sindicatos, etc. apresenta uma percentagem de 3%. Nesta mesma categoria estão incluídas as fontes tipo *agências noticiosas* que, sabemos, são muito importantes na construção noticiosa. Contudo, raramente são citadas na informação desportiva da RR.

Diz Martínez-Costa (2009:112) que por ser um “ fator de credibilidade importante, deverá assegurar-se de que a fonte de informação seja absolutamente clara para o ouvinte”. Constatamos que em 900 das 1335 unidades de informação que constituem o *corpus* deste estudo foi possível identificar a fonte da notícia, o que corresponde a 67,4%. Contudo, em 32,6% das notícias consideramos que não é possível nomear a sua origem.



O que defendemos neste caso particular pode parecer ilógico, tendo em conta que todas as notícias provêm de uma fonte. Esse é um facto inegável. Contudo, lembramos que aqui a nossa intenção e posicionamento - numa perspectiva semelhante a um ouvinte de um programa desportivo - foi identificar as fontes das notícias. Assim sendo, parece-nos evidente que devido às características próprias do meio hertziano e, sobretudo, do jornalismo desportivo radiofónico, por vezes isso não é possível.

Vejamos este exemplo:

PIVÔ – “O Sporting venceu, esta quarta-feira, o Mafra, por 3-1, num jogo particular, realizado em Alcochete. Jefferson e Slimani, na primeira parte, e Tanaka, na segunda, foram os autores dos golos leoninos, na partida em que João Pereira jogou no segundo tempo. Jorge Jesus voltou a apostar no 4x4x2”⁴⁹.

São várias as informações contidas nesta curta notícia. Mas como soube o jornalista que o Sporting venceu por 3-1? Como apurou os autores dos golos? Como soube ele que Jorge Jesus utilizou o modelo 4x4x2? Qual é a fonte da notícia? Podemos presumir que a informação chegou através de uma agência noticiosa; que foi obtida através do *site* do próprio clube ou até mesmo através de algum colaborador que tenha assistido à partida. No entanto, não é possível identificar a fonte dessa informação.

PIVÔ – *No Sporting, procura-se o reforço do plantel para a frente de ataque. Dois nomes continuam a ser negociados: o colombiano Téo Gutierrez e o holandês Ricky Van Wolfswinkel. Entretanto, nos Estados Unidos, o Sporting ultima o contrato do médio-ofensivo costa-riquenho Bryan Ruiz*”.⁵⁰

Neste caso, de onde provém a informação sobre interesse em dois jogadores e de que um outro vai assinar contrato em breve? Quem é a fonte? Algum dirigente? O próprio clube? Os atletas? Podemos calcular que a fonte não quis ser identificada, mas mesmo assim, se for o caso, não é possível determinar esse dado. Mais uma vez, na nossa opinião, não é especificada a fonte da notícia.

Informar desta forma pode ser perigoso. Acarreta riscos, porque ao não atribuir a fonte, em certos casos, como o anterior exemplo, imputa um carácter de incerteza às notícias veiculadas, dando a entender que foram baseadas em especulações e não em factos. Explica Balsebre (1994:46) que “o público recetor das notícias tem a mesma capacidade do jornalista para verificar a certeza ou a exactidão dos factos que são contados”, portanto, quando não é fornecida qualquer atribuição da fonte, o “radiouvinte deixa de ter os elementos necessários para proceder a essa verificação *vicária* da

⁴⁹ Bola Ao Centro, 22:30, 2015.07.15

⁵⁰ Bola Ao Centro, 12:45, 2015.07.07

veracidade dos factos e pode criar dúvidas sobre a credibilidade da informação” (Balsebre, 1994:46 *apud* Buriss, 1988).

Ainda assim, esta fórmula de difundir informações na rádio é comum e ainda mais frequente no jornalismo desportivo radiofónico, não sendo propriamente surpreendente.

Por vezes, a fonte não é designada por se tratar de “uma comunicação confidencial que exige ao jornalista o anonimato da sua procedência” (Balsebre, 1994:46). No entanto, mesmo neste enquadramento, nada impede o jornalista de recorrer “a eufemismos ou à expressão explícita de carácter confidencial da informação, com o objetivo de fazer uma mínima designação da fonte, que permita ao radiouvinte avaliar com mais justiça e acerto a credibilidade da informação transmitida” (Balsebre, 1994:47).

Como já referimos anteriormente, não identificamos qualquer fonte de informação em 32,6% das notícias observadas em ‘Bola Branca’. Verifica-se predominantemente em unidades de informação *breves*, ou seja sem declarações, e em assuntos relacionadas com *jogos/ competições, treinos e transferências/mercado*.

“No caso da rádio, uma excessiva atribuição de fontes pode tornar mais lento o discorrer do texto, mas há caso em que a atribuição é absolutamente necessária” (Martínez-Costa, 2009:112). Constatamos que em 49,4% das notícias foi identificada uma única fonte de informação. Em 18% das notícias foram encontradas duas ou mais fontes. No total, verificou-se a atribuição de fontes em 67,4% das notícias.

Num estudo semelhante, realizado por Armand Balsebre⁵¹, para mediar o grau de credibilidade dos noticiários de informação geral de três emissoras de rádio espanholas, o índice de atribuição de fontes é idêntico. Aliás, o resultado da ‘Bola Branca’ supera mesmo a Radio 1⁵² (46,6%) e a Cadena SER⁵³ (66,5%), sendo suplantada apenas pela Cadena COPE⁵⁴ (77%).

⁵¹ La Credibilidade De La Radio Informativa (1994). Barcelona: Feed-Back Ediciones.

⁵² Rádio Nacional de España – Radio 1

⁵³ Sociedad Española de Radiodifusión (SER)

⁵⁴ Cadena de Ondas Populares Españolas (COPE)

8.6. O Som e as Vozes das Notícias

No meio hertziano, mais do que ouvir o jornalista a falar, espera-se ouvir o som que vem confirmar a informação que é transmitida ou “reforçar o significado do que é dito” (Reis, 2012:3). O som é o que difere a rádio dos outros meios e que possibilita ultrapassar “através da inclusão de sons sugestivos, a ausência da imagem e da palavra escrita” (Soengas *apud* Bonixe, 2010).

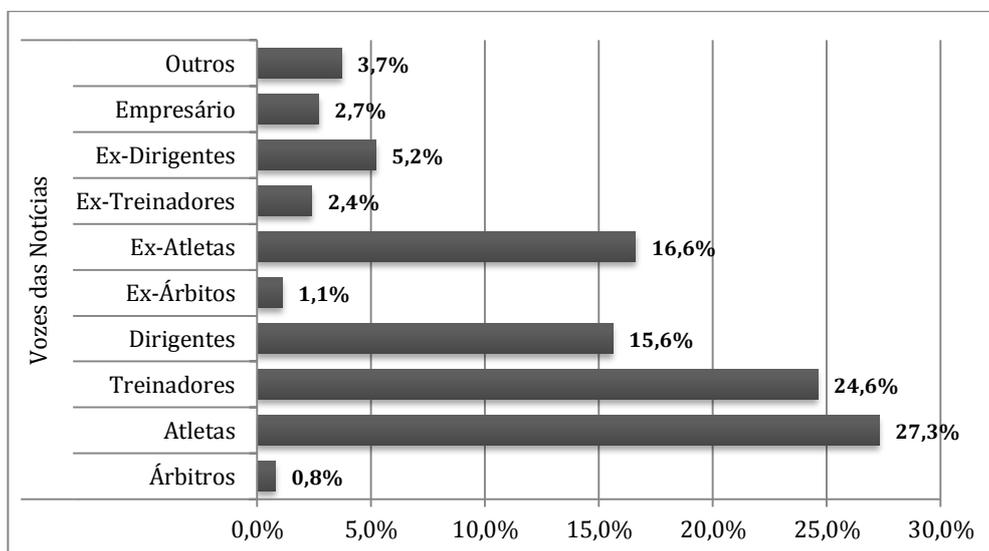
O som, que na gíria da rádio “se denomina por RM” (Reis, 2015a:175), “é uma mais valia-informativa” (Reis, 2012:4) e tem “três funções essenciais: informar, credibilizar e valorizar” (Amorim, 2008:24). Informa quando “acrescenta elementos novos em relação ao texto” (Reis, 2012:4), credibiliza porque permite “que não fique qualquer dúvida sobre o que foi dito ou aconteceu” (Reis, 2012:4) e também valoriza, “já que acrescenta ritmo à notícia, ao introduzir um registo sonoro diferente da voz do jornalista” (Amorim, 2008:24).

Na rádio, “todos os acontecimentos têm uma correspondência sonora” (Reis, 2015b:31). Quando surge uma informação “uma das primeiras tarefas do jornalista é transformá-la em som” (Reis, 2015b:31), seja com a “a voz do protagonista da notícia, o comentário de um especialista, o som ambiente do acontecimento, a música de um concerto, as pausas de hesitação num discurso, a voz embargada ou a irritação de um entrevistado” (Reis, 2015a:176). Como tal, foram contabilizados os excertos sonoros inseridos nas edições de ‘Bola Branca’ emitidas durante o período analisado. Foram identificados 1190 RM’s.

Dos sons identificados, a maior percentagem foi para dar voz a *atletas* (27,3%), o equivalente a 325 RM’s, seguido de perto por *treinadores* (24,6%), com 292 registos sonoros. Os dirigentes (15,6%) com 186 RM’s também são ouvidos com muita frequência. Estes dados acabam por validar aquilo que referimos no capítulo dedicado aos temas das notícias, onde encontramos uma percentagem elevada de assuntos relacionados com *jogos/competições*.

Habitualmente, o contacto com treinadores e jogadores é feito em conferências de imprensa, agendadas pelos clubes ou em locais específicos (zonas mistas) no final de jogos. Nestas raras ocasiões de contacto direto com este tipo de protagonistas nota-se que

são abordados os mais diversos assuntos e colocadas as mais variadas questões. Os jornalistas da RR tentam recolher o máximo de informação possível que depois serve para “alimentar” um conjunto de blocos noticiosos.



Um processo bastante enraizado em ‘Bola Branca’ é o recurso a atores que dado o seu passado de relevo no mundo do desporto são chamados a transmitir o seu ponto de vista sobre determinados assuntos. Basta observar que, sobretudo, as vozes de *ex-atletas* (16,6%) com 198 RM’s, mas também de *ex-dirigentes* (5,2%, 62 RM’s) e de *extreinadores* (2,4%, 29 RM’s) são bastante ouvidos.

Em sentido inverso, a categoria *árbitros* apresenta um valor residual, que não chega a 1% (0,8%, 10 RM’s) Apesar de serem figuras relevantes do desporto as suas vozes raramente surgem nos programas desportivos da RR, uma vez que é uma classe que por tradição não presta declarações à imprensa. Curiosamente foram identificadas mais vozes de *ex-árbitros*, que comentaram temas relacionados com a arbitragem.

As vozes dos *empresários* foram identificadas em 32 registos sonoros, equivalente a 2,7%. Normalmente, são intervenientes numa notícia quando são abordados para comentar o interesse em jogadores por eles agenciados. *Outras* vozes do desporto foram observadas em 43 RM’s (3,7%). Neste item incluímos depoimentos de advogados, políticos, médicos, etc.

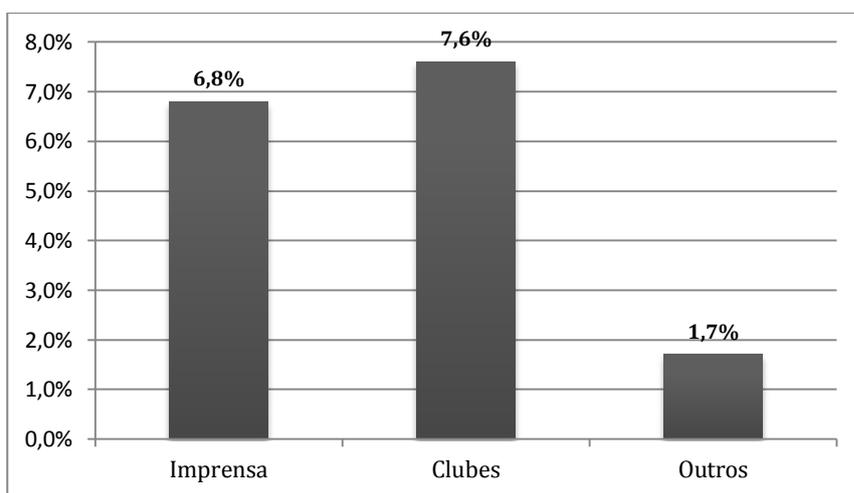
Nos noticiários desportivos radiofónicos frequentemente se inclui a voz de personagens, obtidas, sobretudo, em conferências de imprensa ou em entrevistas

gravadas *in loco* ou por telefone que são “uma fonte informativa de vital importância, mas neste caso só interessam pequenos fragmentos de apoio” (Santos Díez, 2003:179).

Na rádio portuguesa é cada vez mais visível o aproveitamento de declarações que são obtidas, especialmente, através de canais de televisão. Um exemplo flagrante são as chamadas *flash interview* no final dos jogos de futebol, onde técnicos e jogadores analisam as incidências de uma partida. Note-se que, mesmo com acesso às salas de imprensa após as partidas, portanto, com acesso direto aos depoimentos, por vezes é o som das entrevistas rápidas que é utilizado nos programas desportivos. E esta situação não é assim tão rara.

Com o acesso cada vez mais vedado aos verdadeiros protagonistas do mundo do desporto, essencialmente no futebol, é cada vez mais frequente o recurso a órgãos de comunicação social dos próprios clubes ou de organismos, como canais oficiais de televisão ou sites, onde são publicados vídeos com declarações de jogadores, treinadores, dirigentes, etc., para recolher testemunhos.

Tendo este dado como premissa decidimos averiguar até que ponto ‘Bola Branca’ faz o aproveitamento de sons obtidos quer de outros órgãos de comunicação social, clubes, organismos ou de outras instituições. No total identificamos 190 RM’s, o que corresponde a 16,1% do total.



O meio hertziano “vive” do som e, por vezes, só é possível obter declarações de jogadores, treinadores ou dirigentes através dos media dos clubes, que se têm

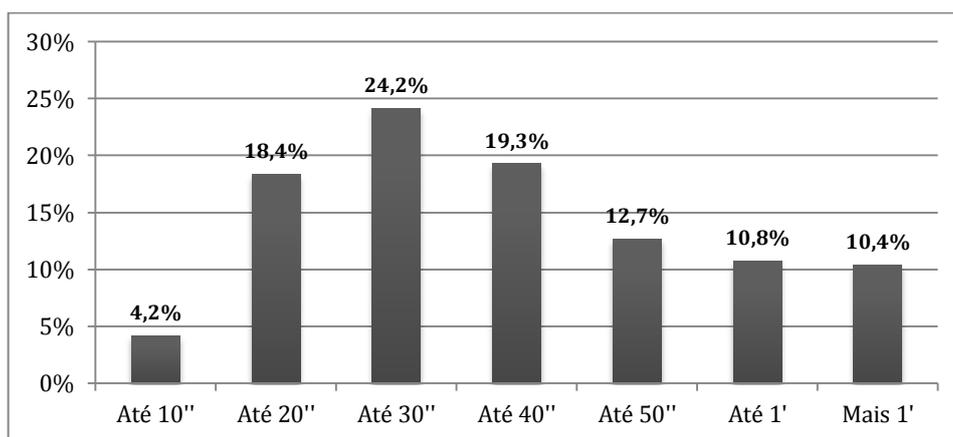
multiplicado nos últimos anos. A criação dos canais de televisão do Benfica ou Sporting são disso exemplo.

7,6% deste tipo de declarações foram recolhidas em ocs (televisão ou sites) de clubes. Constatou-se ainda uma percentagem próxima de sons obtidos em canais da concorrência (6,8%). 1,7% dos sons identificados foram obtidos com recurso, sobretudo, a sites de organismos que gerem e organizam competições desportivas.

A duração dos sons é um factor que pode influenciar a compreensão de uma notícia devendo-se “fazer com que o texto se adequie e gire em torno deles” (Borreguero, 2008b:51). Segundo Merayo Pérez (2009:82) os sons inseridos nos noticiários “devem ser necessariamente breves, de maneira a que nunca ultrapassem os trinta ou quarenta segundos de duração”. A mesma opinião tem Borreguero (2008b:51).

Meneses (2003:90) diz que “aceita-se empiricamente que 30 a 45 segundos é o tempo ideal de um som”. No mesmo sentido, Reis (2012:9) afirma que 30, 40 ou 50 segundos “é a duração média tida como a ideal nas redacções de rádio e é assumida como uma orientação interna baseada na tolerância do tempo de escuta” (Reis, 2012:9).

Os vários autores derivam no mesmo sentido pelo que podemos concluir que a duração ideal de um depoimento/testemunho/declaração na informação desportiva radiofónica deve situar-se entre os 30 e os 50 segundos. Esta é uma regra que é tida em conta no momento da edição dos sons que, posteriormente, serão inseridos no alinhamento de ‘Bola Branca’.



Verifica-se que há predominância dos documentos sonoros de 30 segundos (24,2%) e de 40 segundos (19,3%). Este dado diz-nos que a capacidade de retenção do ouvinte é fator tido em conta no momento da edição dos sons.

Os RM's até 20 segundos surgem com uma percentagem de 18,4%. Podemos concluir que o valor obtido é consequência das restrições impostas à duração do programa. Há por isso tendência em fracionar as gravações em unidades menores de forma a poder inserir um maior número de declarações e de informações num curto período de tempo.

Quando o documento sonoro é excepcionalmente interessante, e não é aconselhável a sua divisão em unidades menores, então recorre-se a RM's de maior duração: até 50 segundos (12,7%), até um minuto (10,8%) e mais de um minuto (10,4%).

Se os excertos de 50 segundos, e até de um minuto, forem interessantes e contenham declarações fortes, ainda é possível manter a atenção dos ouvintes, já “a partir de um minuto começa a ser demais” (Meneses, 2003:90).

Os RM's com cerca de 10 segundos são os menos utilizados (4,2%). Podem ser designados de “*soundbites*” e caracterizam-se por sons curtos “associados a uma frase forte” (Reis, 2012:5) a uma “expressão imagética” (Reis, 2012:5), que devido à sua “carga expressiva ou simbólica acaba por ter um valor próprio” (Reis, 2012:4).

Assim, podemos concluir que só são inseridos no programa “em situações excepcionais e justificadas pelo seu valor noticioso, simbologia, credibilidade e impacto sonoro” (Reis, 2012:9).

A menor percentagem de RM até 10” observada em ‘Bola Branca’, parece-nos, revela cuidado na produção e na edição noticiosa, tendo em conta que “um som demasiado curto pode criar ‘ruído’ na mensagem porque acaba tão depressa como surgiu” (Reis, 2012:9).

8.7. Futebol vs Modalidades

O futebol mobiliza sociedades inteiras. A popularidade desta disciplina “só pode ser medida aos milhões e vai sempre a par de uma grande paixão, o que leva a que muitos comparem o futebol a uma religião” (Coelho, 2004:22).

Hoje em dia, o futebol é a “disciplina com maior número de seguidores” (Torrijos, 2012b:78). Considera Torrijos (2012a:12) que o excesso de informação futebolística na generalidade da imprensa “não é mais do que a consequência da crescente tendência em conceber e tratar o futebol e tudo o que o rodeia como um produto próprio do mundo do espectáculo”.

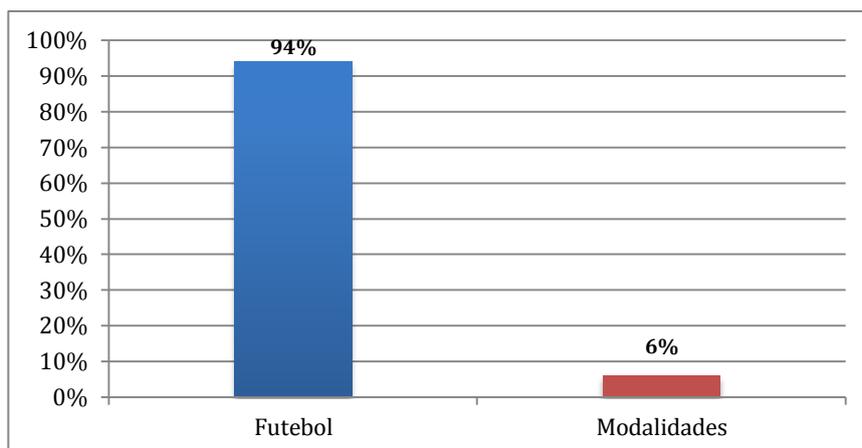
A grande capacidade do futebol em atrair público proporcionou a sua mediatização, de tal forma que é, claramente, a modalidade desportiva à qual os media concedem mais espaço informativo e na qual mais investem financeiramente. Tome-se como exemplo, os contratos milionários que são celebrados para a aquisição dos direitos de transmissão de determinadas competições futebolísticas porque “são estas que obtêm as maiores audiências e atraem um maior número de anunciantes” (Torrijos, 2012b:79).

O futebol converteu-se, portanto, numa importante base de negócio para as empresas de media devido “à sua enorme capacidade de atrair a atenção do público e de anunciantes” (Torrijos, 2012b:77).

Repare-se, no caso específico de ‘Bola Branca’, que algumas edições foram antecedidas por um spot publicitário, estrategicamente colocado entre o indicativo do programa e a notícia de abertura. Ou então, note-se a variedade de anúncios que são emitidos nos minutos que antecedem a ‘Bola Branca’, como forma de ‘atingir’ os ouvintes que já estão sintonizados à espera das novidades desportivas, sobretudo, do futebol.

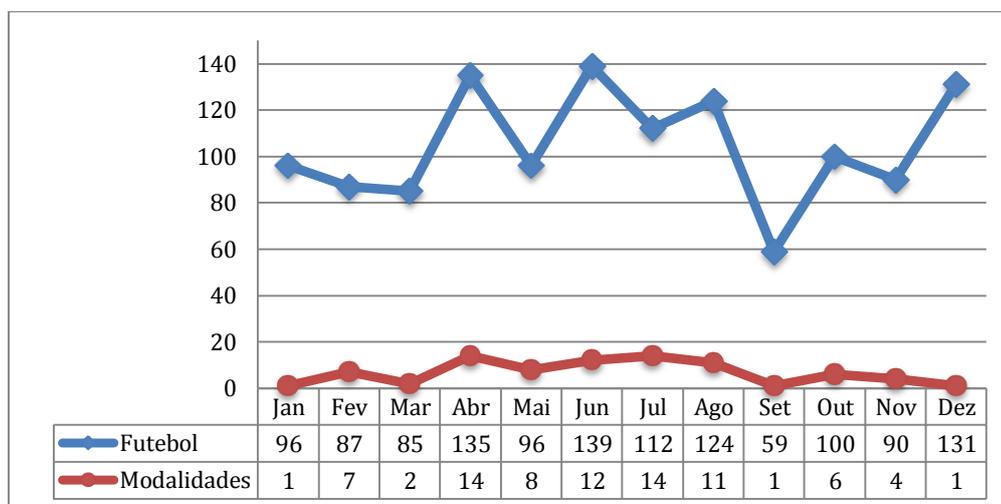
Assumidamente o programa ‘Bola Branca’ foi idealizado para divulgar informação futebolística. O próprio nome sugere isso mesmo. Ao explorar esta vertente quaisquer dúvidas que existissem – se é que existiam algumas – ficaram dissipadas.

Das 1335 notícias analisadas, 1254, ou seja 94%, versavam sobre futebol. Apenas 81 (6%) incidiram sobre outras modalidades. “Como em muitos países do planeta, o futebol é o desporto nacional em Portugal” (Coelho, 2004:23) e, como tal, ‘Bola Branca’ dá à audiência a informação que aquela pretende ouvir.



Olhando para a análise mensal constatámos que em alguns períodos as notícias sobre outras modalidades são praticamente inexistentes. Por exemplo, nos meses de janeiro, setembro e dezembro foi identificada apenas uma unidade de informação.

Verifica-se ainda um crescente aumento de notícias extrafutebol entre os meses de abril e agosto, período em que diminui o número de competições futebolísticas.



Este panorama não é exclusivo de 'Bola Branca'. Num estudo elaborado por Manuel E. González Ramallal⁵⁵, sobre o reflexo do desporto nos meios de comunicação (imprensa, rádio e televisão) em Espanha⁵⁶, também se observou que, no meio hertziano daquele país, o futebol é a modalidade mais divulgada (79,1%).

⁵⁵ Professor na Universidade de La Laguna e investigador.

⁵⁶ Ramallal, Manuel Eduardo González. (2004). El Reflejo Del Deporte En Los Medios De Comunicación En España. RES. Revista Española de Sociología, Nº4, 271-280.

Todavia, ao oferecer um grande volume diário de informação apenas sobre futebol, tal acaba por se reflectir “na qualidade dos conteúdos, já que nem sempre se baseiam em critérios estritamente noticiosos” (Torrijos, 2012b:88).

A supremacia do futebol nas notícias desportivas é tanta, que relega para segundo plano as outras modalidades, condição que só é contrariada quando “se produz a aparição esporádica de grandes campeões em outras disciplinas que se convertem, pelo que representam, em autênticos ídolos nacionais” (Torrijos, 2012b:84). O êxito destes atletas resulta, por sua vez, a curto e a médio prazo, numa maior atenção a estes desportos. Ou seja, no caso das modalidades amadoras, é imprescindível dar-se um acontecimento extraordinário para garantir a sua visibilidade nos vários órgãos de comunicação social.

No nosso país, esse cenário é por demais evidente. Apenas desportistas como Rui Costa (ciclismo), Néilson Évora (atletismo) ou Telma Monteiro (judo) ou, então, as grandes conquistas no ténis de mesa ou na canoagem, são motivo suficiente para entrarem no alinhamento, sobretudo, dos principais programas radiofónicos e televisivos.

Na imprensa escrita, as modalidades amadoras merecem um maior destaque, mas mesmo assim a tendência é a de priorizar o futebol. A razão é simples: é o que mais vende. Basta reparar que só em Portugal existem três jornais diários que, apesar da quebra acentuada, continuam a vender milhares de exemplares todos os dias.

Na 1ª vaga do Bareme Imprensa de 2015, correspondente aos primeiros seis meses do ano, ‘A Bola’, ‘Record’ e ‘O Jogo’, em conjunto, apresentaram uma tiragem de cerca de 2 milhões de exemplares. Os números dos diários desportivos são superados apenas pelos generalistas ‘Correia da Manhã’ e ‘Jornal de Notícias’, que também dedicam muitas das suas páginas, sobretudo, ao futebol, disciplina que é, inclusivamente, diversas vezes tema de capa.

No online⁵⁷, e segundo o relatório do mês de julho de 2016 do Netscope⁵⁸, o site de ‘A Bola’ é líder, tendo obtido nesse período 34,8 milhões, seguido pelo concorrente ‘Record’, com 26,1 milhões de visitas. O jornal ‘O Jogo’ obteve 20,1 milhões de visitas, sendo superado apenas pelo generalista ‘Correio da Manhã’.

⁵⁷ Dados obtidos em <http://www.meiosepublicidade.pt/2016/08/netscope-global-media-group-distanciase-da-cofina/>

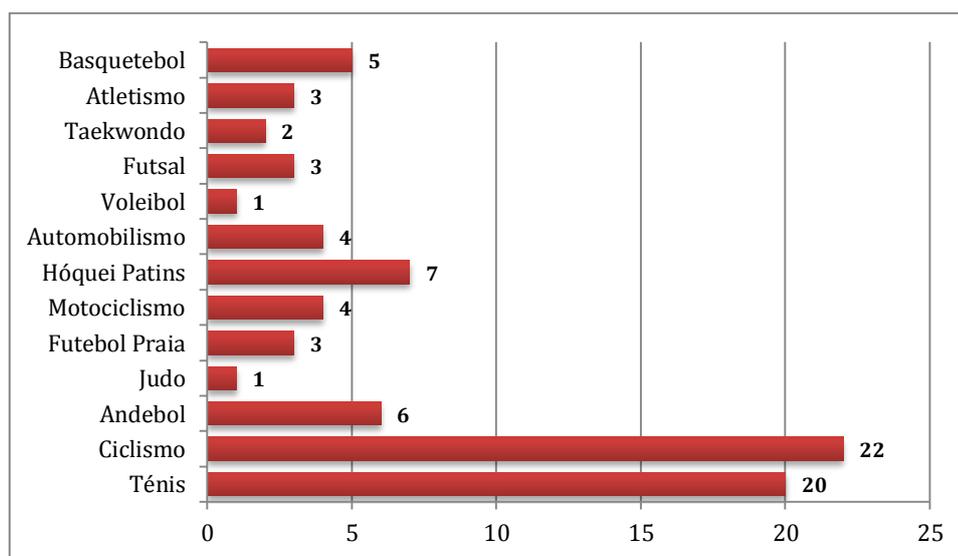
⁵⁸ Ranking português de internet

Ainda que seja um caso especial, por exemplo, “entre os dias 1 de junho e 12 de julho, foram geradas quase 63 mil notícias sobre o Euro 2016, com cada português a dedicar em média 27 horas e 48 minutos a programas ou notícias relativas à prova”.

Acrescente-se que, “em termos de investimento publicitário, foram 14 as marcas que de alguma forma se associaram ao evento Euro 2016 nos meios tradicionais, com um investimento total a valores de tabela de mais 75 milhões de euros”⁵⁹.

Por tudo o que foi enunciado atrás, duvidamos que uma outra modalidade consiga despertar tanto interesse no nosso país. Por isso, percebemos a opção de ‘Bola Branca’, e se quisermos dos programas desportivos do meio hertziano português, pelo futebol.

No *corpus* desta investigação, para além do futebol, foram identificadas mais treze outras modalidades: ciclismo, ténis, hóquei em patins, andebol, basquetebol, automobilismo, motociclismo, atletismo, futsal, futebol de praia, taekwondo, voleibol e judo.



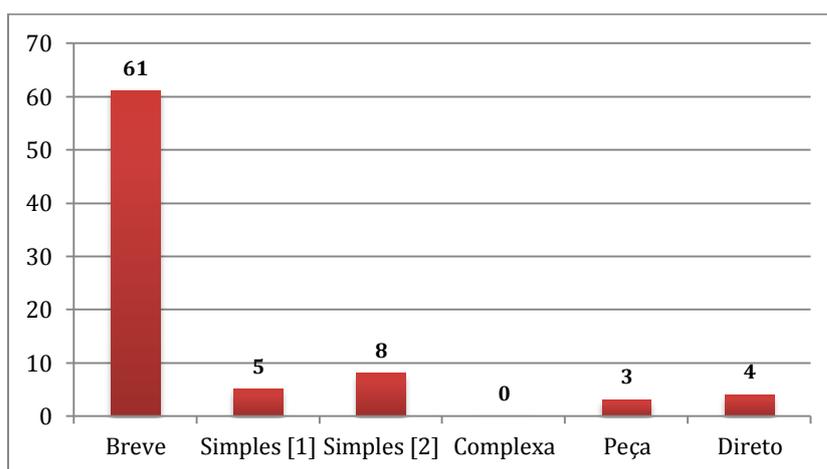
A seguir ao futebol, ciclismo foi o desporto mais noticiado em ‘Bola Branca’. Foram identificadas 22 unidades de informação sobre eventos velocipédicos. Este resultado explica-se com a cobertura realizada na Volta a Portugal em bicicleta. A Rádio Renascença teve um repórter – no caso Joaquim Vieira - a acompanhar em permanência a prova mais importante e mediática do ciclismo em Portugal.

⁵⁹ Dados obtidos em <http://www.meiosepublicidade.pt/2016/07/cada-portugues-dedicou-cerca-de-27horas-e-48-minutos-ao-euro-2016/>

O ténis apresenta um valor próximo: 20 notícias. De realçar que quase todas as informações difundidas serviram para dar conta do desempenho de João Sousa, o melhor tenista português da atualidade, em diversos torneios internacionais. As restantes modalidades apresentam valores semelhantes.

Na sua maioria, as notícias sobre as modalidades amadoras foram divulgadas de forma *breve* (61), isto é, apenas pela voz do jornalista que lê a informação, sem o apoio de qualquer som. É um recurso muito utilizado para encerrar o programa desportivo da RR.

Segundo Bonixe (2012b:46) “ter declarações dos protagonistas dos acontecimentos pode significar, para o jornalismo radiofónico, fazer ou não uma notícia”. No entanto, na ‘Bola Branca’ constata-se que é possível, e até normal, dar muitas notícias sem ter a voz dos protagonistas.

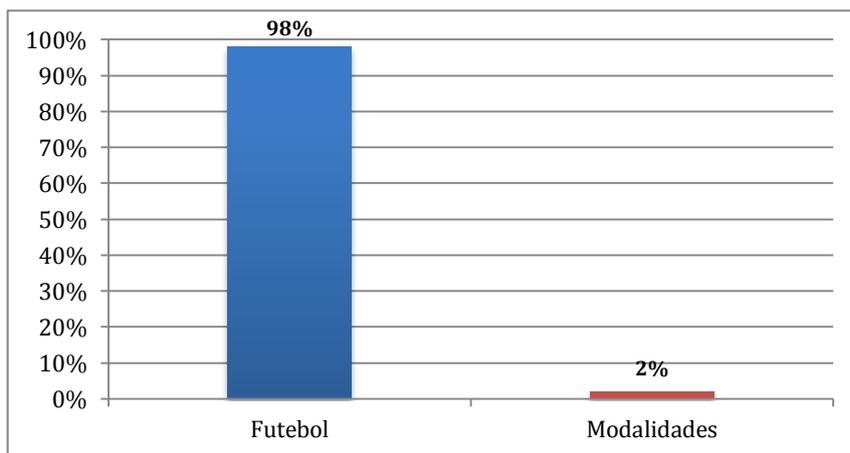


Observou-se a inserção de testemunhos em apenas 13 notícias sobre as modalidades amadoras. Em 5 dessas unidades de informação verificou-se a inclusão de apenas um registo sonoro, enquanto 8 continham dois ou mais RM's. Mais uma vez este dado demonstra a pouca importância dada às modalidades amadoras na produção noticiosa desportiva, já que a inclusão de uma declaração ajuda a realçar a informação difundida, como também “tornará o acontecimento noticiado mais notado para o ouvinte” (Bonixe, 2007:36).

Em 7 das notícias analisadas houve recurso a reportagem em direto ou em diferido (peças). De sublinhar que 6 dessas notícias foram sobre a Volta a Portugal em bicicleta,

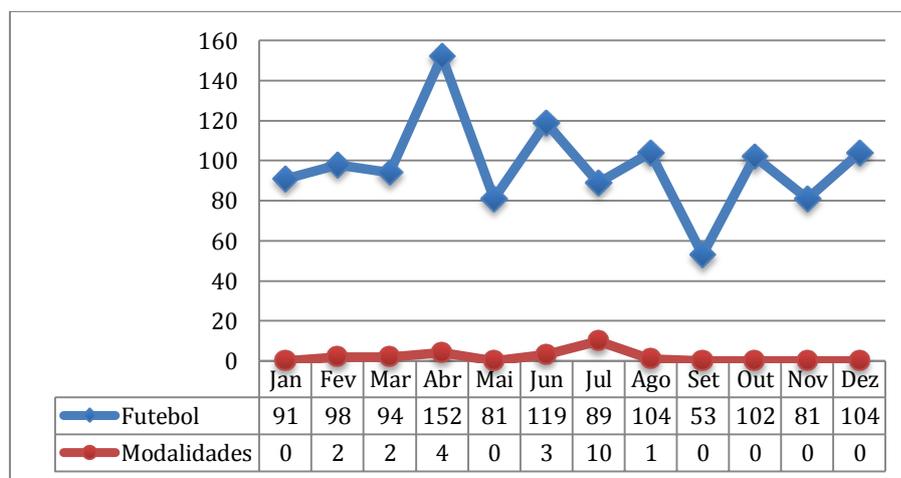
ou seja, sobre ciclismo (3 diretos e 3 peças). A outra incluiu um direto desde o sorteio do Mundial de Futebol de Praia, que se realizou em Espinho. Não foi encontrada qualquer notícia extrafutebol tratada de forma complexa.

Se na ‘Bola Branca’ se verifica o predomínio quase absoluto das notícias sobre o futebol, essa supremacia sobre as modalidades amadoras é ainda mais evidente no que diz respeito ao uso de declarações.



Foram identificados 1168 sons relacionadas com o futebol, o equivalente a 98%. A percentagem dos registos sonoros das outras modalidades é claramente inferior (2%), o que corresponde a 22 RM's.

Numa análise mais detalhada, constata-se que em metade dos meses (janeiro, maio, setembro, outubro, novembro e dezembro) não foi identificada uma única declaração referente a modalidades amadoras.

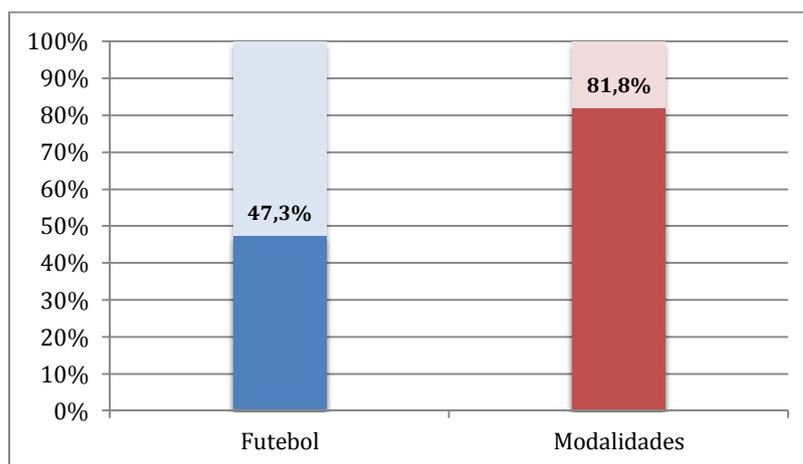


No meio radiofónico, muitas vezes, a utilização de formas sem depoimentos como são as notícias breves “é claramente influenciada pela dificuldade de acesso às fontes de informação que possam produzir declarações” (Bonixe, 2012b:140).

No jornalismo desportivo, o contacto direto com as fontes foi-se perdendo ao longo dos anos, muito por culpa do fechamento dos clubes, especialmente os de futebol, á comunicação social. Habitualmente, quase só é permitido fazê-lo nas conferências de imprensa. Assim, como forma de ultrapassar este constrangimento, os jornalistas desportivos recorrem com muita frequência a atores que dado o seu passado de relevo no mundo do desporto são chamados a transmitir o seu ponto de vista sobre determinados assuntos. E são estas declarações que, normalmente, servem para preencher os programas desportivos de rádio. Sublinhe-se, que esse contacto, feito normalmente por telefone, solicitando comentários e opiniões sobre matérias relacionadas com a atualidade dos clubes, é uma prática bastante comum, mas na informação futebolística.

Mas a dificuldade de acesso às fontes de informação é um dos motivos que ajuda a explicar resultados tão anémicos nas modalidades amadoras?

Procurando responder a esta questão decidimos verificar se o acesso aos protagonistas das notícias é mais facilitado no futebol ou nas modalidades amadoras. Neste caso específico quando nos referimos a protagonistas estamos a referir-nos aos verdadeiros intervenientes das notícias, a fontes diretas de informação.



Repare-se que em 1168 declarações relacionadas com o futebol emitidas na ‘Bola Branca’, 552 reproduziram a voz dos protagonistas, o equivalente a 47,3%. Este cenário

não se aplica quando a informação desportiva se debruça sobre as modalidades amadores, onde prevalece o contacto direto com as fontes (81,8%). Num universo de 22 depoimentos recolhidos, apenas 4 não eram dos atores da notícia.

Este resultado oferece várias leituras. Constatase que é mais fácil o acesso aos verdadeiros protagonistas das notícias sobre as modalidades amadoras. Significa que os agentes ligados às disciplinas extrafutebol estão mais disponíveis para prestar declarações à imprensa. Por outro lado, confirma a tese de que existe um fechamento cada vez maior do futebol à comunicação social.

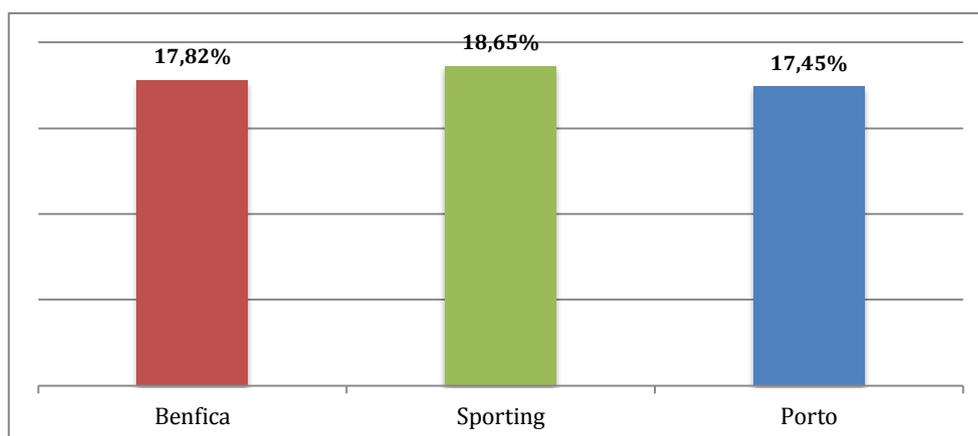
8.8. O Domínios dos “3 Grandes”

Em Portugal, os três clubes mais mediáticos são Benfica, Porto e Sporting. Sendo equipas com um profuso número de adeptos, pressupõe-se que a divulgação de notícias sobre os mesmos será privilegiada, no sentido de atrair um maior número de ouvintes.

Aliás, Soengas (1996:37) refere que de “de um ponto de vista informativo, serão mais interessantes aqueles acontecimentos que procedam das instituições mais importantes porque também se direccionam a um maior número de pessoas e, portanto, automaticamente provocam uma maior audiência potencial”.

Tendo por base esta premissa consideramos pertinente verificar se, efetivamente, este dado também é refletido nos noticiários de ‘Bola Branca’. Assinalamos todas as notícias com referência a Benfica, Sporting e/ou FC Porto. Sublinhe-se que em várias dessas notícias há obviamente menção a outros clubes adversários, nomeadamente nas dedicadas à temática *jogos/competições*.

No *corpus* desta investigação foram identificadas 237 unidades de informações com referências ao Benfica, o que corresponde a 17,82% do total de notícias analisadas; Sporting, 249 notícias (18,65%) e FC Porto 233 notícias (17,45%). Observa-se valores idênticos para cada um dos clubes, com ligeiro ascendente para o Sporting. O polémico despedimento de Marco Silva e a ainda mais controversa ida de Jorge Jesus para Alvalade, julgamos, reflete-se neste resultado.



Conclui-se, portanto, que em ‘Bola Branca’ predominam as notícias relativas aos três principais emblemas portugueses. Este resultado permite-nos ainda inferir que mais de metade das unidades de informação difundidas (53,93%) serviram para divulgar assuntos relacionados com os clubes mais mediáticos no nosso país.

Apesar de ser inexistente qualquer estudo dedicado a esta temática no meio hertziano português, que nos permita estabelecer uma comparação com outros programas desportivos, constatamos que na imprensa escrita o contexto é idêntico. Durante o ano de 2013, Henriques (2014:61/62) analisou as manchetes dos três diários desportivos nacionais (‘A Bola’, ‘Record’ e o ‘O Jogo’) e deparou-se com um cenário análogo.

As restantes notícias forneceram dados sobre outros clubes, instituições, personagens ou acontecimentos nacionais e internacionais.

Conclui-se também que os temas de âmbito nacional têm bastante mais peso no processo de construção noticiosa de ‘Bola Branca’. Importa no entanto sublinhar que quando nos referimos a notícias de esfera nacional não nos cingimos a apenas factos ou acontecimentos desenvolvidos em território luso. A classificação foi feita tendo como base o ângulo em que a notícia foi estruturada.

Vejamos o seguinte exemplo:

PIVÔ – “O Fenerbache de Vítor Pereira perdeu com o Dnipro, por 1-0, em jogo de preparação. Um auto-golo de Bruno Alves ditou o resultado da partida em que também jogaram Bruno Gama, pelo Dnipro, e Raúl Meireles pela equipa turca”⁶⁰.

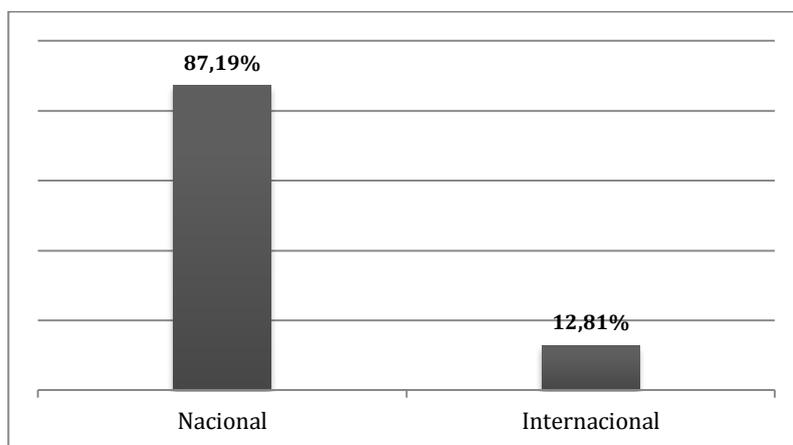
⁶⁰ Bola Branca, 22:30, 2015.07.15

Não obstante ter sido um desafio entre dois clubes estrangeiros, realizado na Turquia, o interesse da notícia está na participação nesse mesmo jogo de um treinador e de três jogadores portugueses. Assim sendo, categorizamos este tipo de notícia como *nacional*.

Como notícia de âmbito internacional, atente-se ao exemplo que se segue:

PIVÔ – “Em Espanha, 4 jogos de suspensão para Gerard Piqué. Piqué insultou um dos árbitros assistentes no decorrer da segunda mão da Supertaça de Espanha, perdida para o Athletic de Bilbao. O internacional catalão, nesse jogo, viu o cartão vermelho. Esta manhã, Gerard Piqué ficou a saber que falha os jogos com Athletic Bilbao, Málaga, Atlético de Madrid e Levante. Castigo pesado do comité disciplinar espanhol para o jogador do Barcelona”⁶¹.

Assim sendo, constatamos que 1164 notícias (87,19%) revelaram aspetos relacionados com o desporto português, enquanto 171 unidades de informação (12,81%) tiveram como enfoque assuntos ocorridos no estrangeiro.



Este resultado não é propriamente uma novidade tendo em conta que geralmente a audiência “demonstra maior interesse pelas notícias que estão relacionadas com o meio que as rodeia” (Saiz, 2009:53). Soengas (1996:47) lembra que é importante elaborar uma informação que atenda aos “critérios geográficos e ao âmbito da cobertura da emissora”.

⁶¹ Bola Branca, 12:45, 2015.08.19

Conclusão

Começamos por responder às hipóteses formuladas para esta investigação.

H1 – Prevalece o uso de notícias com inserção de *declarações* em detrimento das notícias breves, complexas e das reportagens em direto e em diferido (peças).

Confirmado. As notícias com *declarações* predominam no noticiário desportivo da Rádio Renascença. Quase metade das unidades de informação identificadas neste estudo (47,93%) foram tratadas com recurso a depoimentos. Uma fórmula que é o desejável na informação radiofónica. Segundo Prado (1989:53) este tipo de notícia “ganha em ritmo e em sustentação, já que introduz mudanças de voz e, sobretudo, pode incluir o cenário sonoro dos factos, transmissor da informação em si mesmo”. As notícias com declarações “ganham em credibilidade e em exatidão” (Prado, 1989:53).

Ainda que em menor número, as notícias breves também são bastante usadas (44,56%), resultado da ampla divulgação de resultados de competições, assim como da antevisão e rescaldo de jogos de futebol.

Já a forma complexa apresenta um valor residual. Apenas 1,34%. Neste tipo de notícias, mais desenvolvidas, são acrescentados dados que ajudam à melhor compreensão de um determinado acontecimento e a conhecer as suas causas e efeitos. Contudo, a escassez de tempo, quer para a construção noticiosa, quer na duração do programa, são constrangimentos que contribuem para a fraca assiduidade destas notícias no espaço desportivo da RR. Como tal, estas unidades de informação foram identificadas, predominantemente, nas edições da noite de ‘Bola Branca’, os blocos de maior duração.

As notícias com recurso a direto (3,54%) também apresentam uma baixa percentagem, apesar de Merayo Pérez (2009:202) considerar que deveriam ser uma constante nas emissoras de rádio “pelo interesse informativo que despertam”.

Na ‘Bola Branca’, os diretos são realizados, na maioria das vezes, a partir de estádios de futebol, antes, durante ou após, um jogo. Ou então, desde as conferências de imprensa, nos raros momentos em que treinadores e jogadores se disponibilizam para falar à comunicação social. Essas declarações obtidas em direto são posteriormente aproveitadas para outros noticiários, não só da ‘Bola Branca’, como também da

informação generalista, caso seja relevante. Este é um exemplo de como “a rádio procura maximizar a actualidade dos acontecimentos recorrendo às suas potencialidades enquanto meio de comunicação social” (Bonixe, 2012b:174).

O uso de peças facilita a “compreensibilidade, proporciona credibilidade à mensagem, estimula a imaginação do ouvinte e melhora o dinamismo e ritmo da reportagem” (Merayo Pérez (2009:204). Contudo, verificou-se a sua utilização em apenas 2,54% das notícias. Normalmente, este tipo de reportagem só é levado a cabo em assuntos de transcendente importância.

H2 – Os assuntos relacionados com *jogos/competições* são os mais divulgados e, como tal, mais valorizadas no tratamento noticioso.

Confirmado, em parte. É verdade que a temática *jogos/competições* foi a mais divulgada durante o período analisado. A percentagem encontrada (40,45%) não deixa dúvidas. Também observamos que é o assunto que mais vezes é tratado com recurso a notícias complexas, ou seja, de maior grau de aprofundamento (2,8%). Ainda assim, repare-se que quase metade (47,25%) das 540 unidades de informação de *jogos/competições* foram divulgadas através de notícias breves.

A temática referida também foi aquela que mais vezes abriu os noticiários de ‘Bola Branca. Contudo, este dado é resultante do elevado número de notícias encontradas sobre o assunto.

Numa análise mais ampliada concluiu-se que apenas 8% dessas mesmas notícias foram colocadas no topo dos blocos informativos desportivos da emissora católica. Recordamos que “uma notícia de abertura será, do ponto de vista dos jornalistas, mais importante que outra apresentada na parte final de um noticiário” (Bonixe, 2012b:82 *apud* Soengas, 2003).

Neste particular destacou-se a categoria *outros*, onde foram englobadas noticiais que surgem com menor assiduidade na informação desportiva. 27,1% destas notícias foram divulgadas em primeiro lugar. Como já se referiu nesta investigação, factos imprevisíveis são mais valorizados do que notícias sobre acontecimentos que

regularmente povoam os blocos informativos radiofónicos, como é o caso de jogos/competições.

H3 – As fontes e vozes dominantes reproduzem a visão oficial do desporto. (e.g. treinadores, atletas e dirigentes).

Confirmado. No conjunto, *treinadores, atletas e dirigentes* significam mais de 40% das fontes utilizadas para a construção noticiosa, o que significa que a ‘Bola Branca’ tende a reproduzir a visão oficial do desporto, o que contraria um outro estudo, sobre a imprensa desportiva, de Tatiana Henriques. Uma análise às fontes dos jornais ‘O Jogo’, ‘A Bola’ e ‘Record’ revelou “que presença de fontes oficiais é minoritária” (Henriques, 2014:92).

Curiosamente, o jornalismo desportivo no meio hertziano encontra certa similaridade com aquilo que acontece na imprensa escrita generalista. Vasco Ribeiro, numa investigação sobre a influência das fontes no noticiário político dos quatro grandes diários portugueses – ‘Correio da Manhã’, ‘Diário de Notícias’, ‘Jornal de Notícias’ e ‘Público’ – durante os anos 1990, 1995, 2000 e 2005, observou uma “hegemonia das fontes oficiais, que constituem mais de 90% dos fornecedores de informação” (Ribeiro, 2006:119).

Os atletas, treinadores e dirigentes são atores que Alcoba (2011:80) considera serem “fontes primárias” das notícias. Ou, como categoriza Soengas (1996:55), “fontes informativas directas”, ou seja, “uma pessoa que presenciou directamente o facto ou que é protagonista dele” (Soengas, 1996:55). Segundo mesmo autor, este tipo de fontes, se por um lado, têm a vantagem de dar “uma visão externa e objectiva dos factos” (Soengas, 1996:56), por outro, como parte interessada “tende a fazer afirmações valorativas, às vezes tendenciosas” (Soengas, 1996:56).

Mais evidente é o peso das vozes de *treinadores, atletas e dirigentes* no processo de construção noticiosa da ‘Bola Branca’ (67,5%). Este dado parece-nos positivo, tendo em conta que são estas verdadeiras figuras do mundo do desporto, significando que o programa desportivo da RR visa reproduzir a realidade do fenómeno desportivo.

Desta investigação podemos ainda extrair como conclusão que ‘Bola Branca’ segue, por norma, as boas práticas profissionais específicas do meio radiofónico. Dê-se como exemplo o tratamento dado aos sons. Maioritariamente a sua duração situa-se entre os 30’’ e os 50’’, o que é considerado o ideal em rádio.

Num teste à credibilidade do programa e à informação difundida, julga-mos que ‘Bola Branca’ passou com distinção. Atente-se que uma elevada percentagem (77,6%) de notícias sobre *transferências/mercado* – normalmente os conteúdos mais especulativos – revelaram-se verdadeiras, o que denota preocupação em divulgar apenas factos devidamente confirmados, e ao mesmo tempo, o acesso a fontes de informação fiáveis.

É incontestável a supremacia das notícias relacionadas com o futebol, sobretudo sobre os três grandes (Benfica, Porto e Sporting), relegando para segundo plano as outras modalidades. O menor número de notícias sobre as disciplinas amadoras repercute-se, posteriormente, no uso de declarações. Contudo, sublinhe-se, este dado é tudo menos surpreendente. Recorde-se que o fundador da ‘Bola Branca’, Ribeiro Cristóvão, na entrevista concedida para esta investigação, assumiu que o programa foi criado para divulgar, essencialmente, notícias sobre futebol, o desporto mais acarinhado pelos portugueses e que é capaz de cativar um maior número de ouvintes. Portanto, mantém-se fiel aos seus propósitos.

‘Bola Branca’ é indubitavelmente um programa desportivo que marca e marcará de forma indelével a rádio em Portugal. Desde o começo que o programa da Rádio Renascença apostou na credibilidade dos seus noticiários. Para tal, teve a capacidade de construir uma relação de proximidade e de confiança com os principais intervenientes do desporto do nosso país, o que lhe permitiu apresentar regularmente notícias de grande impacto e com a garantia de que não seriam desmentidas. Desta forma, paulatinamente, foi conquistando uma grande audiência, o que contribuiu decisivamente para que o programa se mantenha em antena ao fim de mais de três décadas.

Atualmente, o desafio é manter essa mesma credibilidade, apesar do acesso vedado aos grandes protagonistas do desporto. O fechamento dos clubes torna mais difícil conseguir novas notícias e, sobretudo, apurar a veracidade de algumas.

O espaço da emissora católica, de certa forma, provocou alterações no jornalismo desportivo no nosso país. Com o aparecimento da ‘Bola Branca’, a imprensa escrita passou a ter mais temas para noticiar - temas esses que surgiam nas suas emissões – e que muitas vezes possibilitaram tiragens elevadas. Como consequência, a determinada altura, os periódicos desportivos passaram a diários, o que resultou na criação de redações mais numerosas e, do mesmo modo, conduziu ao aparecimento de novos jornalistas desportivos. Sublinhe-se que ‘Bola Branca’ também beneficiou com este panorama, já que as publicações dedicadas ao desporto serviam (e servem) de fonte para novas notícias.

A proliferação das transmissões televisivas nos últimos anos provocou mudanças na programação desportiva da Rádio Renascença, especialmente no que diz respeito aos relatos de futebol. As famosas tardes desportivas acabaram e as transmissões estão agora circunscritas aos três principais clubes portugueses, ao contrário do que acontecia inicialmente, em que a equipa desportiva da RR marcava presença em vários estádios de futebol do país.

‘Bola Branca’ também enfrentou o desafio da internet, mas foi capaz de adaptar-se ao novo meio. Hoje o ouvinte já não necessita de esperar por uma edição do programa para ficar informado acerca de um acontecimento desportivo, já que rapidamente qualquer informação é disponibilizada no ambiente Web. Além disso, o programa da RR fornece conteúdos multimédia que acrescentam mais dados às notícias difundidas no meio hertziano. A internet acabou também por se tornar numa indispensável ferramenta de trabalho para, por exemplo, pesquisar novas notícias ou até para recolher registos sonoros. Tudo isto só foi possível devido aos avanços tecnológicos que a Rádio Renascença foi acompanhando.

‘Bola Branca’ beneficiou e soube tirar partido de novos meios técnicos que foram surgindo para, entre outras coisas, melhorar a qualidade das suas transmissões desportivas.

Resumidamente, este trabalho teve como principal objetivo dar a conhecer um dos programas mais emblemáticos da rádio portuguesa, emitido ininterruptamente há 36 anos. Inexplicavelmente, ‘Bola Branca’ nunca foi alvo de um estudo tão aprofundado

como aquele que aqui desenvolvemos. Acreditamos que esta investigação contribuirá para enriquecer a história do jornalismo desportivo e do meio hertziano do nosso país. Ao mesmo tempo pode lançar novas pistas para reflexões mais aprofundadas sobre uma área jornalística pouco explorada em Portugal. Ainda assim, importa reconhecer que no futuro haverá, com certeza, muito mais para divulgar, porque tal como a rádio, a 'Bola Branca' vai sofrendo transformações todos os dias.

Referências bibliográficas

- Albert, Pierre, & Tudesq, A. J. (1981). *A História da Rádio e Televisão*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Alcoba, António. (2011). *Periodismo Deportivo*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Alexandrino, Viviane Aparecido. (2011). *A Mulher No Jornalismo Esportivo: Análise Da Participação Feminina No Telejornalismo Brasileiro*. (Bacharelato), Faculdade Cristo Rei, Cornélio Procópio. Retrieved from <http://livros01.livrosgratis.com.br/ea000951.pdf>
- Alves, Maria da Piedade. (2012). *Metodologia Científica*. Lisboa: Escolar Editora.
- Amorim, Isabel Maria Machado. (2008). *As notícias na rádio: Rotinas de Produção e papel do jornalista*. (Dissertação de Mestrado), Universidade da Beira Interior, Covilhã. Retrieved from <https://ubithesis.ubi.pt/bitstream/10400.6/1230/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>
- Andújar, Clara Sainz de Baranda (2013). Orígenes de la Prensa Diaria Deportiva: El Mundo Deportivo. *Revista Materiales para la Historia del Deporte*, N° 11, 7-27.
- Antón, Emma Rodero. (2005). *Producción Radiofónica* (1ª ed.). Madrid: Ediciones Cátedra.
- Arcos, Alicia Naranjo de (2011). *Tratamineto de la información deportiva en la prensa: La Crónica como género prevalente. El caso de Los Encuentros de Fútbol entre Real Madrid Y F.C. Barcelona*. (Tese de Doutoramento), Universidade de Málaga, Málaga. Retrieved from <http://riuma.uma.es/xmlui/handle/10630/4848>
- Balsebre, Armand. (1994). *La Credibilidad De La Radio Informativa*. Barcelona: FeedBack Ediciones.
- Barbeiro, Heródoto, & Rangel, Patrícia. (2006). *Manual do Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto.
- Bastos, Helder, Lima, Helena, Moutinho, Nuno, & Reis, Ana Isabel. (2011). *Radio journalists and the Internet: A study on perceptions*. Paper presented at the ECREA: 'Radio Evolution: technology, contents, audiences', Braga.
- Benedicto, Juan Tomás Luengo. (2010). *Cómo Elaborar Informativos En Radio*. Sevilla/Zamora: Comunicación Social Ediciones Y Publicaciones.
- Berasategui, Maria Luísa. (2000). Datos para La Historia de la prensa deportiva en Cataluña. *Revista General de Información y Documentación*, Vol. 10, N°1 153169.
- Bianco, Nelia R. Del. (2004). A Internet como fator de mudança no jornalismo. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-internet-mudanca-jornalismo.pdf>
- Bonixe, Luís. (2007). A Construção Sonora da Realidade - Uma Análise à Cobertura Radiofónica da Campanha Para o Referendo ao Aborto. *Observatório (OBS*)*, 29-54.
- Bonixe, Luís. (2008). As notícias dos sites das rádios portuguesas: contributos para a sua compreensão. *Prisma.com*, N° 7, 275-299.
- Bonixe, Luís. (2010). *A cobertura radiofónica de campanhas eleitorais*. Paper presented at the III Seminário Internacional Media, Jornalismo e Democracia,

- Lisboa.
<https://sites.google.com/site/mediajornalismoedemocracia2010/textosde-comunicacoes/a-cobertura-radiofonica-de-campanhas-eleitorais>
- Bonixe, Luís. (2012a). As Rádios Locais Em Portugal – Da Génese Do Movimento À Legalização. *7º Congresso da SOPCOM - Meios Digitais e Indústrias Criativas - Os Efeitos e os desafios da globalização*.
- Bonixe, Luís. (2012b). *A Informação Radifónica: Rotinas e Valores-Notícia de Reprodução da Realidade na Rádio Portuguesa* (L. Horizonte Ed.). Lisboa.
- Borges, David. (2006). Futebol: a emoção, a razão e a especialização. In F. L. e. S. Pereira (Ed.), *A TV do futebol* (pp. 45-52). Porto: Campo das Letras.
- Borreguero, Mario Alcudia. (2008a). El Deporte Como Género Radiofónico. In M. A. Borreguero (Ed.), *Nuevas Perspectivas Sobre Los Géneros Radiofónicos* (pp. 60-74). Madrid: Editorial Fragua.
- Borreguero, Mario Alcudia. (2008b). Los Programas Informativos. In M. A. Borreguero (Ed.), *Nuevas Perspectivas Sobre Los Géneros Radiofónicos* (pp. 33-59). Madrid: Editorial Fragua.
- Coelho, João Nuno. (2004). Futebol: Desporto e Emoção. *Revista Con(m)textos de Sociologia, N° 3*, 21-24.
- Coelho, João Nuno, & Pinheiro, Francisco. (2002). *A Paixão do Povo: história do futebol em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
- Coelho, Paulo Vinicius. (2003). *Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto.
- Cordeiro, Paula. (2004). A Rádio em Portugal: Um Pouco de História E Perspectivas de Evolução. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-portugal.pdf>
- Cristo, Dina Isabel Mota. (1999). *A Rádio em Portugal e o Declínio do Regime de Salazar e Caetano (1958-1974)*. (Tese de Mestrado), Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. Retrieved from http://www.esec.pt/cdi/ebooks/docentes/D_Cristo/Tese.M.pdf
- Fidalgo, António. (1998). A ética e o off record. *Brotéria - Cultura e Informação*, 146, 97-101.
- Franquet, Rosa, & Martí, Josep M^a. (1995). *La Radio: De La Telegrafía Sin Hilos A Los Satelites (Cronologia 1780-1984)*. Barcelona: Editorial Mitre.
- Garcia, Paulo. (2006). O Canto Solitário De Um Relato De Futebol. In F. L. e. S. Pereira (Ed.), *A TV do futebol* (pp. 61-65). Porto: Campo das Letras.
- Grandi, Sebastián. (2011). La primera transmisión deportiva. Retrieved from <http://www.espn1079.fm/blogs/espn1079/?id=2658&modo=ampliar>
- Henriques, Tatiana Raquel Correia. (2014). *Jornalismo Desportivo em Portugal: Notícia ou Especulação?: Análise das Fontes nos Diários 'O Jogo', 'A Bola' e 'Record'*. (Dissertação Mestrado), Universidade do Minho, Braga. Retrieved from <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/30433/1/Tatiana%20Raquel%20Correia%20Henriques.pdf>
- Lima, Helena Dias, & Reis, Ana Isabel (2011). *Meios Digitais e Participação Pública: Os Comentários nos Sites de Rádio e TV Portugueses*. Paper presented at the 7º

- Congresso da SOPCOM - Meios Digitais e Indústrias Criativas - Os Efeitos e os desafios da globalização Porto.
- Lopez, Débora Cristina. (2009). As fontes no jornalismo radiofônico em ambiente de convergência. *Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura*, Vol. 7, 19.
- López, Manuel. (1995). *Cómo se fabrican las noticias: Fuentes, selección y planificación*. Barcelona: Paidós.
- Maia, José Matos. (2009). *A Telefonía: Memórias da Rádio*. Lisboa: Âncora Editora.
- Maia, Pedro Marques. (2016). *Jornalismo Desportivo: Mercado de Transferências - Relação Entre Jornalistas e Fontes de Informação nos Jornais Desportivos*. (Dissertação de Mestrado), Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Marinho, Sandra. (1999). O Valor da confiança nas relações entre jornalistas e fontes de informação. *Comunicação e Sociedade* 2, 351-356.
- Martínez-Costa, Maria Del Pilar. (2009). El Proceso de Escritura de la Información Radiofónica. In M. D. P. Martínez-Costa (Ed.), *Información Radiofónica: Cómo Contar Noticias En La Radio Hoy* (pp. 97-119). Barcelona: Ariel Comunicación.
- Martínez Albertos, José Luís. (1974). *Redacción Periodística: Los Estilos Y Los Géneros En La Prensa Escrita*. Barcelona: A.T.E.
- Mateus, Cátia. (2015). *A Utilização das Redes Sociais Pelos Jornalistas: Novos Desafios Éticos e Deontológicos Para a Profissão*. Covilhã: Livros LabCom.
- Meneses, João Paulo. (2003). *Tudo O Que Se Passa na TSF...Para Um "Livro" de Estilo*. Porto: Edição Jornal de Notícias.
- Merayo Pérez, Arturo. (1992). *Para Entender La Radio: Estructura Del Proceso Informativo Radiofónico*. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca.
- Merayo Pérez, Arturo. (2009). La Construcción Del Relato Informativo Radiofónico. In M. D. P. Martínez-Costa (Ed.), *Información Radiofónica: Cómo Contar Noticias En La Radio Hoy* (pp. 59-96). Barcelona: Ariel Comunicación.
- Ortiz, Antonio Arenas (2012). *La Radio Temática Deportiva: Implantación, Modelos Y Panorama Internacional*. (Tese de Doutoramento), Universidad Complutense de Madrid, Madrid Retrieved from <http://eprints.ucm.es/16160/1/T33818.pdf>
- Pinheiro, Francisco. (2006). *A Europa e Portugal na Imprensa Desportiva (1893-1945)*. Coimbra: Minerva Coimbra.
- Pinheiro, Francisco. (2009). *História da imprensa periódica desportiva portuguesa (1875-2000)*. (Tese de Doutoramento), Universidade de Évora, Évora. Retrieved from <http://www.ceis20.uc.pt/ceis20/site/UserFiles/Image/Historia%20da%20Imprensa%20Periodica%20Desportiva%20Portuguesa.pdf>
- Pinheiro, Francisco. (2013). Carlos Callixto, o ciclista das palavras. *Jornalismo & Jornalistas*, Nº 55, 62-65.
- Prado, Emilio. (1989). *Estrutura da Informação Radiofônica* (S. Editorial Ed.). São Paulo.
- Rados, Milan. (2008). *Mundo E Comunicação - Uma História Política Contemporânea*. Porto: Edições Afrontamento.
- Reich, Zvi. (2011). Source Credibility as a Journalistic Work Tool. In B. Franklin & M. Carlson (Eds.), *Journalists, sources, and credibility : new perspectives* (pp. 1936). New York: Routledge.

- Reis, Ana Isabel. (2009). *O Áudio no Jornalismo Radiofónico na Internet*. (Dissertação de Doutoramento), Universidade do Minho, Braga. Retrieved from <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/19749>
- Reis, Ana Isabel. (2012). Soundbite nas Cibernotícias das Rádios: Um Estudo Sobre a Duração e Função do Áudio nos Conteúdos Jornalísticos na Internet. *Prisma.com*, N°17, 1-11. <http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/view/2019/pdf>
- Reis, Ana Isabel. (2015a). O Áudio das Notícias Nos Sites de Rádio *Rádio em Portugal e no Brasil: Trajetória e Cenários* (pp. 175-187). Porto: CECSPublicações/eBooks.
- Reis, Ana Isabel. (2015b). *O Áudio nas Cibernotícias das Rádios* (1ª ed.). Porto: Media XXI.
- Ribeiro, Fernando Vasco Moreira. (2006). *Fontes Sofisticadas de Informação*. (Dissertação Mestrado), Universidade do Porto, Porto. Retrieved from http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/13047/2/FontesSofisticadasdeInformao000069327.pdf?origin=publication_detail
- Ribeiro, Nelson. (2001). Momentos marcantes na história da Rádio Renascença (1937-1987). *Revista do Obercom - Observatório da Comunicação*, 97-112.
- Ribeiro, Nelson. (2002). *A Rádio Renascença e o 25 de Abril*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Ribeiro, Nelson. (2005). *A Emissora Nacional nos Primeiros Anos do Estado Novo (1933-1945)*. Lisboa: Quimera.
- Ribeiro, Nelson. (2010). A Emergência Da Rádio E A Vulgarização do Entretenimento No Lar. *Comunicação & Cultura*, 115-131.
- Rodrigues, Elvira, & Almeida, Germano. (2015). *Trindades Guedes, O Homem E O Repórter: Recortes Para A História*. Vila do Conde: Verso da História.
- Saiz, Carmen Peñafiel. (2009). La Información En La Radio: Cómo Contar Noticias En La Radio Hoy. In M. D. P. Martínez-Costa (Ed.), *Información Radiofónica* (pp. 21-55). Barcelona: Ariel Comunicación.
- Santos Díez, María Teresa. (2003). *Periodismo Radiofónico*. Bilbao: Universidade Del País Vasco.
- Santos, Rogério. (2001). Práticas Produtivas e relacionamento entre jornalistas e fontes de informação *O jornalismo português em análise de casos* (pp. 93-134). Lisboa: Editorial Caminho.
- Santos, Rogério. (2005a). *As Vozes da Rádio (1924-1939)*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Santos, Rogério. (2005b). Rádio Em Portugal: Tendências e Grupos de Comunicação da Actualidade. *Comunicação & Sociedade, Vol. 7*, 137-152. <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/comsoc/article/view/1214/1157>
- Santos, Rogério. (2006). *A Fonte Não Quis Revelar - Um estudo sobre a produção de notícias*. Porto: Campo das Letras.
- Santos, Rogério. (2013a). *Elementos para a História da Rádio no Porto : Os 60 anos dos Emissores do Norte Reunidos*. Paper presented at the Colóquio Internacional Comunicar, Porto. <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/10237>

- Santos, Rogério. (2013b). *Sempre no Ar Consigo: O Rádio Clube Português em 1963*. Paper presented at the 9º Encontro Nacional de História da Mídia, Minas Gerais. [http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gthttp://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-sonora/201csempre-no-ar.-consigo201d.-o-radio-clube-portugues-em-1963historia-da-midia-sonora/201csempre-no-ar.-consigo201d.-o-radio-clubehttp://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-sonora/201csempre-no-ar.-consigo201d.-o-radio-clube](http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gthttp://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-sonora/201csempre-no-ar.-consigo201d.-o-radio-clube-portugues-em-1963historia-da-midia-sonora/201csempre-no-ar.-consigo201d.-o-radio-clubehttp://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-sonora/201csempre-no-ar.-consigo201d.-o-radio-clube-portugues-em-1963portugues-em-1963)
- Schinner, Carlos Fernando. (2004). *Manual dos locutores esportivos: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão* (P. Books Ed.). São Paulo.
- Schmitz, Aldo António. (2011). *Fontes de notícias : ações e estratégias das fontes no jornalismo*. Florianópolis: Editora Combook.
- Silva, Andressa Henning, & Fossá, Maria Ivete Trevisan. (2013). *Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos*. Paper presented at the IV Encontro de Ensino e pesquisa em Administração e Contabilidade, Brasília/DF. http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq_2013/2013_EnEPQ129.pdf
- Silva, Manuel Fernandes. (2006). O Espectáculo Desportivo em Televisão: “Treinar” As Emoções no “Jogo da Informação”. In F. L. e. S. Pereira (Ed.), *A TV do futebol* (pp. 55-59). Porto: Campo das Letras.
- Silva, Virgílio Luis. (2001). A Rádio Nos Anos 50. *Revista do Obercom - Observatório da Comunicação*, Nº 4, 33-64.
- Sobral, Luís , & Magalhães, Pedro. (1999). *Introdução ao Jornalismo Desportivo*. Lisboa: Cenjor.
- Soengas, Xosé. (1996). *Os Informativos Na Rádio* Santiago: Edicións LEA.
- Sousa, Jorge Pedro. (2002). *A Utilização de Fontes Anónimas no Noticiário Político dos Diários Portugueses de Referência: Um Estudo Exploratório*. Paper presented at the XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), Salvador/BA. [http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-utilizacao-fontes-anonimas.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-utilizacao-fonteshttp://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-utilizacao-fontes-anonimas.pdf)
- Sousa, Jorge Pedro. (2006). *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e Dos Media* (Vol. 2ª Edição Revista e Ampliada). Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Stofer, Kathryn T., Schaffer, James R., & Rosenthal, Brian A. (2010). *Sports Journalism: An Introduction To Reporting And Writing*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.
- Torrijos, José Luis Rojas. (2012a). *Del Fútbol por exceso a la espectacularización de la información en el periodismo deportivo. Propuestas para una mayor diversificación temática de los contenidos*. Paper presented at the IV Congreso Internacional Latina de Comunicación Social, Tenerife. http://www.revistalatinacs.org/12SLCS/2012_actas/035_Rojas.pdf

- Torrijos, José Luis Rojas. (2012b). La futbolización de la información deportiva: Un estudio de casos de cuatro diarios deportivos europeos. *Comunicação & Cultura*, 77-95.
- Traquina, Nelson. (2007). *Jornalismo*. Lisboa: Quimera.

Anexos

- Áudio das Edições de 'Bola Branca' analisadas (128) e a entrevista de Ribeiro Cristóvão ao programa da RTP "No Ar, A História da Rádio em Portugal", em 22.01.2011, disponível em:

<https://www.dropbox.com/sh/at6xlz55rjg8z9z/AAB8rHa8uGBrCF42yHoXYDLNa?dl=0>

- Entrevista presencial a Ribeiro Cristóvão, efetuada em 30.04.2014, em Lisboa; a entrevista presencial a Pedro Azevedo, efetuada a 07.05.2014, no Porto; e a entrevista telefónica a Pedro Azevedo, realizada a 21.09.2016 foram entregues em mão aos arguentes desta dissertação⁶².

- Entrevista a Néelson Ribeiro, efetuada por e-mail, a 26.05.2014

1- Os principais motivos que levaram a direção de programas a suspender a "Frente Desportiva" aos domingos à tarde? A banalização das transmissões televisivas em diferentes horários foi um forte fator para a decisão? (por favor, confirme se foi em 2005)

Essa decisão foi tomada antes de eu ter chegado à Direção de Programação da Renascença em Junho de 2005 mas julgo que na base da decisão esteve o facto de ter havido um decréscimo muito significativo do número de jogos da Iª Liga a decorrer ao Domingo à tarde, fruto do facto de os horários dos jogos terem passado a ser, em grande medida, determinados pelos horários das transmissões televisivas.

2- A uma determinada altura o programa "Frente Desportiva" passou a denominar-se Bola Branca? Porquê esta alteração? (já agora em que ano tal aconteceu).

Julgo que tal aconteceu em 2011 ou 2012 (não me recordo do ano exato). Na base da decisão esteve o facto de a marca "Bola Branca" ter uma enorme notoriedade, muito

⁶² Os entrevistados desta investigação não autorizaram a divulgação pública da versão áudio das entrevistas. A sua colocação na 'dropbox' quebraria a confidencialidade solicitada, já que ficariam acessíveis a qualquer pessoa, pelo que as referidas entrevistas foram entregues apenas aos arguentes.

superior a "Frente Desportiva". Considerámos, por isso, que Bola Branca deveria ser a marca âncora de todo o desporto emitido na Renascença.

3- "Bola Branca - Especial", num determinado momento, passou a ter um animador a coordenar a emissão. Esta solução durou pouco tempo. Porquê? Deontologicamente era correto ter alguém, que não um jornalista, a desempenhar essa função?

Não há nenhuma questão deontológica uma vez que quem está a coordenar a emissão está a assegurar-se da transmissão da publicidade e da entrada dos diversos repórteres e comentadores que participam na emissão pelo que é uma função que pode ser desempenhada por um locutor. Foi uma solução transitória adotada para fazer face à escassez de recursos humanos do departamento de desporto que pudessem assegurar todos os relatos e as emissões em estúdio. Acabou, contudo, por se manter até hoje a presença de um locutor durante as emissões da Bola Branca Especial exatamente por se considerar que o modelo tinha trazido benefícios à antena, embora exista também, por norma, um jornalista da área de desporto em estúdio para esclarecimento dos lances mais polémicos e para acrescentar informação sobre outros jogos que estejam a decorrer noutros campos.

4- Actualmente o programa tem uma coordenação mista (um animador+um jornalista desporto). Julgo que se pretende com isso dar uma linha de continuidade à emissão. No entanto, não acha que é confuso para o ouvinte?

Julgo que respondi na questão anterior. Como sabe, sai da Renascença em Março de 2013 e na altura este modelo misto ainda estava a ser testado. Para ter sido mantido é porque terá tido bons resultados mas não lhe posso garantir pois não sei o que se passou no último ano.

5- Qual a influência de "Bola Branca" nas audiências da Rádio

Renascença? (se tiver alguns dados sobre o número de ouvintes do programa, por favor, indique).

Como sabe, o estudo de audiências de rádio - o Bareme Rádio - é um estudo de memória que não nos permite saber com as audiências de programas que não são fixos. Tal é o caso dos relatos pelo que, nesses casos, não existem dados sobre o número de

ouvintes que ouvem as transmissões desportivas. Quanto aos noticiários desportivos, Bola Branca, o seu impacto nas audiências é misto, ou seja, existem muitos ouvintes que ligam a Renascença para ouvir a Bola Branca mas também existem muitos que desligam assim que a Bola Branca começa. Efetivamente, este é um dos desafios acrescidos de quem tem hoje a responsabilidade de gerir estações generalistas.

Em relação a número de ouvintes, no 4º trimestre de 2012:

- Bola Branca das 12.45-13.00 - 116.000 ouvintes diários (-17.000 ouvintes que a média entre as 12.00 e as 12.45 que era de 133.000 ouvintes diários)

- Bola Branca das 18.15 - 18.30 - 133.000 ouvintes diários (o mesmo número de ouvintes que o noticiário das 18.00-18.15)

- Bola Branca das 22.30 - 23.00 - 58.000 ouvintes diários (+16.000 ouvintes que a média entre as 22.00 e as 22.30)

6- As edições da manhã (6.30, 7.30, 8.30) são bastante curtas, pouco mais de dois minutos. Porquê?

Sendo a Renascença uma rádio generalista, agrega ouvintes que gostam de notícias de desporto e muitos que não estão interessados nesses temas. Sobretudo no período da manhã, a maioria dos ouvintes que ouve a Renascença não se interessa por notícias desportivas, preferindo ouvir notícias nacionais e música. Ainda assim, existe uma percentagem de ouvintes que efetivamente gosta de ouvir a Bola Branca de manhã que a estação tentava satisfazer com várias edições depois dos noticiários da meia hora.

Quadro 1. – Grelha Análise Diária dos Noticiários da ‘Bola Branca’

DIA	HORA	DURAÇÃO	NOTICIAS	RM'S	PEÇAS	DIRETOS	ENTREVISTAS
2015.01.05	12:45	13'41"	7	11	0	1	0
2015.01.05	18:15	12'43"	13	12	0	0	0
2015.01.13	12:45	14'06"	7	10	0	0	0
2015.01.13	18:15	12'37"	8	10	0	1	0
2015.01.21	12:45	13'57"	10	11	0	1	0
2015.01.21	18:15	12'22"	8	5	0	1	0
2015.01.21	22:30	29'00"	10	4	0	2	0
2015.01.29	12:45	13'52"	10	14	0	0	0
2015.01.29	18:15	11'04"	9	7	0	1	0
2015.01.29	22:30	28'36"	15	7	0	0	1

2015.02.06	18:15	11'24"	6	11	0	0	0
2015.02.06	22:30	28'17"	10	9	0	0	2
2015.02.09	12:45	14'03"	10	11	0	0	0
2015.02.17	12:45	13'58"	12	13	1	0	0
2015.02.17	18:15	12'46"	9	13	3	0	0
2015.02.17	22:30	28'54"	14	10	2	0	1
2015.02.25	12:45	13'33"	13	13	0	0	0
2015.02.25	18:15	11'32"	10	9	1	0	0
2015.02.25	22:30	27'50"	10	11	0	0	1
2015.03.05	12:45	12'50"	5	15	0	0	0
2015.03.05	18:15	11'46"	6	9	0	1	0
2015.03.13	12:45	13'45"	10	10	0	0	0
2015.03.13	18:15	12'30"	11	10	0	0	0
2015.03.13	22:30	27'43"	6	7	0	0	0
2015.03.16	12:45	14'03"	12	10	0	0	0
2015.03.16	18:15	11'36"	6	4	1	1	0
2015.03.24	12:45	14'04"	9	15	1	0	0
2015.03.24	18:15	11'51"	8	9	1	0	0
2015.03.24	22:30	29'06"	14	7	0	0	1
2015.04.01	12:45	14'05"	8	15	0	0	0
2015.04.01	18:15	11'48"	12	12	0	0	0
2015.04.01	22:30	29'06"	16	11	0	0	1
2015.04.09	12:45	12'46"	8	11	1	0	0
2015.04.09	18:15	11'38"	11	8	0	0	0
2015.04.09	22:30	28'30"	14	6	0	0	1
2015.04.17	12:45	12'35"	12	11	0	1	0
2015.04.17	18:15	11'35"	6	14	0	0	0
2015.04.17	22:30	28'14"	10	9	0	0	1
2015.04.20	12:45	14'04"	4	13	1	0	0
2015.04.20	18:15	11'38"	3	11	0	1	0
2015.04.20	22:30	28'32"	11	3	2	0	0
2015.04.28	12:45	13'57"	10	8	0	1	0
2015.04.28	18:15	11'38"	11	12	0	0	0
2015.04.28	22:30	28'26"	13	12	0	0	0
2015.05.06	12:45	13'16"	13	8	0	1	0
2015.05.06	18:15	11'17"	11	7	0	0	0
2015.05.06	22:30	27'59"	10	0	0	1	1
2015.05.14	12:45	12'54"	12	12	1	0	0
2015.05.14	18:15	11'12"	11	9	0	0	0
2015.05.22	12:45	12'55"	10	9	1	1	0

2015.05.22	18:15	11'22"	10	11	1	0	0
2015.05.25	12:45	13'26"	9	10	0	1	0
2015.05.25	18:15	11'27"	10	8	0	1	0
2015.05.25	22:30	26'58"	8	7	0	0	0
2015.06.02	12:45	13'32"	9	14	0	0	0
2015.06.02	18:15	12'47"	12	13	0	0	0
2015.06.02	22:30	28'17"	15	11	0	0	1
2015.06.10	18:15	12'46"	14	12	0	0	0
2015.06.10	22:30	28'35"	19	10	0	0	1
2015.06.18	12:45	12'52"	8	8	0	0	0
2015.06.18	18:15	11'33"	10	8	1	0	0
2015.06.18	22:30	28'47"	20	8	0	0	1
2015.06.26	18:15	11'32"	11	7	1	0	0
2015.06.26	22:30	26'52"	12	3	1	0	0
2015.06.29	12:45	12'57"	9	9	0	0	0
2015.06.29	18:15	11'22'	6	10	1	1	0
2015.06.29	22:30	28'37"	6	9	0	0	1
2015.07.07	12:45	13'38"	12	10	1	0	0
2015.07.07	18:15	11'40"	13	9	0	1	0
2015.07.07	22:30	28'31"	9	6	1	0	1
2015.07.15	18:15	12'13"	12	7	0	1	0
2015.07.15	22:30	28'47"	14	10	0	0	1
2015.07.23	12:45	12'35"	7	14	0	0	0
2015.07.23	18:15	11'39"	15	11	0	0	0
2015.07.31	12:45	13'07"	10	10	0	1	0
2015.07.31	18:15	11'28"	15	6	0	1	0
2015.07.31	22:30	27'22"	19	16	1	0	0
2015.08.03	12:45	12'49"	11	10	0	1	0
2015.08.03	18:15	11'31"	9	10	0	1	0
2015.08.03	22:30	27'40"	15	13	1	0	1
2015.08.11	12:45	13'49"	10	17	0	0	0
2015.08.11	18:15	12'32"	12	10	0	0	0
2015.08.11	22:30	28'30"	14	6	0	0	1
2015.08.19	12:45	13'08"	15	10	0	0	0
2015.08.19	18:15	11'45"	13	9	0	0	0
2015.08.19	22:30	28'39"	15	5	0	0	1
2015.08.27	12:45	13'12"	12	8	1	1	0
2015.08.27	18:15	11'59"	9	7	0	0	0
2015.09.04	12:45	13'04"	9	8	1	0	0
2015.09.07	12:45	13'53"	10	11	0	0	0

2015.09.07	18:15	11'43"	12	7	0	0	0
2015.09.15	12:45	13'05"	11	11	0	0	0
2015.09.15	18:15	11'11"	10	6	0	2	0
2015.09.23	12:45	11'23"	6	5	0	0	0
2015.09.23	18:15	12'03"	2	5	0	0	0
2015.10.01	12:45	12'50"	12	12	0	1	0
2015.10.09	12:45	13'36"	9	11	1	0	0
2015.10.09	18:15	12'09"	7	10	0	1	0
2015.10.12	12:45	12'57"	9	13	0	0	0
2015.10.12	18:15	11'51"	11	9	0	0	0
2015.10.20	12:45	12'50"	13	12	0	1	0
2015.10.20	18:15	11'17"	9	6	0	1	0
2015.10.28	12:45	13'18"	9	14	0	1	0
2015.10.28	18:15	11'48"	10	9	0	0	0
2015.10.28	22:30	27'07"	17	6	0	0	1
2015.11.05	12:45	13'12"	11	10	0	0	0
2015.11.05	18:15	11'38"	10	4	0	1	0
2015.11.13	12:45	11'37"	11	12	0	0	0
2015.11.13	18:15	11'33"	8	5	0	0	0
2015.11.13	22:30	28'05"	11	7	0	1	0
2015.11.16	12:45	13'20"	9	11	1	0	0
2015.11.16	18:15	11'35"	7	12	0	0	0
2015.11.16	22:30	28'47"	9	3	0	0	1
2015.11.24	12:45	13'06"	10	11	0	0	0
2015.11.24	18:15	11'33"	8	6	1	1	0
2015.12.02	12:45	12'45"	13	10	0	0	0
2015.12.02	18:15	11'38"	8	8	1	0	0
2015.12.10	12:45	12'36"	5	3	0	2	0
2015.12.10	18:15	11'10"	7	5	0	2	0
2015.12.18	12:45	12'48"	13	15	1	0	0
2015.12.18	18:15	11'52"	11	9	0	0	0
2015.12.18	22:30	27'49"	14	6	0	1	0
2015.12.21	12:45	12'07"	10	9	0	2	0
2015.12.21	18:15	11'43"	10	8	0	0	0
2015.12.21	22:30	28'40"	10	4	0	2	0
2015.12.29	12:45	12'48"	13	11	0	0	0
2015.12.29	18:15	11'09"	7	3	1	1	0
2015.12.29	22:30	28'51"	11	13	1	3	0
TOTAL			1335	1190	34	48	21

Quadro 2. – Grelha Análise Mensal dos Noticiários da ‘Bola Branca’

MÊS	Nº EMISSÕES	NOTÍCIAS	RM'S	PEÇAS	DIRETOS	ENTREVISTAS
Janeiro	10	97	91	0	7	1
Fevereiro	9	94	100	7	0	4
Março	10	87	96	3	2	1
Abril	15	149	156	4	3	3
Mai	10	104	81	3	5	1
Junho	13	151	122	4	1	4
Julho	10	126	99	3	4	2
Agosto	11	135	105	2	3	3
Setembro	7	60	53	1	2	0
Outubro	10	106	102	1	5	1
Novembro	10	94	81	2	3	1
Dezembro	13	132	104	4	13	0
TOTAL	128	1335	1190	34	48	21

Quadro 3. – Grelha Análise Diária Tipo de Notícias Identificadas

DIA	HORA	DURAÇÃO	Breve	Simples [1]	Simples [2]	Complexa	Peça	Direto
2015.01.05	12:45	13'41"	2	2	2	1	0	0
2015.01.05	18:15	12'43"	7	3	3	0	0	0
2015.01.13	12:45	14'06"	2	0	5	0	0	0
2015.01.13	18:15	12'37"	3	2	4	0	0	1
2015.01.21	12:45	13'57"	4	0	3	0	1	0
2015.01.21	18:15	12'22"	3	3	1	0	0	1
2015.01.21	22:30	29'00"	4	2	1	1	0	3
2015.01.29	12:45	13'52"	1	6	3	0	0	0
2015.01.29	18:15	11'04"	5	1	2	0	0	1
2015.01.29	22:30	28'36"	11	0	3	0	0	0
2015.02.06	18:15	11'24"	1	2	3	0	0	0
2015.02.06	22:30	28'17"	6	1	2	1	0	0
2015.02.09	12:45	14'03"	4	3	3	0	0	0
2015.02.17	12:45	13'58"	5	1	5	0	1	0
2015.02.17	18:15	12'46"	3	3	1	0	3	0
2015.02.17	22:30	28'54"	7	3	1	0	2	0
2015.02.25	12:45	13'33"	6	5	3	0	0	0
2015.02.25	18:15	11'32"	5	2	2	0	1	0
2015.02.25	22:30	27'50"	4	3	2	0	0	0
2015.03.05	12:45	12'50"	0	0	5	0	0	0
2015.03.05	18:15	11'46"	3	0	2	0	0	1
2015.03.13	12:45	13'45"	2	6	2	0	0	0

2015.03.13	18:15	12'30"	7	2	2	0	0	1
2015.03.13	22:30	27'43"	3	0	2	1	0	0
2015.03.16	12:45	14'03"	6	1	4	0	0	0
2015.03.16	18:15	11'36"	1	3	0	0	1	1
2015.03.24	12:45	14'04"	4	1	3	0	1	0
2015.03.24	18:15	11'51"	3	3	1	0	1	0
2015.03.24	22:30	29'06"	8	5	1	0	0	0
2015.04.01	12:45	14'05"	1	1	6	0	0	0
2015.04.01	18:15	11'48"	4	4	4	0	0	0
2015.04.01	22:30	29'06"	7	7	2	0	0	0
2015.04.09	12:45	12'46"	2	4	1	0	0	0
2015.04.09	18:15	11'38"	5	4	2	0	1	0
2015.04.09	22:30	28'30"	10	4	1	0	0	0
2015.04.17	12:45	12'35"	4	3	4	0	0	1
2015.04.17	18:15	11'35"	1	3	2	0	0	0
2015.04.17	22:30	28'14"	4	2	1	1	0	0
2015.04.20	12:45	14'04"	0	1	2	0	1	0
2015.04.20	18:15	11'38"	1	1	0	0	0	1
2015.04.20	22:30	28'32"	7	1	1	1	2	0
2015.04.28	12:45	13'57"	5	2	2	0	0	1
2015.04.28	18:15	11'38"	4	4	3	0	0	0
2015.04.28	22:30	28'26"	5	2	5	1	0	0
2015.05.06	12:45	13'16"	8	2	3	0	0	1
2015.05.06	18:15	11'17"	6	4	1	0	0	0
2015.05.06	22:30	27'59"	9	0	0	0	0	1
2015.05.14	12:45	12'54"	6	2	3	0	0	0
2015.05.14	18:15	11'12"	4	6	1	0	0	0
2015.05.22	12:45	12'55"	4	2	2	0	1	1
2015.05.22	18:15	11'22"	3	3	3	0	1	0
2015.05.25	12:45	13'26"	3	3	2	0	0	1
2015.05.25	18:15	11'27"	3	4	2	0	0	1
2015.05.25	22:30	26'58"	4	1	2	1	0	0
2015.06.02	12:45	13'32"	2	2	5	0	0	0
2015.06.02	18:15	12'47"	3	5	4	0	0	0
2015.06.02	22:30	28'17"	8	5	2	0	0	0
2015.06.10	18:15	12'46"	5	6	3	0	0	0
2015.06.10	22:30	28'35"	11	6	2	0	0	0
2015.06.18	12:45	12'52"	3	2	3	0	0	0
2015.06.18	18:15	11'33"	6	1	1	0	1	1
2015.06.18	22:30	28'47"	15	3	2	0	0	0

2015.06.26	18:15	11'32"	5	4	1	0	1	0
2015.06.26	22:30	26'52"	8	2	0	1	1	0
2015.06.29	12:45	12'57"	4	3	2	0	0	0
2015.06.29	18:15	11'22'	1	1	2	0	1	1
2015.06.29	22:30	28'37"	0	2	3	0	0	1
2015.07.07	12:45	13'38"	6	2	3	0	1	0
2015.07.07	18:15	11'40"	9	2	1	0	0	1
2015.07.07	22:30	28'31"	5	2	1	0	1	0
2015.07.15	18:15	12'13"	5	5	1	0	0	1
2015.07.15	22:30	28'47"	7	5	2	0	0	0
2015.07.23	12:45	12'35"	3	1	3	0	0	0
2015.07.23	18:15	11'39"	8	5	2	0	0	0
2015.07.31	12:45	13'07"	2	5	2	0	0	1
2015.07.31	18:15	11'28"	8	6	0	0	0	1
2015.07.31	22:30	27'22"	8	6	3	1	1	0
2015.08.03	12:45	12'49"	3	5	2	0	0	1
2015.08.03	18:15	11'31"	3	3	2	0	0	1
2015.08.03	22:30	27'40"	8	5	1	0	1	0
2015.08.11	12:45	13'49"	2	2	6	0	0	0
2015.08.11	18:15	12'32"	7	2	3	0	0	0
2015.08.11	22:30	28'30"	10	2	2	0	0	0
2015.08.19	12:45	13'08"	8	3	4	0	0	0
2015.08.19	18:15	11'45"	7	2	4	0	0	0
2015.08.19	22:30	28'39"	10	5	0	0	0	0
2015.08.27	12:45	13'12"	7	2	1	0	1	1
2015.08.27	18:15	11'59"	4	3	2	0	0	0
2015.09.04	12:45	13'04"	4	1	3	0	1	0
2015.09.07	12:45	13'53"	5	2	3	0	0	0
2015.09.07	18:15	11'43"	9	1	3	0	0	0
2015.09.15	12:45	13'05"	5	3	3	0	0	0
2015.09.15	18:15	11'11"	6	0	2	0	0	1
2015.09.23	12:45	11'23"	2	3	1	0	0	0
2015.09.23	18:15	12'03"	1	0	1	0	0	0
2015.10.01	12:45	12'50"	3	4	4	0	0	1
2015.10.09	12:45	13'36"	2	5	1	0	1	0
2015.10.09	18:15	12'09"	4	1	1	0	0	1
2015.10.12	12:45	12'57"	3	2	4	0	0	0
2015.10.12	18:15	11'51"	8	0	3	0	0	0
2015.10.20	12:45	12'50"	5	3	4	0	0	1
2015.10.20	18:15	11'17"	3	4	1	0	0	1

2015.10.28	12:45	13'18"	2	3	3	0	0	1
2015.10.28	18:15	11'48"	5	3	2	0	0	0
2015.10.28	22:30	27'07"	9	7	1	0	0	0
2015.11.05	12:45	13'12"	4	6	1	0	0	0
2015.11.05	18:15	11'38"	7	2	0	1	0	1
2015.11.13	12:45	11'37"	3	5	3	0	0	0
2015.11.13	18:15	11'33"	5	1	2	0	0	0
2015.11.13	22:30	28'05"	7	1	1	1	0	1
2015.11.16	12:45	13'20"	3	2	3	0	1	0
2015.11.16	18:15	11'35"	2	2	2	0	0	0
2015.11.16	22:30	28'47"	4	3	2	0	0	0
2015.11.24	12:45	13'06"	5	1	4	0	0	0
2015.11.24	18:15	11'33"	4	1	1	0	1	1
2015.12.02	12:45	12'45"	5	6	2	0	0	0
2015.12.02	18:15	11'38"	3	3	1	0	1	0
2015.12.10	12:45	12'36"	0	3	0	2	0	3
2015.12.10	18:15	11'10"	2	2	1	0	0	2
2015.12.18	12:45	12'48"	5	2	4	0	1	0
2015.12.18	18:15	11'52"	3	5	2	0	0	0
2015.12.18	22:30	27'49"	7	4	1	1	0	1
2015.12.21	12:45	12'07"	2	4	2	1	0	1
2015.12.21	18:15	11'43"	3	6	1	0	0	0
2015.12.21	22:30	28'40"	3	2	1	2	0	1
2015.12.29	12:45	12'48"	3	8	2	0	0	0
2015.12.29	18:15	11'09"	3	1	1	0	1	1
2015.12.29	22:30	28'51"	5	2	0	0	1	3
TOTAL			595	362	278	18	34	48

Quadro 4. – Grelha Análise Mensal Temas das Notícias

TEMAS NOTÍCIAS	Nº Notícias												TOTAL	%
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez		
Análise Equipas	4	4	7	15	5	8	11	8	1	2	1	12	78	5,84%
Análise Jogadores	7	8	12	11	8	11	3	7	5	7	6	0	85	6,37%
Análise Treinadores	0	1	2	6	8	6	5	4	1	3	1	3	40	3,00%
Arbitragem	4	5	5	6	2	9	2	2	5	8	3	6	57	4,27%
Chicotadas	1	2	1	1	4	1	0	0	0	1	0	2	13	0,97%
Disciplina/Justiça	2	7	4	2	1	9	1	1	0	3	2	11	43	3,22%
Físico	0	2	2	8	2	2	1	7	6	3	1	6	40	3,00%
Jogo/Competições	37	50	28	66	34	41	23	59	32	62	57	51	540	40,45%
Transferências/Mercado	30	5	12	23	22	58	46	36	5	5	13	31	286	21,42%

Treino	5	7	7	8	13	0	29	4	4	8	5	4	94	7,04%
Outros	7	3	7	3	5	6	5	7	1	4	5	6	59	4,42%

Quadro 5. – Grelha Análise Mensal de “Acertos” em “Transferências/Mercado”.

<i>TRANSFERÊNCIAS/MERCADO</i>														
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	TOTAL	%
	30	5	12	23	22	58	46	36	5	5	13	31	286	100
SIM	25	4	9	13	13	43	36	33	5	4	10	27	222	77,6
NÃO	5	1	3	10	9	15	10	3	0	1	3	4	64	22,4

Quadro 6. – Grelha Análise Diária de Notícias Abertura (Tema, Tipo e Modalidade)

<i>DIA</i>	<i>HORA</i>	<i>TEMA NOTICIA</i>	<i>TIPO NOTICIA</i>	<i>MODALIDADE</i>
2015.01.05	12:45	Outros	Complexa	Futebol
2015.01.05	18:15	Outros	Simples [2]	Futebol
2015.01.13	12:45	Transferências/Mercado	Simples [2]	Futebol
2015.01.13	18:15	Jogo/Competições	Peça	Futebol
2015.01.21	12:45	Transferências/Mercado	Direto	Futebol
2015.01.21	18:15	Jogo/Competições	Direto	Futebol
2015.01.21	22:30	Jogo/Competições	Complexa	Futebol
2015.01.29	12:45	Transferências/Mercado	Simples [2]	Futebol
2015.01.29	18:15	Análise Jogador	Simples [2]	Futebol
2015.01.29	22:30	Arbitragem	Simples [2]	Futebol
2015.02.06	18:15	Fisico	Simples [2]	Futebol
2015.02.06	22:30	Jogo/Competições	Simples [2]	Futebol
2015.02.09	12:45	Disciplina/Justiça	Breve	Futebol
2015.02.17	12:45	Análise Equipas	Simples [2]	Futebol
2015.02.17	18:15	Jogo/Competições	Complexa	Futebol
2015.02.17	22:30	Jogo/Competições	Peça	Futebol
2015.02.25	12:45	Disciplina/Justiça	Simples [2]	Futebol
2015.02.25	18:15	Jogo/Competições	Peça	Futebol
2015.02.25	22:30	Jogo/Competições	Simples [2]	Futebol
2015.03.05	12:45	Arbitragem	Simples [2]	Futebol
2015.03.05	18:15	Jogo/Competições	Simples [2]	Futebol
2015.03.13	12:45	Análise Equipa	Simples [1]	Futebol
2015.03.13	18:15	Jogo/Competições	Simples [2]	Futebol
2015.03.13	22:30	Jogo/Competições	Simples [2]	Futebol

2015.03.16	12:45	Arbitragem	Simples [2]	Futebol
2015.03.16	18:15	Transferências/Mercado	Simples [1]	Futebol
2015.03.24	12:45	Jogo/Competições	Simples [2]	Futebol
2015.03.24	18:15	Outros	Simples [1]	Futebol
2015.03.24	22:30	Outros	Simples [1]	Futebol
2015.04.01	12:45	Transferências/Mercado	Simples [2]	Futebol
2015.04.01	18:15	Transferências/Mercado	Simples [2]	Futebol
2015.04.01	22:30	Análise Equipe	Simples [1]	Futebol
2015.04.09	12:45	Transferências/Mercado	Simples [2]	Futebol
2015.04.09	18:15	Análise Equipe	Simples [1]	Futebol
2015.04.09	22:30	Transferências/Mercado	Simples [1]	Futebol
2015.04.17	12:45	Arbitragem	Simples [2]	Futebol
2015.04.17	18:15	Transferências/Mercado	Simples [1]	Futebol
2015.04.17	22:30	Jogo/Competições	Simples [2]	Futebol
2015.04.20	12:45	Jogo/Competições	Simples [2]	Futebol
2015.04.20	18:15	Jogo/Competições	Direto	Futebol
2015.04.20	22:30	Jogo/Competições	Peça	Futebol
2015.04.28	12:45	Jogo/Competições	Breve	Futebol
2015.04.28	18:15	Análise Jogador	Simples [2]	Futebol
2015.04.28	22:30	Jogo/Competições	Simples [1]	Futebol
2015.05.06	12:45	Jogo/Competições	Breve	Futebol
2015.05.06	18:15	Jogo/Competições	Breve	Futebol
2015.05.06	22:30	Jogo/Competições	Direto	Futebol
2015.05.14	12:45	Análise Equipe	Simples [2]	Futebol
2015.05.14	18:15	Transferências/Mercado	Simples [2]	Futebol
2015.05.22	12:45	Análise Equipe	Simples [2]	Futebol
2015.05.22	18:15	Jogo/Competições	Breve	Tênis
2015.05.25	12:45	Transferências/Mercado	Simples [1]	Futebol
2015.05.25	18:15	Outros	Direto	Futebol
2015.05.25	22:30	Transferências/Mercado	Simples [2]	Futebol
2015.06.02	12:45	Transferências/Mercado	Simples [2]	Futebol
2015.06.02	18:15	Disciplina/Justiça	Simples [1]	Futebol
2015.06.02	22:30	Outro	Simples [1]	Futebol
2015.06.10	18:15	Transferências/Mercado	Simples [2]	Futebol
2015.06.10	22:30	Transferências/Mercado	Breve	Futebol
2015.06.18	12:45	Arbitragem	Simples [2]	Futebol
2015.06.18	18:15	Transferências/Mercado	Simples [2]	Futebol
2015.06.18	22:30	Jogo/Competições	Simples [2]	Futebol
2015.06.26	18:15	Transferências/Mercado	Peça	Futebol
2015.06.26	22:30	Disciplina/Justiça	Peça	Futebol

2015.06.29	12:45	Disciplina/Justiça	Simples [2]	Futebol
2015.06.29	18:15	Arbitragem	Breve	Futebol
2015.06.29	22:30	Arbitragem	Breve	Futebol
2015.07.07	12:45	Transferências/Mercado	Simples [2]	Futebol
2015.07.07	18:15	Outros	Direto	Futebol
2015.07.07	22:30	Transferências/Mercado	Breve	Futebol
2015.07.15	18:15	Transferências/Mercado	Simples [1]	Futebol
2015.07.15	22:30	Transferências/Mercado	Simples [2]	Futebol
2015.07.23	12:45	Outros	Simples [2]	Futebol
2015.07.23	18:15	Jogo/Competição	Simples [1]	Futebol
2015.07.31	12:45	Transferências/Mercado	Simples [2]	Futebol
2015.07.31	18:15	Jogo/Competição	Direto	Ciclismo
2015.07.31	22:30	Jogo/Competição	Simples [1]	Futebol
2015.08.03	12:45	Jogo/Competições	Simples [2]	Futebol
2015.08.03	18:15	Análise Equipa	Simples [2]	Futebol
2015.08.03	22:30	Análise Equipa	Simples [2]	Futebol
2015.08.11	12:45	Análise Treinador	Simples [2]	Futebol
2015.08.11	18:15	Transferências/Mercado	Simples [2]	Futebol
2015.08.11	22:30	Transferências/Mercado	Simples [2]	Futebol
2015.08.19	12:45	Transferências/Mercado	Breve	Futebol
2015.08.19	18:15	Transferências/Mercado	Simples [1]	Futebol
2015.08.19	22:30	Jogo/Competições	Breve	Futebol
2015.08.27	12:45	Jogo/Competições	Breve	Atletismo
2015.08.27	18:15	Jogo/Competições	Breve	Futebol
2015.09.04	12:45	Outros	Peça	Futebol
2015.09.07	12:45	Jogo/Competições	Simples [2]	Futebol
2015.09.07	18:15	Jogo/Competições	Simples [2]	Futebol
2015.09.15	12:45	Transferências/Mercado	Simples [2]	Futebol
2015.09.15	18:15	Jogo/Competições	Direto	Futebol
2015.09.23	12:45	Análise Jogadores	Simples [2]	Futebol
2015.09.23	18:15	Jogo/Competições	Breve	Futebol
2015.10.01	12:45	Jogo/Competição	Direto	Futebol
2015.10.09	12:45	Arbitragem	Simples [1]	Futebol
2015.10.09	18:15	Jogo/Competição	Direto	Futebol
2015.10.12	12:45	Arbitragem	Simples [2]	Futebol
2015.10.12	18:15	Físico	Breve	Futebol
2015.10.20	12:45	Arbitragem	Simples [1]	Futebol
2015.10.20	18:15	Arbitragem	Simples [1]	Futebol
2015.10.28	12:45	Jogo/Competição	Simples [2]	Futebol
2015.10.28	18:15	Transferências/Mercado	Simples [2]	Futebol

2015.10.28	22:30	Transferências/Mercado	Simples [1]	Futebol
2015.11.05	12:45	Outro	Breve	Futebol
2015.11.05	18:15	Outro	Direto	Futebol
2015.11.13	12:45	Arbitragem	Simples [2]	Futebol
2015.11.13	18:15	Transferências/Mercado	Simples [1]	Futebol
2015.11.13	22:30	Outro	Breve	Futebol
2015.11.16	12:45	Disciplina/Justiça	Peça	Futebol
2015.11.16	18:15	Outro	Simples [1]	Futebol
2015.11.16	22:30	Transferências/Mercado	Breve	Futebol
2015.11.24	12:45	Arbitragem	Simples [2]	Futebol
2015.11.24	18:15	Jogo/Competições	Simples [2]	Futebol
2015.12.02	12:45	Disciplina/Justiça	Breve	Futebol
2015.12.02	18:15	Físico	Simples [1]	Futebol
2015.12.10	12:45	Jogo/Competições	Direto	Futebol
2015.12.10	18:15	Jogo/Competições	Direto	Futebol
2015.12.18	12:45	Outros	Simples [2]	Futebol
2015.12.18	18:15	Transferências/Mercado	Breve	Futebol
2015.12.18	22:30	Outros	Direto	Futebol
2015.12.21	12:45	Disciplina/Justiça	Breve	Futebol
2015.12.21	18:15	Disciplina/Justiça	Simples [1]	Futebol
2015.12.21	22:30	Jogo/Competições	Direto	Futebol
2015.12.29	12:45	Outros	Simples [1]	Futebol
2015.12.29	18:15	Jogo/Competições	Direto	Futebol
2015.12.29	22:30	Jogo/Competições	Breve	Futebol

Quadro 7. – Grelha Análise Mensal de Notícias Abertura (Tema da Notícia)

<i>TEMAS NOTÍCIAS</i>	<i>NOTÍCIAS ABERTURA</i>												<i>TOTAL</i>
	<i>Jan</i>	<i>Fev</i>	<i>Mar</i>	<i>Abr</i>	<i>Mai</i>	<i>Jun</i>	<i>Jul</i>	<i>Ago</i>	<i>Set</i>	<i>Out</i>	<i>Nov</i>	<i>Dez</i>	
Análise Equipas	0	1	1	2	2	0	0	2	0	0	0	0	8
Análise Jogadores	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	3
Análise Treinadores	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Arbitragem	1	0	2	1	0	3	0	0	0	4	2	0	13
Chicotadas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Disciplina/Justiça	0	2	0	0	0	3	0	0	0	0	1	3	9
Físico	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	3
Jogo/Competições	3	5	4	6	4	1	3	4	4	3	1	5	43
Transferências/Mercado	3	0	1	5	3	5	5	4	1	2	2	1	32
Treino	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Outros	2	0	2	0	1	1	2	0	1	0	4	3	16

Quadro 8. – Grelha Análise Mensal de Notícias Abertura (Tipo de Notícia)

TIPO NOTÍCIAS	NOTÍCIAS ABERTURA												TOTAL
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	
Breve	0	1	0	1	3	3	1	4	1	1	3	4	22
Simples [1]	0	0	4	5	1	2	3	1	0	4	2	3	25
Simples [2]	5	5	6	7	4	6	4	6	4	3	3	1	54
Complexa	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
Peça	1	2	0	1	0	2	0	0	1	0	1	0	8
Direto	2	0	0	1	2	0	2	0	1	2	1	5	16

Quadro 9. – Grelha Cruzamento Variáveis Tema e Tipo de Notícias (Unidades)

		Breve	Declarações [S1+S2]	Complexa	Peça	Direto
TEMAS NOTÍCIAS	Análise Equipas	0	76	0	2	0
	Análise Atletas	0	82	1	2	0
	Análise Treinadores	0	40	0	0	0
	Arbitragem	24	26	1	2	4
	Chicotadas	10	2	0	1	0
	Disciplina/Justiça	21	20	0	2	0
	Físico	30	10	0	0	0
	Jogo/Competições	255	222	13	18	32
	Transferência/Mercado	144	133	2	6	1
	Treino	79	10	0	0	5
	Outros	32	19	1	1	6
		595	640	18	34	48

Quadro 10. – Grelha Análise Mensal Comparativa Futebol vs Modalidades (Notícias e RM's)

	FUTEBOL vs MODALIDADE												TOTAL	%
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez		
NOTÍCIAS														
Futebol	96	87	85	135	96	139	112	124	59	100	90	131	1254	94%
Modalidades	1	7	2	14	8	12	14	11	1	6	4	1	81	6%
RM'S														
Futebol	91	98	94	152	81	119	89	104	53	102	81	104	1168	98%
Modalidades	0	2	2	4	0	3	10	1	0	0	0	0	22	2%

Quadro 11 – Grelha Análise Tipo de Notícias das Modalidades

		TIPO NOTÍCIAS MODALIDADES						TOTAL
		Breve	Simples [1]	Simples [2]	Complexa	Peça	Direto	
MODALIDADE	Ténis	20	0	0	0	0	0	20
	Ciclismo	12	1	3	0	3	3	22
	Andebol	5	1	0	0	0	0	6
	Judo	1	0	0	0	0	0	1
	Futebol Praia	1	1	0	0	0	1	3
	Motociclismo	1	1	2	0	0	0	4
	Hóquei Patins	6	0	1	0	0	0	7
	Automobilismo	3	0	1	0	0	0	4
	Voleibol	1	0	0	0	0	0	1
	Futsal	3	0	0	0	0	0	3
	Taekwondo	2	0	0	0	0	0	2
	Atletismo	1	1	1	0	0	0	3
	Basquetebol	5	0	0	0	0	0	5
TOTAL		61	5	8	0	3	4	81

Quadro 12. – Grelha Análise Mensal Vozes das Notícias

VOZES	VOZES DAS NOTÍCIAS												TOTAL	%
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez		
Árbitros	2	0	0	0	0	8	0	0	0	0	0	0	10	0,8%
Atletas	21	18	23	40	17	55	30	31	11	29	23	27	325	27,3%
Treinadores	27	36	28	53	18	19	20	19	14	18	19	21	292	24,6%
Dirigentes	12	15	21	23	8	12	18	11	9	25	15	17	186	15,6%
Ex-Árbitros	0	0	0	2	1	0	4	0	1	0	2	3	13	1,1%
Ex-Atletas	21	18	13	29	15	7	18	21	10	18	13	15	198	16,6%
Ex-Treinadores	0	0	4	3	7	0	0	3	2	3	0	7	29	2,4%
Ex-Dirigentes	4	3	6	2	9	5	4	10	2	8	4	5	62	5,2%
Empresários	1	6	0	2	4	11	0	5	1	0	1	1	32	2,7%
Outros	3	4	1	2	2	5	5	5	3	1	4	8	43	3,7%

Quadro 13 – Grelha Análise Mensal Vozes das Notícias/Protagonistas (Futebol e Modalidades)

VOZES/PROTAGONISTAS													
VOZES	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	TOTAL
Total Futebol	91	98	94	152	81	119	89	104	53	102	81	104	1168
Protagonistas Futebol	49	50	51	95	27	58	53	42	22	36	36	33	552
Total Modalidades	0	2	2	4	0	3	10	1	0	0	0	0	22
Protagonistas Modalidades	0	2	2	4	0	3	6	1	0	0	0	0	18

Quadro 14. – Grelha Análise Mensal de declarações obtidas em ocs

VOZES (Total=1190)														
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	TOTAL	%
Imprensa	9	2	2	8	5	14	7	3	4	7	9	11	81	6,8%
Clubes	9	1	0	6	4	14	22	11	4	1	10	8	90	7,6%
Outros	1	2	1	2	0	7	0	2	2	0	3	0	20	1,7%
TOTAL	19	5	3	16	9	35	29	16	10	8	22	19	191	16,1%

Quadro 15. – Grelha Análise Mensal Duração RM's

DURAÇÃO RM'S														
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	TOTAL	%
Até 10"	2	3	4	7	0	4	6	3	1	11	2	7	50	4,2%
Até 20"	13	25	15	34	12	26	21	17	6	19	12	19	219	18,4%
Até 30"	24	26	23	48	18	39	19	23	15	22	15	16	288	24,2%
Até 40"	19	22	19	24	23	15	18	27	6	20	16	21	230	19,3%
Até 50"	15	11	7	20	8	12	19	10	9	13	14	13	151	12,7%
Até 1'	6	6	13	15	14	13	7	17	8	8	12	9	128	10,8%
Mais 1'	12	7	15	8	6	13	9	8	8	9	10	19	124	10,4%
TOTAL	91	100	96	156	81	122	99	105	53	102	81	104	1190	100,0%

Quadro 16 – Grelha Análise Mensal Tipo Fontes de Informação

FONTES DAS NOTÍCIAS														
FONTES	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	TOTAL	%
Árbitros	2	0	0	0	0	5	0	0	0	0	0	0	7	0,6%
Anónimas	2	3	2	3	1	6	5	1	2	2	6	5	38	3,2%
Atletas	6	13	14	31	9	39	19	22	8	18	14	18	211	17,8%
Clubes	21	1	3	4	10	15	6	15	3	1	6	10	95	8,0%
Dirigentes	9	6	12	13	6	9	10	9	5	19	13	15	126	10,7%
Documentais	5	0	1	0	0	3	2	1	0	1	0	0	13	1,1%
Empresários	1	3	0	2	2	4	0	2	1	0	1	1	17	1,4%
Especializada	2	1	2	7	4	2	1	0	3	1	1	18	42	3,6%
Ex-Atletas	10	12	10	21	10	7	12	9	7	8	8	19	133	11,2%
Ex-Dirigentes	1	4	2	2	4	3	4	5	0	1	1	2	29	2,5%
Ex-Treinadores	0	1	4	1	2	0	0	0	0	1	0	2	11	0,9%
Jornalistas	4	6	4	6	7	3	8	5	2	6	4	8	63	5,3%
Media	10	2	0	15	13	16	13	9	4	8	8	11	109	9,2%
Organismos	7	4	2	10	0	3	0	10	6	4	4	9	59	5,0%
Outros	2	1	0	2	2	9	6	5	2	1	3	3	36	3,0%
Redes Sociais	0	1	0	1	0	2	1	2	0	1	0	2	10	0,8%
Treinadores	12	16	14	26	17	17	15	18	7	13	14	15	184	15,6%

Quadro 17. – Grelha Análise Mensal Fontes de Informação

FONTES DAS NOTÍCIAS														
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	TOTAL	%
1 Fonte	59	50	48	71	44	81	48	69	23	48	38	81	660	49,4%
2 ou + Fontes	14	12	15	31	19	24	26	22	11	21	22	23	240	18,0%
Sem Referência	24	32	24	47	41	46	52	44	26	37	34	28	435	32,6%